MEG CABOT Sob pseudônimo de JENNY CARROL

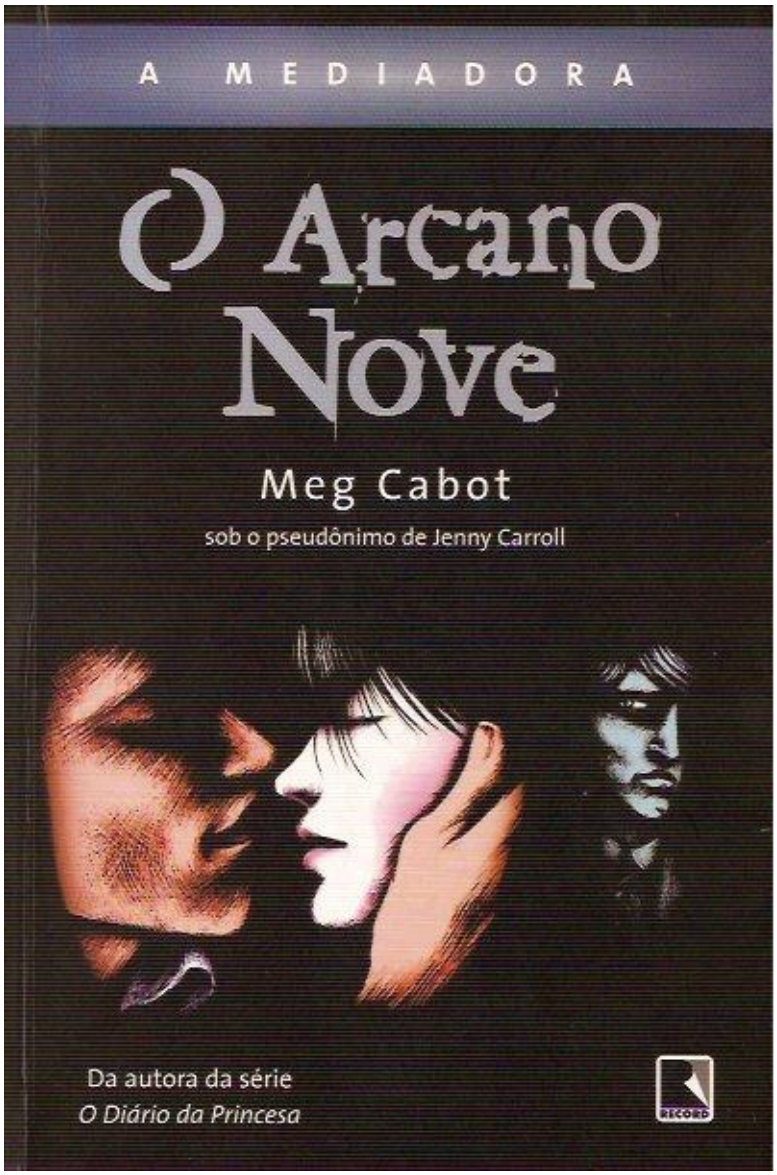
A MEDIADORA

O arcano nove



autora da série
O Diário da Princesa

galera



DIGITAL Source

Índice

Índice 2

Capítulo 1 3

Capítulo 2 11

Capítulo 3 19

Capítulo 4 28

Capítulo 5 34

Capítulo 6 41

Capítulo 7 47

Capítulo 8 52

Capítulo 9 56

Capítulo 10..... 62

Capítulo 11..... 71

Capítulo 12..... 77

Capítulo 13..... 82

Capítulo 14..... 88

Capítulo 15..... 93

Capítulo 16..... 100

Capítulo 17..... 105

Capítulo 18..... 113

Capítulo 19..... 118

Capítulo 20..... 122

Capítulo 21..... 126

Capítulo 22..... 130

Capítulo 23..... 137

2

Capítulo 1

Ninguém me contou sobre o sumagre venenoso. Ah, contaram sobre as palmeiras. É, contaram muita coisa sobre as palmeiras, certo. Mas ninguém disse uma palavra sobre a história do sumagre venenoso.

- O negócio, Suzannah...

O padre Dominic estava falando comigo. Eu tentava prestar atenção, mas deixe-me dizer uma coisa: sumagre venenoso coça.

- Como mediadores, o que eu e você somos, Suzannah, nós temos uma responsabilidade. Dar ajuda e consolo às almas desafortunadas que sofrem no vazio entre os vivos e os mortos.

Bom, é, as palmeiras são legais e tudo. Foi maneiro sair do avião e ver as palmeiras em toda parte, especialmente porque eu tinha ouvido dizer que podia ficar bem frio à noite no norte da Califórnia.

Mas que negócio é esse do sumagre venenoso? Como é que ninguém me avisou disso?

- Veja bem, como mediadores, Suzannah, é nosso dever ajudar as almas perdidas a ir para onde devem. Nós somos seus guias, por assim dizer. Sua conexão espiritual entre este mundo e o outro.

- O padre Dominic ficou mexendo num maço de cigarros fechado sobre sua mesa e me olhou com aqueles grandes olhos azul -bebê. - Mas quando a pessoa que serve de elemento de ligação espiritual pega sua cabeça fantasmagórica e bate com ela numa porta de armário... bem, esse tipo de comportamento não produz exatamente o tipo de confiança que gostaríamos de estabelecer com nossos irmãos e irmãs perturbados.

Ergui os olhos da erupção vermelha nas minhas mãos. Erupção. Essa nem era a palavra certa. Era como um fungo. Pior até do que um fungo. Era um câncer. Um câncer insidioso que, com o tempo, consumiria cada centímetro da minha pele lisa e sem manchas, cobrindo a de calombos vermelhos e escamosos. Que por sinal soltavam líquido.

- É - falei -, mas se os irmãos e irmãs perturbados estão pegando pesado com a gente, não vejo por que é um crime tão grande eu só agarrá -los e jogar contra o...

- Mas você não vê, Suzannah? - O padre Dominic apertou com força o maço de cigarros. Eu só o conhecia há duas semanas, mas sempre que ele começava a acariciar os cigarros, que, a propósito, ele nunca fumava, queria dizer que estava

chateado com alguma coisa.

Essa coisa, em particular, parecia ser eu.

3

- E é por isso que você é chamada de mediadora - explicou ele. - Você deveria estar ajudando a levar essas almas perturbadas à realização espiritual...

- Olha, padre Dom - falei escondendo minhas mãos que soltavam lí quido. - Eu não sei com que tipo de fantasmas o senhor andou lidando ultimamente, mas os que andaram esbarrando comigo têm tanta probabilidade de achar realização espiritual quanto eu de achar uma fatia de pizza decente, estilo Nova York, nesta cidade. Não vai acontecer. Esses caras vão para o Inferno, para o Céu ou para a próxima vida na forma de uma lagarta em Kathmandu, mas de qualquer modo que a gente veja a coisa, alguns às vezes vão precisar de um pequeno chute na bunda para chegar lá...

- Não, não, não. - O padre Dominic se inclinou para frente. Não podia se inclinar muito porque há cerca de uma semana uma daquelas suas almas perturbadas tinha decidido adiar o esclarecimento espiritual e em vez disso tentou arrancar a perna dele. Além disso, partiu duas de suas costelas, deu-lhe uma concussão bem maneira, arrebentou com a escola numa boa e - vejamos - o que mais?

- Ah, é. Tentou me matar.

O padre Dominic estava de volta à escola, mas usava um gesso que ia até os dedos dos pés e desaparecia debaixo da b atina preta, quem sabe até onde?

Pessoalmente eu não gostava de pensar nisso.

Mas ele estava se saindo muito bem com aquelas muletas. Seria capaz de perseguir os garotos atrasados de um lado para o outro dos corredores, se fosse preciso. Mas como era o dir etor, e cuidar dos retardatários ficava por conta das noviças, ele não precisava. Além disso, o padre Dom era bem legal e não faria isso nem se pudesse.

Mas leva um pouco a sério demais o negócio dos fantasmas, se você quer saber.

- Suzannah - disse ele em voz cansada. - Você e eu, para o bem ou para o mal, nascemos com um dom incrível: a capacidade de ver os mortos e falar com eles.

- Lá vem o senhor de novo com esse papo de dom – falei revirando os olhos. -

Francamente, padre, eu não vejo isso assim.

Como poderia ver? Desde os dois anos - dois anos de idade - eu fui incomodada, pentelhada, perseguida por espíritos inquietos. Durante quatorze anos suportei o abuso deles, ajudando -os quando podia, batendo neles quando não podia, sempre com medo de alguém des cobrir meu segredo e me revelar como a monstruosidade biológica que eu sempre soube que sou, mas que tentei tão desesperadamente esconder de minha mãe doce e sofredora.

E então mamãe se casou de novo, se mudou e me levou para a Califórnia - no meio do segundo ano do segundo grau, muito obrigada - onde, maravilha das maravilhas, acabei conhecendo alguém que sofria do mesmo terrível talento: o padre Dominic.

Só que o padre Dominic se recusa a ver nosso "dom" do mesmo modo que eu.

Para ele é uma oportunidade maravilhosa de ajudar pessoas necessitadas.

4

É, está bem. Tudo bem para ele. Ele é um padre. Não é uma garota de dezesseis anos que, olá, gostaria de ter uma vida social.

Se você me perguntasse, um "dom" teria algum lado positivo. Como uma força sobre-humana ou a capacidade de ler mentes, ou alguma coisa assim. Mas eu não tenho nada dessas coisas legais. Sou apenas uma garota comum de dezesseis anos -

bem, certo, com uma aparência acima da média, se é que eu mesma posso dizer - que por acaso é capaz de conver sar com os mortos.

Grande coisa.

- Suzannah - disse ele agora, muito sério. - Nós somos mediadores. Não somos... bem... exterminadores. Nosso dever é intervir a favor dos espíritos e guiá -los para seu destino definitivo. Fazemos isso através de orientação gentil e

aconselhamento, e não desferindo um murro no rosto ou fazendo exorcismos.

Ele ergueu a voz ao dizer a palavra exorcismos, mesmo sabendo perfeitamente que eu só tinha feito os exorcismos como último recurso. Quero dizer, tecnicamente isso foi culpa do fantasma, e não minha.

- Certo, certo, já chega - falei, levantando as duas mãos num gesto meio de rendição. - De agora em diante vou experimentar do seu modo. Vou fazer a coisa gentilzinha.

- Minha nossa! Vocês, da Costa Oeste... Com vocês é tudo tapi nhas nas costas e sanduíches de abacate, não é?

O padre Dominic balançou a cabeça.

- E como você chamaria sua técnica de mediação, Suzannah? Cacetadas na cabeça e chaves de braço?

- Muito engraçado, padre Dom. Agora posso voltar para a aula?

- Ainda não. - Ele brincou mais um pouco com os cigarros, batendo com o maço como se fosse abri-lo. Este vai ser o dia. - Como foi o seu fim de semana?

- Maneiro - falei. Levantei as mãos, com os nós dos dedos virados para ele. -

Está vendo?

Ele forçou a vista.

- Santo Deus, Suzannah. O que é isso?

- Sumagre venenoso. Foi legal ninguém ter me dito que isso cresce em tudo que é lugar por aqui.

- Não cresce em toda parte. Só na floresta. Você esteve numa floresta neste fim de semana? - Então seus olhos se arregalaram por t rás das lentes dos óculos. -

Suzannah! Você não foi ao cemitério, foi? Não foi sozinha, pelo menos. Eu sei que você se acha invencível, mas não é totalmente seguro uma jovem como você andar por cemitérios, mesmo sendo uma mediadora.

Baixei as mãos e disse, enojada:

5

- Eu não peguei isso em nenhum cemitério. Eu não estava trabalhando. Peguei na festa da piscina de Kelly Prescott no sábado à noite.

- Festa da piscina de Kelly Prescott? - O padre Dominic ficou confuso. - Como você pode ter achado sumagre veneno so lá?

- Tarde demais, notei que provavelmente deveria ter ficado de boca fechada.

Agora teria de explicar - ao diretor da minha escola, que por acaso era um padre, nada menos do que isso - que havia corrido um boato na metade da festa dizendo que meu irmão adotivo, Dunga, e uma garota chamada Debbie Mancuso estavam transando no vestiário da piscina.

Claro que eu havia negado a possibilidade, já que sabia que Dunga estava de castigo. O pai de Dunga - meu novo padrasto que, para um cara bem tranqüilo, tipo Califórnia, acabou se mostrando um disciplinador bem sério - tinha posto Dunga de castigo por ter chamado um amigo meu de veado.

Então, quando correu o boato de que Dunga e Debbie Mancuso estavam mandando ver no vestiário da piscina, eu tive quase certeza d e que todo mundo estava enganado. Fiquei insistindo que Brad (todo mundo, menos eu, chama Dunga de Brad, que é seu nome de verdade, mas acredite, Dunga, o anão maluco, combina muito mais) estava em casa ouvindo Marilyn Manson com os fones de ouvido, já que seu pai também tinha confiscado as caixas de som dele.

Mas então alguém disse:

- Vá dar uma olhada. - E eu cometi o erro de fazer isso, indo nas pontas dos pés até a janelinha que tinham indicado e espiando por ela.

Eu nunca quis especificamente ver algum dos meus irmãos adotivos pelado.

Não que eles sejam feios nem nada. Soneca, o mais velho, é considerado meio garanhão pela maioria das garotas da Academia da Missão Junipero Serra, onde ele está no último ano e eu no segundo. Mas isso não significa que eu tenha vontade de vê-lo andando pela casa sem cueca. E claro que Mestre, o mais novo, só tem doze anos, é totalmente adorável com seus cabelos ruivos e orelhas de abano, mas não é o que você chamaria de um gato.

Quanto ao Dunga... bem, eu particularmente n unca quis ver Dunga em pêlo. De fato, Dunga deve ser a última pessoa na terra que eu gostaria de ver nu.

Felizmente, quando olhei pela janela, vi que os relatórios sobre o estágio de nudez do meu irmão - bem como sua voracidade - tinham sido grandemente exagerados. Ele e Debbie só estavam dando uns amassos. Isso não quer dizer que eu não tenha ficado completamente repugnada. Quero dizer, eu não senti exatamente orgulho porque meu irmão estava ali entrelaçando a língua com a segunda pessoa mais estúpida da nossa turma, depois dele.

Desviei o olhar imediatamente, claro. Quero dizer, a gente tem o canal Showtime em casa, pelo amor de

Deus. E já vi muito beijo de língua antes. Não iria ficar ali de boca aberta enquanto meu irmão fazia aquilo. E, quanto a Debbie Mancuso, bem, só posso dizer que ela deveria dar um tempo. Ela não pode se dar ao 6

luxo de perder mais neurônios do que já perdeu, com todo o fixador e a musse de cabelo que passa no banheiro feminino, entre as aulas.

Foi enquanto eu estava cambaleando enoj ada para longe da janela do vestiário, acima de um pequeno caminho de cascalho, que acho que tropecei numa moita de sumagre venenoso. Não me lembro de ter entrado em contato com vida vegetal em qualquer outro momento deste final de semana, já que sou do ti po de garota que geralmente fica em lugares fechados.

E deixe-me dizer, eu realmente tropecei naquelas plantas. Estava meio tonta por causa do horror do que tinha visto - você sabe, as línguas e coisa e tal - e, além disso, estava com sapatos de plataforma e meio que perdi o equilíbrio. As plantas às quais eu me agarrei é que me salvaram da ignomínia de desmoronar no deque da piscina de Kelly Prescott.

Mas o que contei ao padre Dominic foi uma versão condensada. Disse que devo ter tropeçado numa moita de su magre venenoso quando estava saindo da piscina dos Prescott.

O padre Dominic pareceu aceitar isso, e disse:

Bem, um pouco de hidrocortisona deve resolver. Você deveria procurar a enfermeira quando sair daqui. Certifique -se de não coçar, para não espalhar.

É, obrigada. Melhor não respirar também. Na certa isso vai ser tão fácil quanto.

O padre Dominic ignorou meu sarcasmo. É engraçado que nós dois sejamos mediadores. Nunca conheci outra pessoa que fosse - de fato, até umas semanas atrás, eu achava que era a única mediadora em todo o mundo.

Mas o padre Dominic diz que há outros. Ele não sabe quantos, nem mesmo como, exatamente, os poucos de nós foram por acaso escolhidos para nossa ilustre -

eu mencionei sem remuneração? - carreira. Acho que a gente deveria pu blicar um boletim, ou algo do tipo. Mediadores hoje. E fazer congressos. Eu poderia dar um seminário sobre cinco modos fáceis de dar porrada em um fantasma sem bagunçar o cabelo.

De qualquer modo, voltando a mim e ao padre Dominic, para duas pessoas que têm a mesma capacidade estranha de falar com os mortos, não poderíamos ser mais diferentes. Além da coisa da idade, já que o padre Dom tem sessenta e eu dezesseis, ele é o próprio Sr. Gentil, ao passo que eu...

Bem, não sou.

Não que não tente ser. Só que uma coisa que aprendi com tudo isso é que nós não temos muito tempo aqui na Terra. Então por que desperdiçar aceitando as merdas dos outros? Particularmente quando já estão mortos?

- Além do sumagre venenoso - disse o padre Dominic. - Há mais alguma coisa acontecendo em sua vida

que você acha que eu deveria saber?

Qualquer coisa na minha vida e que eu achasse que ele deveria saber.

Vejamos...

7

Que tal o fato de que eu tenho dezesseis anos, e até agora, diferentemente de meu irmão adotivo Dunga, nunca fui beijad a, quanto mais convidada para sair?

Não é assim tão importante - especialmente para o Padre Dom, um cara que fez voto de castidade uns trinta anos antes de eu nascer -, mas ainda assim é humilhante.

Aconteceu um monte de beijos na festa de Kelly Prescott - e até umas coisas mais pesadas -, mas ninguém tentou travar os lábios comigo. Numa certa hora um garoto que eu não conhecia me convidou para dançar agarradinho. E eu disse sim, mas só porque Kelly gritou comigo depois de eu ter dispensado o cara na prime ira vez em que ele pediu. Parece que o garoto era um cara por quem ela tinha uma queda há um tempo. Não sei como é que eu dançar agarradinho com o cara iria fazer com que ele gostasse de Kelly, mas depois de eu dispensá -lo da primeira vez ela me acuou em s eu quarto, onde eu tinha ido verificar o cabelo, e, com lágrimas nos olhos, me informou que eu tinha arruinado sua festa.

Arruinei sua festa? - Eu estava genuinamente perplexa. Morava na Califórnia há duas semanas inteiras, por isso estava espantada porque tinha conseguido me tornar uma pária em tão pouco tempo. Kelly já estava furiosa comigo, eu sabia, porque eu tinha convidado à sua festa meus amigos Cee Cee e Adam, que ela e praticamente todo mundo no segundo ano da Academia da Missão consideram uns esquisitos. Agora, pelo jeito, eu tinha tripudiado ao não concordar em dançar com um garoto que eu nem conhecia.

- Meu Deus - disse Kelly, quando ouviu isso. - Ele está no primeiro ano da Robert Louis Stevenson, certo? É o pivô do time de basquete, o astro. Ga nhou a regata do ano passado em Pebble Beach e é o cara mais gato do Vale, depois de Bryce Martinsen. Suze, se você não dançar com ele eu juro que nunca mais falo com você.

- Tudo bem - falei. - Mas o que é que está por trás disso?

- Eu só... - disse Kelly, enxugando os olhos com o dedo de unha muito bem feita -... quero que tudo corra bem de verdade. Eu já estou de olho nesse cara há um tempo, e...

- Ah, é, Kel. E me obrigar a dançar com ele realmente vai fazer com que ele goste de você.

Mas quando apontei para essa incoerência lógica em seu processo de pensamento ela só disse:

- Faça isso - só que não como dizem nos anúncios da Nike. Disse do modo como a Bruxa Má do Oeste falou aos macacos alados quando os mandou matar Dorothy e seu cachorrinho.

Eu não tenho medo de Kelly nem nada, mas, verdade, quem precisa de encrenca?

Então voltei para fora e fiquei ali, em meu maiô Calvin Klein - com uma canga amarrada casualmente na cintura, totalmente sem saber que tinha acabado de tropeçar 8

numa moita de sumagre venen oso, enquanto Kelly ia até o gato dos seus sonhos e pedia que ele me pedisse de novo para dançar.

Enquanto eu estava ali parada, tentei não pensar que o único motivo que ele teria para querer dançar comigo era que eu era a única garota na festa usando roup a de banho. Como nunca tinha sido convidada a uma festa da piscina, tinha acreditado erroneamente que as pessoas nadavam nessas festas e me vestido de acordo.

Aparentemente não era assim. Afora meu irmão adotivo, que aparentemente tinha se esquentado demais no abraço passional de Debbie Mancuso e tirado a camisa, eu era a pessoa usando a menor quantidade de roupa.

Inclusive menos do que o gato dos sonhos de Kelly. Ele apareceu alguns minutos depois, com expressão séria, calça branca e camisa de seda preta. O próprio prego de Nova York, mas, afinal de contas, aqui era a Costa Oeste, de modo que como ele ia saber?

- Quer dançar? - perguntou ele numa voz realmente suave. Eu mal pude ouvir acima dos berros de Sheryl Crow estrondeando nas caixas de som do deque d a piscina.

- Olha - falei, pousando minha Diet Coke. - Eu nem sei o seu nome.

- É Tad.

E então, sem dizer outra palavra, ele passou o braço pela minha cintura, me puxou e começou a balançar no ritmo da música.

Com a exceção da vez em que eu me joguei em ci ma de Bryce Martinsen para tirá-lo do caminho quando um fantasma estava tentando esmagar seu crânio com uma enorme tora de madeira, era o mais próximo do corpo de um garoto - um garoto vivo, que ainda estivesse respirando - que eu já havia estado.

E deixe-me dizer: mesmo com a camisa de seda preta, eu gostei. A sensação do cara era boa. Ele era todo quente - eu estava meio que sentindo frio no maiô; como era janeiro, claro, deveria estar frio demais para um maiô, mas aqui era a Califórnia, afinal de contas -, e ele cheirava a algum sabonete realmente legal, realmente caro.

Além disso, era mais alto do que eu apenas o suficiente para sua respiração meio que roçar na minha bochecha daquele jeito provocador, tipo romance açucarado.

Vou te contar, fechei os olho s, passei os braços em volta do pescoço do cara e balancei com ele durante os dois minutos mais longos e mais bem -aventurados da minha vida.

Então a música acabou.

- Obrigado - disse Tad na mesma voz macia que tinha usado antes e me soltou.

E foi só isso. Ele se virou e voltou ao seu grupo de caras que estavam perto do barril de chope que o pai de Kelly tinha comprado para ela com a condição de não deixar ninguém dirigir bêbado para casa, condição que Kelly estava cumprindo rigidamente, não bebendo e andand o com um celular com o número da Táxis Carmel na memória.

9

E então, pelo resto da festa, Tad me evitou. Não dançou com mais ninguém.

Mas não falou comigo de novo.

Fim do jogo, como diria Dunga.

Mas eu não achei que o padre Dominic quisesse saber sobre meus ficantes. Por isso falei:

Nada. Niente. Nothing.

- Estranho - disse o padre Dominic, pensativo. - Eu diria que houve alguma atividade paranormal...

- Ah. O senhor quer dizer que aconteceu alguma coisa de fantasmas?

Agora ele não parecia pensativo. Parecia meio chateado.

- Bem, sim, Suzannah - disse ele tirando os óculos e beliscando o osso do nariz entre o polegar e o indicador, como se tivesse subitamente uma dor de cabeça. - Claro, é isso que eu quis dizer. - Ele recolocou os óculos. - Por quê? Aconteceu alguma coisa? Você encontrou alguém? Quero dizer, desde aquele incidente infeliz que resultou na destruição da escola?

Falei devagar:

- Bem...

10

Capítulo 2

Na primeira vez em que ela apareceu foi mais ou menos uma hora depois de eu ter voltado da festa de piscina para casa. Por volta das três da manhã, acho. E o que ela fez foi parar perto da minha cama e começar a gritar.

Gritar de verdade. Alto de verdade. Ela me acordou de um sono de pedra. Eu estava ali sonhando com o Bryce Martinsen. No sonho, eu e e le estávamos percorrendo a Seventeen Mile Drive num conversível vermelho. Não sei de quem era o conversível. Dele, acho, já que eu ainda não tenho carteira de motorista. O cabelo macio e cor de trigo de Bryce estava balançando ao vento e o sol ia afundando no mar, deixando o céu todo vermelho, laranja e roxo. Nós estávamos fazendo curvas, sabe, nos penhascos acima do Pacífico, e eu nem me sentia enjoada por causa do carro nem nada. Era um sonho realmente fantástico.

Então a mulher começou a berrar, praticam ente no meu ouvido.

E eu pergunto a você: Por que eu?

Claro que me sentei imediatamente, totalmente acordada. Uma mulher morta aparecer berrando no quarto faz isso com a gente. Quero dizer: acordar na hora.

Fiquei ali sentada piscando, porque meu quarto es tava escuro de verdade - bem, era de noite. Você sabe, de noite, quando as pessoas normais dormem.

Mas não nós, os mediadores. Ah, não.

Ela estava parada num trecho fino de luar que entrava pelas janelas salientes do outro lado do meu quarto. Usava um agas alho de moletom com capuz, camiseta, calças pescando siri e tênis de cano alto. O cabelo era curto, castanho ruço. Era difícil dizer se era nova ou velha com aquela gritaria toda, mas meio que deduzi que tinha mais ou menos a idade da minha mãe.

Por isso não saí da cama e não lhe dei um soco ali, na hora.

Provavelmente deveria ter dado. Quero dizer, eu não podia exatamente berrar de volta para ela sem acordar a casa inteira. Eu era a única que podia ouvi -la.

Bem, pelo menos a única viva.

Depois de um tempo acho que ela notou que eu estava acordada, porque parou de gritar e enxugou os olhos. Estava chorando pra cacete.

- Desculpe - disse ela.

- É, bem, você conseguiu minha atenção. Agora, o que você quer?

- Eu preciso de você. - Ela estava fungando. – Preciso que você diga uma coisa a uma pessoa.

- Certo. O quê?

11

- Diga a ele... - Ela enxugou o rosto com as mãos. – Diga que não foi culpa dele. Ele não me matou.

Essa era nova. Levantei as sobrancelhas.

- Dizer a ele que ele não matou você? - perguntei, só para ter certeza de que tinha ouvido direito.

Ela confirmou com a cabeça. Era meio bonita, acho de um jeito meio abandonado. Ainda que provavelmente não teria feito mal se tivesse comido um ou dois bolinhos quando estava viva.

- Você diz? - perguntou ela, ansiosa. - Promete?

- Claro. Eu digo. Mas para quem?

Ela me olhou de um jeito engraçado.

- Red, claro.

Red? Ela estava brincando?

Mas era tarde demais. A mulher tinha sumido.

Assim.

Red. Eu me virei e bati no travesseiro para afofar de novo. Red.

Por que eu? Quero dizer, fala sério. Ser interrompida durante um sonho com Bryce Martinsen só porque uma mulher quer que um cara chamado Red saiba que não a matou... Juro, algumas vezes me convenço de que minha vida não passa de uma série de esquetes para as Videocasseta das, sem as partes em que as calças caem.

Só que minha vida não é tão engraçada, se você pensar bem.

Especialmente eu não estava rindo quando, no minuto em que por fim achei um ponto confortável no travesseiro e ia fechar os olhos de novo para voltar a dor mir, outra pessoa apareceu na faixa de luar no meio do meu quarto.

Dessa vez não houve nenhum grito. Foi praticamente a única coisa pela qual me senti grata.

- O que é? - perguntei com uma voz bem grosseira.

Ele falou, balançando a cabeça:

- Você nem perguntou o nome dela.

Eu me inclinei para frente, me apoiando nos dois cotovelos. Era por causa desse cara que eu tinha passado a usar camiseta e short para dormir. Não que eu ficasse andando por aí em camisolas diáfanas

antes de ele ter aparecido, mas certamente não iria começar a usar agora que estava dividindo o quarto com alguém do sexo masculino.

- É, você leu isso direito.

- Como se ela tivesse me dado a chance - falei.

12

Você poderia ter perguntado. - Jesse cruzou os braços diante do peito. - Mas não se incomodou.

- Com licença - falei sentando-me. - Este é o meu quarto. Vou tratar os visitantes especiais que entrarem nele como eu quiser, muito obrigada.

- Suzannah.

Ele tinha a voz mais suave que se possa imaginar. Mais ainda do que aquele cara, o Tad. Era como seda, ou alguma coisa do tipo. Era realmente difícil ser má com um cara que tinha uma voz daquelas.

Mas o negócio é que eu precisava ser má. Porque mesmo ao luar eu podia perceber a largura de seus ombros fortes, a abertura em "v" de sua camisa branca e fora de moda, revelando uma pele morena, azeitonada, alguns pêlos no peito e provavelmente os abdominais mais bem definidos que você já viu. Também podia ver os planos fortes de seu rosto, a cicatriz minúscula numa das sobrancelhas pretíssimas, onde alguma coisa - ou alguém - tinha-o cortado uma vez.

Kelly Prescott estava errada. Martinsen não era o cara mais gato de Carmel.

Era Jesse.

E se eu não fosse má com ele, sabia que ia acabar me apaixonando.

E o problema era, veja bem, ele estava - hum - morto.

- Se você vai fazer isso, Suzannah - disse ele naquela voz sedosa - não faça pela metade.

- Olha, Jesse. - Minha voz não estava nem um pouco sedosa. Era dura que nem pedra. Ou foi o que eu disse a mim mesma, pelo menos. - Eu venho fazendo isso há muito tempo sem ajuda sua, certo?

- Ela estava obviamente muito carente e você...

- E você? - perguntei irritada. - Vocês dois vivem no mesmo plano astral, se é que não estou enganada. Por que você não pegou a patente e o número de registro dela?

- Patente e o quê?

Algumas vezes eu esqueço que Jesse morreu há uns cento e cinqüenta anos.

Não está exatamente a par do jargão do século vinte e um, se é que você me entende.

- O nome dela - traduzi. - Por que você não pegou o nome dela?

Ele balançou a cabeça.

- Não funciona assim.

Jesse vive dizendo coisas desse tipo. Coisas cifradas sobre o mundo espiritual que eu, não sendo um espírito, ainda assim deveria entender. Vou te contar, isso me enche o saco. Somando isso ao espanhol - que eu não falo, e que ele usa ocasionalmente, em especial quando está furioso -, eu não faço idéia do que Jesse está dizendo mais ou menos um terço das vezes.

13

O que é irritante pra burro. Quero dizer, eu tenho de dividir meu quarto com o cara porque foi nesse quarto que ele levou um tiro, ou sei lá o quê, tipo em 1850, quando a casa era uma espécie de pensão para garimpeiros e vaqueiros - ou, no caso de Jesse, filhos de fazendeiros ricos que deveriam se casar com suas primas lindas e ricas, mas que eram tragicamente assassinados no caminho para a cerimônia.

Pelo menos foi o que tinha acontecido com Jesse. Não que ele tivesse me contado isso, nem nada. Não, eu tive de deduzir sozinha... ainda que meu irmão adotivo Mestre tenha ajudado. Não é um assunto que Jesse pareça muito interessado em discutir. O que é meio estranho porque, na minha experiência, tudo que os mortos querem falar é como foram para a outra banda.

Mas não Jesse. Ele só quer falar de como eu sou uma mediadora fajuta.

Mas talvez ele tenha alguma razão. Quero dizer, segundo o padre Domi nic, eu deveria estar servindo de condutora espiritual entre a terra dos vivos e a terra dos mortos. Mas na maior parte do tempo o que estava fazendo era reclamar porque ninguém me deixava dormir.

- Olha - falei -, eu pretendo ajudar aquela mulher. Só que não agora, certo?

Agora eu preciso dormir um pouco.

- Estou totalmente esfrangalhada.

- Esfrangalhada? - ecoou ele.

- É. Esfrangalhada. - Algumas vezes acho que Jesse também não entende um terço do que eu falo, se bem que pelo menos eu estou falando nossa língua.

- Arrasada - traduzi. - Morta. Em farrapos. Exausta.

- Ah. - Ele ficou ali parado um minuto, me espiando com aqueles olhos escuros, tristes. Jesse tem aquele tipo de olhos que uns caras têm, o tipo de olhos tristes que deixam a gente com vontade de fazer com que não fiquem tão tristes.

Por isso eu preciso fazer questão de ser tão má com ele. Tenho quase certeza de que há uma regra contra isso. Quero dizer, segundo as diretrizes de mediação do padre Dom. Sobre mediadores e fantasmas se juntando e ten tando... bem... botar o outro para cima.

Se é que você me entende.

- Então boa noite, Suzannah - disse Jesse naquela voz profunda e sedosa.

- Boa noite. - Minha voz não é profunda nem sedosa.

Naquele momento, de fato, ela saiu meio esganiçada.

Geralmente é assim quando estou falando com Jesse. Com mais ninguém. Só com o Jesse.

O que é fantástico. No único momento em que eu quero parecer sensual e sofisticada, fico esganiçada. Fantástico.

14

Rolei, puxando as cobertas sobre o rosto, que dava para perceber que e stava ruborizado. Quando espiei por baixo delas um instante depois, vi que ele tinha sumido.

Esse é o estilo do Jesse. Ele aparece quando eu menos espero e desaparece quando menos quero. É assim que os fantasmas agem.

Veja o meu pai. Ele vem fazendo umas v isitas sociais totalmente aleatórias desde que morreu há uma década. E aparece quando eu realmente preciso? Tipo quando mamãe me fez mudar para cá, para uma costa completamente diferente, onde eu não conhecia ninguém e fiquei totalmente solitária? Claro qu e não. Nenhum sinal do bom e velho papai. Ele sempre foi bastante irresponsável, mas eu realmente achava que no momento em que eu precisasse...

Mas não posso acusar Jesse de ser irresponsável. Na verdade ele era um pouco responsável demais. Até havia salva do minha vida, não uma vez, mas duas. E eu só o conhecia há duas semanas. Acho que você pode dizer que eu meio que lhe devia uma.

Então, quando o padre Dominic me perguntou, em sua sala, se tinha acontecido alguma coisa de fantasma, eu meio que menti e dis se que não. Acho que é pecado mentir, especialmente para um padre, mas o negócio é o seguinte: Eu nunca contei exatamente ao padre Dom sobre Jesse.

Só achei que ele poderia ficar perturbado, você sabe, sendo um padre e coisa e tal, ao saber que havia um ca ra morto no meu quarto. E o fato é que obviamente Jesse estava ali havia tanto tempo por algum motivo. Parte do serviço de mediador é ajudar os fantasmas a deduzir que motivo é esse. Em geral, assim que o fantasma sabe, ele pode cuidar do que o está manten do preso neste meio de caminho entre a vida e a morte e ir em frente.

Mas algumas vezes - e eu suspeitava de que esse fosse o caso de Jesse - o cara morto não sabe por que continua por aqui. Não faz a mínima idéia. É quando eu tenho de usar o que o padre D om chama de minhas habilidades intuitivas.

O negócio é que eu sou meio carente nesse departamento porque não sou muito boa em intuição. Sou muito melhor quando eles - os mortos - sabem perfeitamente bem por que continuam por aqui, mas simplesmente não quer em ir para onde devem porque o que os espera lá provavelmente não é assim maravilhoso. Esses são os piores tipos de fantasmas, cujas bundas eu não tenho opção além de chutar.

Por acaso eles são minha especialidade.

O padre Dominic, claro, acha que nós deve mos tratar todos os fantasmas com dignidade e respeito, sem o uso dos punhos.

Discordo. Alguns fantasmas simplesmente merecem levar um pau nas fuças. E

eu não me sinto nem um pouco mal em fazer isso.

Mas não a dona que apareceu no meu quarto. Ela parecia u ma figura bem decente, só meio confusa. O

motivo para eu não ter contado ao padre Dom sobre ela era que, na verdade, eu estava meio com vergonha do modo como a havia tratado.

15

Jesse estava certo em ter gritado comigo. Eu tinha sido sacana com ela e, sabendo que ele estava certo, tinha sido sacana com ele também.

Então você vê, eu não podia contar ao padre Dom sobre Jesse nem sobre a dona que Red não tinha matado. Achava que, de qualquer modo, a dona seria atendida logo. E Jesse...

Bem, com o Jesse eu não sab ia o que fazer. Estava praticamente convencida de que não havia nada que pudesse fazer com relação ao Jesse.

Além disso, eu estava com um certo medo de estar me sentindo assim, porque na verdade não queria fazer nada com relação ao Jesse. Por mais que foss e um saco ter de trocar de roupa no banheiro e não no quarto - Jesse parecia sentir uma aversão ao banheiro, que tinha sido construído depois de ele ter morado na casa - e não poder usar camisolas diáfanas na cama, eu meio que gostava de ter Jesse por pert o. E se contasse sobre ele ao padre Dom, o padre Dom ficaria todo alterado e incomodado e iria querer ajudá-lo a ir para o outro lado.

Mas que bem isso iria me fazer? Aí eu nunca mais iria vê -lo.

Isso era egoísmo da minha parte? Quero dizer, eu meio achava que, se ele quisesse ir para o outro lado, teria feito alguma coisa a respeito. Ele não era um daqueles fantasmas do tipo "me ajuda que eu estou perdido", como a que tinha vindo com o recado para Red. De jeito nenhum. Jesse era um fantasma do tipo "não me xa comigo, eu sou misterioso demais". Você sabe quais são. Aqueles com sotaque e abdominais de matar.

De modo que admito. Eu menti. E daí? Pode me processar.

- Não - falei. - Não há nada a relatar, padre Dom. Nem sobrenatural nem de outro tipo.

Seria minha imaginação ou o padre Dominic pareceu meio desapontado? Para dizer a verdade, acho que ele meio gostou quando eu arrebentei a escola inteira. Sério.

Por mais que ele reclamasse disso, não acho que se incomode tanto com minhas técnicas de mediação. Isso ce rtamente lhe dava motivo para fazer sermões e, como diretor de uma minúscula escola particular em Carmel, Califórnia, não posso imaginar que ele tenha realmente muito do que reclamar. Além de mim, quero dizer.

- Bem - disse ele, tentando não deixar que eu visse como estava frustrado com minha falta do que informar. – Tudo bem. - Em seguida se animou. - Eu soube que houve uma batida com três carros em Sunnyvale. Talvez devêssemos ir até lá e ver se alguma daquelas pobres almas perdidas precisa da nossa ajuda .

Olhei-o como se ele estivesse pirado.

Padre Dom - falei chocada.

Ele brincou com os óculos.

- É, nós... quero dizer, eu só pensei...

16

- Olha, padre - falei me levantando. - O senhor tem de lembrar uma coisa. Eu não sinto o mesmo que o senhor com relação a esse nosso dom. Nunca pedi e nunca gostei dele. Só quero ser normal, sabe?

O padre Dom pareceu abalado.

- Normal? - repetiu ele. Como se dissesse: quem raios poderia querer ser normal?

- É, normal. Quero passar o tempo preocupada com coisas normais com as quais as garotas de dezesseis anos se preocupam. Tipo o dever de casa e por que nenhum garoto quer sair comigo e por que meus irmãos adotivos têm de ser uns panacas tão grandes. Eu não adoro exatamente esse negócio de caça - fantasmas, certo? Então, se eles precisam de mim, que me achem. Mas com toda a certeza não vou procurá-los.

O padre Dominic não se levantou de sua cadeira. Na verdade não podia, por causa do gesso. Pelo menos não sem ajuda.

- Nenhum garoto quer sair com você? - perguntou, parecendo perplexo.

Eu sei. É um dos grandes enigmas do mundo moderno. Já que eu sou tão linda e coisa e tal. Especialmente com isso aqui. - Levantei minhas mãos soltando líquido.

Mesmo assim, o padre Dominic ficou confuso.

- Mas você é terrivelmente popular, Suzannah. Q uero dizer, afinal de contas você foi eleita vice-presidente da turma do segundo ano na sua primeira semana na Academia da Missão. E eu julgava que Bryce Martinsen gostava bastante de você.

- É. Gostava.

Até que o fantasma de sua ex -namorada - que eu fui obrigada a exorcizar -

quebrou a clavícula dele e ele teve de mudar de escola, e então se esqueceu imediatamente de mim.

- Bem, então - disse o padre Dominic, como se isso resolvesse a coisa. - Você não tem nada com que se preocupar nesse âmbito. O âmbito d os garotos, quero dizer.

Eu só olhei para ele. Coitado do velho. Isso quase bastou para fazer com que eu sentisse pena.

- Tenho de voltar para a aula - falei, pegando meus livros. - Ultimamente eu tenho passado muito tempo na sala do diretor, as pessoas vã o pensar que eu tenho alguma ligação com o estabelecimento e pedir para eu me demitir do cargo.

- Certamente. Claro. Aqui está o seu passe. E tente se lembrar do que nós discutimos, Suzannah. Um mediador é alguém que ajuda os outros a resolver conflitos. E não alguém que... bem... acerta os outros no rosto.

Sorri para ele.

- Vou lembrar disso.

E lembraria mesmo. Logo depois de ter chutado a bunda de Red.

17

Quem quer que ele fosse.

18

Capítulo 3

Por acaso descobri facilmente quem ele era. Só precisei pergunta r na hora do almoço se alguém conhecia um cara chamado Red.

Em geral não é tão fácil assim. Nem vou contar sobre a quantidade de catálogos telefônicos que revirei, as horas que passei na internet. Para não falar das desculpas esfarrapadas que tive de dar à minha mãe, tentando explicar as contas de telefone que produzi tentando conseguir informações.

- Desculpe, mamãe. Eu realmente tinha de descobrir se havia alguma loja, num raio de oitenta quilômetros, que vendesse sapatos Manolo Blahnik...

Mas dessa vez foi tão fácil que quase me fez pensar: hei, talvez esse negócio de mediadora não seja tão ruim.

Isso, claro, naquela hora. Eu ainda não tinha achado Red.

- Alguém conhece um cara chamado Red? - perguntei ao pessoal com quem eu tinha começado a almoçar e com quem achava que continuaria almoçando regularmente.

- É claro - disse Adam. - O nosso velho amigo Rédia, a larva solitária.

- Não é Red de Rédia - eu disse. - Esse é só Red mesmo.

- Talvez já seja adulto. Talvez more na área.

- Red Beaumont - disse Cee Cee. Ela estava comendo pudim num copo plástico.

Uma gaivota grande e gorda se empoleirava a menos de trinta centímetros de distância, olhando a colher a cada vez que Cee Cee a mergulhava no copo e depois levava aos lábios. A Academia da Missão não tem lanch onete. A gente come do lado de fora todo dia - até, aparentemente, em pleno inverno. Mas o inverno daqui não era como o de Nova York, claro. Aqui em Carmel fazia uma temperatura agradável de vinte e um graus e havia sol do lado de fora. Na minha cidade, se gundo o Canal do Tempo, tinha nevado quinze centímetros.

Eu estava na Califórnia há quase três semanas, mas até agora não tinha chovido nem uma vez. Eu ainda estava para descobrir onde a gente comeria se chovesse na hora do almoço.

Eu já havia aprendido do modo mais difícil o que acontece se a gente alimenta as gaivotas.

- Thaddeus Beaumont é um empreendedor imobiliário.

- Cee Cee terminou o pudim e começou a comer uma banana que tirou de um saco de papel que estava ao seu lado no banco. Cee Cee nunca compr a lanches na escola. Ela tem uma coisa com comida industrializada.

Cee Cee continuou, enquanto descascava a banana:

19

- Os amigos o chamam de Red. Não pergunte por que, já que ele não tem cabelos ruivos. Mas por que você quer saber?

Essa era sempre a parte c omplicada. Sabe, a parte do "por que você quer saber".

Porque o fato é que, afora o padre Dom, ninguém sabe sobre mim. Quero dizer, sobre o negócio de mediadora. Nem Cee Cee, nem Adam. Nem mesmo minha mãe. Mestre, meu irmão adotivo mais novo, suspeita, mas não sabe. Nem tudo.

Minha melhor amiga, Gina, lá do Brooklyn, provavelmente foi quem chegou mais perto de deduzir e isso apenas porque, por acaso, estava presente quando madame Zara, uma taróloga que a Gina me obrigou a consultar, me olhou chocada e disse:

- Você fala com os mortos.

Gina achou maneiro. Só que nunca soube - não de verdade - o que isso significava. Porque o que isso significa, claro, é que eu nunca durmo o suficiente, tenho machucados que não posso explicar, provocados por pessoas que ningué m mais pode ver e, ah, claro, não posso trocar de roupa no meu quarto porque o fantasma de um caubói morto há cento e cinqüenta anos pode me ver nua.

- Alguma pergunta?

Para Cee Cee eu apenas disse:

- Ah, é só uma coisa que eu ouvi na TV. - Não era tão difícil mentir aos amigos.

Mas mentir para minha mãe, isso era meio brabo.

- Esse não era o nome daquele cara com quem você dançou na festa da Kelly? -

perguntou Adam. - Você lembra, Suze. Tad, o corcunda com dentes faltando e um chulé de matar? Depois você me procurou, jogou os braços em volta de mim e implorou que eu me casasse com você para ser protegida dele pelo resto da vida.

- Ah, é - falei. - Ele mesmo.

- É o pai dele - disse Cee Cee. Cee Cee sabe de tudo no mundo porque é editora (e redatora e fotógrafa) do Notícias da Missão, o jornal da escola. - Tad Beaumont é o filho único de Red Beaumont.

- Ahá - falei. Então fez um pouco mais de sentido. Quero dizer, por que a mulher morta me procurou. Obviamente ela sentiu uma ligação com Red através do filho dele.

- Ahá o quê? - Cee Cee ficou interessada. Mas Cee Cee sempre fica interessada.

Ela é como uma esponja, só que em vez de água absorve fatos. - Não diga, você ficou caidinha por aquele gato filho dele. Quero dizer, qual é a do cara? Ele nem perguntou o seu nome.

Era verdade. Eu nem tinha notado, também. Mas Cee Cee estava certa. Tad nem perguntou meu nome. Ainda bem que eu não estava interessada nele.

- Eu ouvi coisas ruins sobre Tad Beaumont - disse Adam, balançando a cabeça.

- Quero dizer, além de andar por aí carregando o gêmeo não digerido nas entranhas, 20

bem, há aquele tique facial embaraçoso, controlado somente por fortes doses de Prozac. E você sabe o que o Prozac faz com a libido dos caras...

- Como é a Sra. Beaumont? - perguntei.

- Não existe Sra. Beaumont - disse Cee Cee.

Adam suspirou.

- Produto do divórcio - disse ele. - Pobre Tad. Não é de espantar que ele tenha tantos problemas para assumir compromissos. Ouvi dizer que ele costuma namorar três, quatro garotas ao mesmo tempo. Mas talvez isso sej a por causa do vício sexual.

Ouvi dizer que há um grupo de ajuda para isso.

Cee Cee o ignorou.

- Acho que ela morreu há alguns anos.

- Ah. - Será que o fantasma que tinha aparecido no meu quarto poderia ser a esposa falecida do Sr. Beaumont? Parecia valer uma tentativa. - Alguém tem uma moeda de vinte e cinco centavos?

- Por quê? - quis saber Adam.

- Tenho de dar um telefonema.

Quatro pessoas da nossa turma do almoço estenderam celulares. Sério. Eu escolhi o que tinha a quantidade menos intimidante de botõe s, depois disquei para Informações e perguntei o número de Thaddeus Beaumont. A telefonista disse que o único número que tinha era das Indústrias Beaumont. Eu falei:

- Tudo bem.

Caminhando até o trepa-trepa das crianças - a Academia da Missão tem turmas do jardim de infância até o terceiro ano, e o playground onde a gente almoça tem até caixa de areia, se bem que eu seria incapaz de encostar nela, com as gaivotas e tudo -

para ter um pouco de privacidade, falei à recepcionista que atendeu com um alegre

"Indústrias Beaumont, em que posso ser útil?" que precisava falar com o Sr.

Beaumont.

- Quem eu devo anunciar, por favor?

Pensei nisso. Eu poderia ter dito "Alguém que sabe o que realmente aconteceu com a mulher dele". Mas o negócio é que eu não sabia realment e. Nem sabia por que, exatamente, suspeitava que sua esposa - se aquela mulher fosse mesmo sua esposa -

estava mentindo e que na verdade Red a tinha matado. É meio deprimente, se a gente pensa nisso. Quero dizer, eu sendo tão nova e tão cínica e cheia de s uspeitas.

Por isso falei:

- Suzannah Simon. - E me senti na pior. - Por que um homem importante como Red Beaumont atenderia a um telefonema de Suzannah Simon? Ele nem me conhecia.

Sem dúvida, a recepcionista me tirou da espera um segundo depois e disse: 21

- O Sr. Beaumont está atendendo a outro telefonema neste momento. Posso pegar um recado?

- Ah... - falei, pensando rápido. - É. Diga a ele... diga a ele que estou ligando do jornal da Academia da Missão Junipero Serra. Eu sou repórter, e nós estamos fazendo uma matéria sobre... as dez pessoas mais influentes do Condado de Salinas. - Eu lhe dei o número da minha casa. - E pode dizer para não ligar antes das três? Por que eu só saio da escola a essa hora.

Assim que a recepcionista ficou sabendo que eu era uma g arota, ficou ainda mais gentil.

- Claro, querida - disse ela numa voz açucarada. - Vou dizer ao Sr. Beaumont.

Até loguinho.

Desliguei. O até loguinho me irritou. O Sr. Beaumont ficaria bem surpreso quando ligasse para mim e entrasse em contato com a Rainha do Povo das Trevas, em vez de Lois Lane.

Mas o negócio é que Thadeus "Red" Beaumont nem se incomodou em ligar de volta. Acho que, quando você é zilionário, ser considerado uma das dez pessoas mais influentes por um jornaleco de escola não é lá grande cois a. Eu fiquei em casa o dia inteiro depois das aulas e ninguém ligou. Pelo menos não para mim.

Não sei por que achei que seria tão fácil. Acho que tinha sido levada a um falso sentimento de segurança por ter conseguido descobrir o nome dele com tanta facilidade.

Estava sentada no meu quarto, admirando meu sumagre venenoso aos raios do sol poente, quando mamãe me chamou para o jantar.

O jantar é um negócio muito importante no lar dos Ackerman. Basicamente minha mãe já havia me informado que me mataria se eu n ão aparecesse para o jantar toda noite, a não ser que tivesse combinado a ausência antecipadamente com ela. Seu novo marido, Andy, além de tremendo carpinteiro, é um cozinheiro muito bom e vinha fazendo grandes jantares toda noite para os filhos desde que eles ganharam dentes, ou sei lá o quê. E cafés da manhã com panquecas nos domingos também.

Posso dizer que o cheiro de xarope de bordo de manhã me dá ânsias de vômito? O

que há de errado, pergunto eu, num pãozinho simples com queijo cremoso, e talvez um salmãozinho defumado com uma fatia de limão e umas alcaparras?

- Aqui está ela - disse minha mãe quando eu entrei ar rastando os pés na cozinha com as roupas pós - escola: jeans rasgados, camiseta de seda preta e botas de motociclista.

São roupas assim que fizeram meus irmãos adotivos suspeitarem que eu faça parte de uma gangue, apesar de minhas negativas insistentes.

Mamãe fez um grande alarde vindo até mim e me beijando no topo da cabeça.

Isso é porque desde que mamãe conheceu Andy Ackerman - ou Andy Jeitoso, como ele é conhecido no programa de trabalhos manuais que apresenta na TV a cabo -

casou com ele, me obrigando a me mudar para a Califórnia para morar com ele e os três filhos, ela está incrível e nojentamente feliz.

Vou lhe contar, entre isso e o xarope d e bordo, eu não sei o que é mais repulsivo.

- Olá, querida - disse mamãe, embolando todo o meu cabelo. - Como foi o seu dia?

- Ah. Ótimo.

Ela não ouviu o sarcasmo na minha voz. O sarcasmo era completamente desperdiçado com mamãe desde que ela conheceu Andy .

- E como foi a reunião do diretório estudantil?

- Sacal.

Isso foi Dunga, tentando ser engraçado imitando minha voz.

- O que quer dizer com sacal? - Andy, lá no fogão, estava virando quesadillas que chiavam na grelha que ele havia posto sobre os queimadores. - O que exatamente foi sacal?

- É, Brad - falei. - O que foi sacal? Você e Debbie Mancuso estavam brincando com os pés debaixo da mesa, ou algo do tipo?

Dunga ficou todo vermelho. Ele faz luta -livre. Seu pescoço é grosso como minha coxa. Quando seu rosto fica vermelho, o pescoço fica mais vermelho ainda. É

lindo de ver.

- De que você está falando? - perguntou Dunga. – Eu nem gosto de Debbie Mancuso.

- Claro que não - falei. - É por isso que se sentou junto dela no almoço hoje.

O pescoço de Dunga ficou cor de sangue.

- David! - Andy, perto do fogão, começou a berrar subitamente. - Jake! Andem, vocês dois. O jantar está pronto.

Os outros dois filhos de Andy, Soneca e Mestre, vieram arrastando os pés. Bem, Soneca veio arrastando os pés. Mestre veio saltando . Mestre era o único filho de Andy que eu conseguia me lembrar de chamar pelo nome de verdade. Isso porque, com seu cabelo ruivo e aquelas orelhas que se projetam de verdade da cabeça, ele parecia um personagem de desenho animado. Além disso, era muito int eligente e nele eu via um bocado de ajuda potencial para meu dever de casa, mesmo estando três séries à sua frente.

Soneca, por outro lado, não tem qualquer utilidade para mim, a não ser como um cara com quem eu posso pegar carona para ir e vir da escola. Aos dezoito anos Soneca estava em posse integral da carteira de

motorista e de um veículo, um Rambler velho e esculhambado, com partida falha, mas a gente botava a vida nas mãos dele ao pegar carona, porque ele quase nunca estava totalmente acordado, devido ao trabalho noturno como entregador de pizza. Ele vinha economizando, 23

como gostava de nos lembrar nas poucas ocasiões em que falava, para comprar um Camaro. E, pelo que dava para ver, aquele Camaro era a única coisa em que ele pensava.

Ela sentou perto de mim - gritou Dunga. - Eu não gosto de Debbie Mancuso.

Abandone a mentira - aconselhei enquanto passava por ele. Minha mãe tinha me dado uma tigela de molho para levar à mesa. - Eu só espero - sussurrei em seu ouvido enquanto passava - que vocês dois tenham feito sexo seguro naquela noite na festa da piscina de Kelly. Eu ainda não estou preparada para ser tia adotiva.

- Cala a boca - gritou Dunga. - Sua... sua... Mão de Micose!

Pus uma das minhas mãos de micose no coração e fingi que ele tinha me esfaqueado ali.

- Nossa - falei. - Isso realmente dói. Zombar das reações alérgicas das pessoas é uma coisa tão incrivelmente incisiva e inteligente!

- É, panaca - disse Soneca a Dunga, enquanto passava por ele. - O que há com você e a gata selvagem, hein?

Dunga, totalmente perdido, começou a parecer desesperado.

- Debbie Mancuso e eu não estamos transando! – gritou ele.

Vi mamãe e papai trocarem um olhar rápido, perplexo.

- Eu realmente espero que não - disse Mestre, o irmãozinho de Dunga, quando passou lepidamente por nós. - Mas se estão, Brad, espero que você esteja usando camisinha. Ainda que uma camisinha de látex de boa qualidade tenha uma taxa de falhas de cerca de dois por cento quando usada segundo as recomendações, tipicamente a média de problemas está mais próxima de doze por cento. Isso faz com que elas sejam apenas cerca de oitenta e cinco por cento eficazes para impedir a gravidez. Se for usada com espermicida, a eficácia aumenta dramaticamente. E as camisinhas são nossa melhor defesa (ainda que não tão boa, claro, quanto à abstenção) contra algumas DSTs, inclusive o HIV.

Todo mundo na cozinha - mamãe, Andy, Dunga, Soneca e eu - encaramos Mestre, que, como eu mencionei antes, tem doze anos.

- Você tem tempo livre demais - falei, por fim.

Mestre deu de ombros.

- É bom ser informado. Ainda que eu não seja sexualmente ativo atualmente, espero me tornar num futuro próximo. - Ele assentiu para o fogão. - Papai, suas chimichangas, ou sei lá o quê, estão pegando fogo.

Enquanto Andy pulava para apagar o fogo do qu eijo, minha mãe ficou ali parada, aparentemente sem

encontrar palavras pela primeira vez na vida.

- Eu... - disse ela. - Eu... Ah. Minha.

Dunga não deixaria Mestre ter a última palavra.

24

- Eu não estou - repetiu ele - transando com...

- Ah, Brad - disse Soneca. - Corta essa, tá?

Dunga não estava mentindo, claro. Eu mesma tinha visto que ele só tinha jogado hóquei de língua. A paixão feroz de Dunga e Debbie era a causa de eu estar cuidando da mão com creme de cortisona. Mas qual é a diversão de se ter irmãos adotivos se a gente não pode torturá -los? Não que eu fosse contar a alguém o que tinha visto, claro. Eu sou muitas coisas, mas não sou dedo -duro. Mas não me entenda mal: eu gostaria que Dunga fosse apanhado saindo de casa durante o castigo. Quero dizer, não acho que ele tenha aprendido nada com a "punição". Ele provavelmente ainda iria se referir ao meu amigo Adam como veado, na próxima vez em que o visse.

Só que não faria isso na minha presença. Porque, mesmo ele sendo lutador de luta livre, eu chutaria a bunda de Dunga daqui até a avenida Clinton, minha rua lá no Brooklyn.

Mas não seria eu a dedurá-lo. Não era uma coisa de classe, sabe?

- E você - perguntou mamãe com um sorriso – achou que a reunião do diretório foi tão sacal quanto Brad, Suze?

Sentei-me no meu lugar à mesa de jantar. Assim que fiz isso, Max, o cachorro dos Ackerman, veio farejando e pôs a cabeça no meu colo. Eu o empurrei. Ele pôs a cabeça de volta. Mesmo eu morando aqui há menos de um mês, Max já havia deduzido que eu sou a pessoa mais pr ovável de deixar restos no prato.

Claro, as horas das refeições eram as únicas em que Max prestava atenção em mim. No resto do tempo me evitava como se eu fosse a peste. Evitava especialmente meu quarto. Os animais, diferentemente dos seres humanos, são mu ito perceptivos com relação aos fenômenos paranormais e Max sentia Jesse e por isso permanecia longe das partes da casa em que ele normalmente gostava de ficar.

- Claro - falei, tomando um gole d'água. - Foi sacal.

- E o que foi decidido na reunião? - quis saber minha mãe.

- Eu fiz uma moção para cancelar o baile da primavera - falei. - Desculpe, Brad.

Sei como você estava contando em acompanhar Debbie à festa.

Dunga me lançou um olhar sujo do outro lado da mesa.

- Mas por que você iria querer cancelar o ba ile da primavera, Suze? -

perguntou mamãe.

- Porque é um desperdício estúpido de nossas verbas muito limitadas.

- Mas um baile! - protestou minha mãe. - Eu adorava ir aos bailes de escola quando tinha sua idade.

Isso, eu queria dizer, é porque você sempre tinha um namorado, mamãe.

Porque você era bonita, legal, e os garotos gostavam de você. Não era uma esquisita patológica como eu, com mãos de micose e uma capacidade secreta de conversar com os mortos.

25

Em vez disso falei:

- Bem, a senhora estaria em minori a na minha turma.

- Minha moção foi apoiada e aprovada por vinte e sete votos.

- Bem - disse mamãe. - O que vocês vão fazer com o dinheiro, então?

- Gastar com cerveja - falei, lançando um olhar para Dunga.

- Nem brinque com isso - disse mamãe, séria. - Eu me preocupo muito com a quantidade de bebida que os adolescentes consomem aqui. - Minha mãe é repórter de televisão. Ela faz o noticiário matutino de uma estação local perto de Monterey. Sua melhor qualidade é parecer séria enquanto lê num teleprompter so bre acidentes medonhos.

- Eu não gosto. Não é como em Nova York. Lá, nenhum dos seus amigos dirigia, por isso eu não me importava tanto. Mas aqui... bem, todo mundo dirige.

- Menos Suze - disse Dunga. Ele parecia achar que era seu dever jogar na minha cara o fato de que, mesmo tendo dezesseis anos, ainda não tenho carteira. Nem mesmo permissão para fazer aulas. Como se dirigir fosse a coisa mais importante do mundo. Como se meu tempo já não estivesse totalmente ocupado com a escola, minha recente nomeação como vice-presidente da turma do segundo ano na Academia da Missão e salvar as almas perdidas dos desmortos.

- O que vocês vão fazer realmente com o dinheiro? - perguntou mamãe.

Dei de ombros.

- Nós temos de levantar dinheiro para substituir a estátua do fu ndador, o padre Junipero Serra, antes da visita do arcebispo no mês que vem.

- Ah. Claro. A estátua que foi vandalizada.

Vandalizada. É, certo. É o que todo mundo dizia, claro.

Mas aquela estátua não foi vandalizada. O que aconteceu foi que um fantasma que estava tentando me matar cortou a cabeça da estátua e tentou usá -la como bola de boliche.

E eu devia ser o pino.

- Quesadillas - disse Andy, vindo à mesa com um monte delas numa bandeja. -

Aproveitem enquanto estão quentes.

O que se seguiu foi um caos tão grande que eu só pude ficar sentada, com a cabeça de Max ainda no colo, e assistir em horror. Quando terminou, todas as quesadillas tinham sumido, mas meu prato e o da minha

mãe ainda estavam vazios.

Depois de um tempo Andy notou isso, pousou o garfo e di sse, irritado:

- Ei, pessoal! Vocês já pensaram em esperar para pegar a segunda porção depois de todo mundo na mesa pegar a primeira?

Aparentemente não. Soneca, Dunga e Mestre olharam sem graça para seus pratos.

26

- Desculpe - disse Mestre, estendendo o prat o, com queijo e molho pingando, na direção de mamãe. - Pode pegar um pouco do meu.

Minha mãe pareceu sentir um certo nojo.

- Não, obrigada, David. Vou ficar só com a salada, acho.

- Suze - disse Andy, pondo seu guardanapo na mesa. -

- Vou fazer a quesadilla com mais queijo que você já...

Empurrei a cabeça de Max para fora do caminho e estava de pé antes que Andy pudesse sair de sua cadeira.

- Sabe de uma coisa? - falei. - Não se incomode. Realmente acho que só vou comer um pouco de cereal.

Andy ficou magoado.

- Suze, não é problema...

- Não, sério - falei. - Eu ia treinar kickboxing com minha fita de vídeo depois e muito queijo ia acabar pesando.

- Mas - disse Andy - eu vou fazer mais de qualquer modo...

Ele estava tão patético que eu não tive opção além de dizer:

- Bem, vou experimentar uma. Mas por enquanto termine o que está no seu prato, e eu vou pegar um pouco de cereal.

Enquanto eu estava falando, ia recuando da sala. Assim que cheguei em segurança à cozinha, com Max nos meus calcanhares - ele não era idiota, sabia que não conseguiria uma migalha daqueles caras na sala: eu era o ingresso de Max para comida de gente - peguei uma caixa de cereal e uma tigela, depois abri a geladeira para pegar um pouco de leite. Foi então que ouvi uma voz suave sussurrar a trás de mim:

- Suze.

Girei. Não precisei ver Max saindo de fininho da cozinha com o rabo entre as pernas para saber que estava na presença de outro membro daquele clube exclusivo conhecido como os Desmortos.

27

Capítulo 4

Quase morri de susto. - Meu Deus, papai. - Fechei a porta da geladeira com força. - Eu já disse para não fazer isso.

Meu pai - ou o fantasma do meu pai, devo dizer - estava encostado na bancada da cozinha, com os braços cruzados no peito. Parecia presunçoso. Ele sempre parece presunçoso quando consegue se materializar pelas minhas costas e me matar de susto.

- Então - disse ele, tão casualmente como se estivéssemos falando de sanduíches numa lanchonete. - Como vão as coisas, moça?

Olhei-o irritada. Meu pai continuava exatamente como quando fazia suas visitas-surpresa ao nosso apartamento no Brooklyn. Estava usando a roupa com a qual tinha morrido, calça de moletom cinza e uma camisa azul onde estava escrito Homeport, Menemsha, Frutos do Mar Frescos o Ano Inteiro.

- Papai. Onde você esteve? E o que está fazendo aqui?

Não deveria estar assombrando os novos inquilinos do nosso apartamento no Brooklyn?

- Eles são uns chatos. Dois yuppies. Queijo de cabra e cabernet sauvignon, é só disso que falam. Pensei em ver como você e sua mãe estavam se vir ando. - Ele estava espiando pelo passa-pratos que Andy havia instalado ao atualizar a cozinha estilo 1850 quando tinha comprado a casa junto com mamãe.

- É ele? - perguntou meu pai. - O cara com o... o que é aquilo, afinal?

- É uma quesadilla. E sim, é ele . - Agarrei o braço do meu pai e o arrastei até a ilha de instrumentos no centro, de modo que não conseguisse vê -los mais. Tinha de falar sussurrando para garantir que ninguém entreouvisse. - É por isso que você está aqui? Para espionar mamãe e o novo marido dela?

- Não - disse meu pai, parecendo indignado. - Eu tenho um recado para você.

Mas admito que queria dar uma passada e verificar como são as coisas, garantir que ele é suficientemente bom para ela. Esse tal de Andy.

Olhei-o zangada.

- Papai, acho que a gente já falou isso. Você deveria ir em frente, lembra?

Ele balançou a cabeça, tentando fazer sua cara de cachorrinho triste, achando que isso poderia me fazer recuar.

- Eu tentei, Suze - falou pesaroso. - Tentei mesmo. Mas não posso.

Encarei-o cética. Será que já mencionei que, na vida, meu pai tinha sido advogado criminologista, como sua mãe? Ele era um ator quase tão bom quanto Lassie. Podia fazer cara de cachorrinho triste como

ninguém.

28

- Por que, papai? O que está segurando você? Mamãe está feliz. Juro que está.

Isto basta para dar vontade de vomitar, mas está feliz demais. E eu estou indo bem, verdade.

- Então o que está segurando você aqui?

Ele deu um suspiro triste.

- Você diz que está bem, Suze. Mas não está feliz.

- Ah, pelo amor de Deus. Não ve m com essa de novo.

- Sabe o que me deixaria feliz, papai? Você ir em frente. Isso me faria feliz.

Você não pode passar sua pós -vida me seguindo e se preocupando comigo.

- Por quê?

Porque - sibilei com os dentes trincados - você vai me deixar maluca.

Ele piscou tristonho.

- Você não me ama mais, é isso, moça? Certo. Captei a dica. Talvez eu vá assombrar vovó um tempo. Ela não é tão divertida porque não pode me ver, mas talvez se eu chacoalhar algumas portas...

- Papai! - Olhei por cima do ombro para garanti r que ninguém estivesse ouvindo. - Olha. Qual é o recado?

- Recado? - Ele piscou, depois disse: - Ah, é. O recado. - De repente ele ficou sério. - Eu soube que você tentou contatar um homem hoje.

Olhei-o de soslaio, cheia de suspeitas.

- Red Beaumont. É, tentei. E daí?

- Esse não é um cara com quem você queira mexer, Suze.

- Hã-hã. E por quê?

- Não posso dizer por quê. Só tenha cuidado.

Encarei-o. Puxa, realmente. Até que ponto uma pessoa pode ser irritante?

- Obrigada pelo aviso enigmático, papai. Isso rea lmente ajuda.

- Desculpe, Suze. De verdade. Mas você sabe como essas coisas são. Eu não tenho a história toda, só...

sensações. E minha sensação com relação a esse Beaumont é que você deveria ficar longe. Muito longe.

- Bem, não posso fazer isso. Sinto mui to.

- Suze, este não é um caso que você deva enfrentar sozinha.

- Mas eu não estou sozinha, papai. Eu tenho... Hesitei. Quase tinha dito Jesse.

Você pode pensar que meu pai já soubesse dele. Quero dizer, se ele sabia sobre Red Beaumont, por que não saberi a sobre Jesse?

29

Mas aparentemente não sabia. Sobre Jesse, quero dizer. Porque se soubesse, pode apostar que eu ficaria sabendo. Quero dizer, qual é, um cara que não sai do meu quarto? Os pais odeiam isso.

Então falei:

- Olha, eu tenho o padre Dominic.

- Não. Ele também não é bom o bastante.

Encarei-o, irritada.

- Ei. O que você sabe sobre o padre Dom? Papai, você andou me espionando?

Meu pai ficou sem jeito.

- A palavra espionar tem conotações muito negativas.

- Eu só estava dando uma conferida em você, só i sso. Você pode culpar um homem por querer ver como sua filhinha está?

- Ver como eu estou? Papai, até que ponto você anda vendo como eu estou?

- Bem, vou lhe dizer uma coisa. Eu não estou empolgado com esse tal de Jesse.

- Papai!

- Bem, o que você quer que eu diga? - Meu pai abriu os braços num gesto do tipo "então me processe". - O sujeito está praticamente morando com você. Não é certo. Quero dizer, você é uma garota muito nova.

- Ele é falecido, papai, lembra? Minha virtude não corre perigo.

Infelizmente.

- Mas como você vai trocar de roupa com um rapaz no quarto? - Meu pai, como sempre, tinha ido direto ao ponto. - Não gosto disso. E vou trocar uma ou duas palavrinhas com ele. Enquanto isso você vai ficar longe desse tal de Sr. Red.

Entendeu?

Balancei a cabeça.

- Papai, você não entende. Jesse e eu pensamos em tudo.

- Eu não...

- Eu falei sério, Suzannah.

Quando meu pai me chamava de Suzannah, estava pegando pesado. Revirei os olhos.

- Certo, pai. Mas quanto ao Jesse... Por favor, não diga nada a ele. Ele passou muito aperto, sabe? Quero dizer, ele praticamente morreu antes de realmente ter chance de viver.

- Ei - disse meu pai, dando um dos seus grandes sorrisos inocentes. - Eu já deixei você na mão algum dia, querida?

30

Já, eu quis dizer. Muitas vezes. Ond e ele estava, por exemplo, no mês passado quando eu fiquei tão nervosa por estar me mudando para outro estado, começando numa escola nova, vivendo com um monte de gente que eu mal conhecia? Onde ele estava na semana passada, quando um dos seus colegas tent ou me matar? E onde estava na noite de sábado quando eu esbarrei naquele sumagre venenoso?

Mas não falei o que queria. Em vez disso falei o que achei que devia. É isso que a gente faz com membros da família.

- Não, papai. Você nunca me deixou na mão.

Ele me deu um grande abraço e desapareceu tão abruptamente quanto havia surgido. Eu estava calmamente colocando cereal numa tigela quando mamãe entrou na cozinha e acendeu a luz.

- Querida? - disse ela parecendo preocupada. - Você está bem?

- Claro, mamãe. - Enfiei um pouco de cereal na boca. -

- Por quê?

- Eu achei... - Mamãe estava me espiando curiosamente. - Querida, eu pensei ter ouvido você dizer... hmm... Bem, eu pensei ter ouvido você falando com... você disse a palavra pai?

Mastiguei. Eu estava totalment e acostumada a esse tipo de coisa.

- Eu falei "ai". Fui provar o leite e tomei um susto, acho que ele está azedo.

Minha mãe pareceu imensamente aliviada. O negócio é que ela me pegou falando com papai mais vezes do que eu consigo contar. Ela provavelmente me acha um caso de hospício. Lá em Nova York ela costumava me mandar ao seu terapeuta, que lhe disse que eu não era um caso de hospício, só uma adolescente. Cara, eu dei trabalho ao velho doutor Mendelsohn, vou te contar.

Mas tinha de sentir pena de mamãe, de certa forma. Quero dizer, ela é uma figura legal e não merece ter uma filha mediadora. Eu sei que sempre fui meio um desapontamento para ela. Quando fiz quatorze anos ela me deu minha própria linha telefônica, achando que tantos garotos iriam ligar par a mim que seus amigos nunca poderiam fazer contato. Dá para imaginar como ficou frustrada quando ninguém, a não ser minha melhor amiga Gina, ligava para a linha particular, e geralmente só para me contar sobre os encontros que ela vinha tendo. Os garotos d o meu antigo bairro nunca se interessavam muito em me convidar para sair.

- Bem - disse mamãe, animada. - Se o leite está azedo, acho que você não tem opção além de experimentar uma quesadilla de Andy.

- Fantástico - gemi. - Mamãe, você sabe que aqui é mai o o ano inteiro. A gente não pode virar uma porca no inverno como fazia lá em casa.

Minha mãe suspirou, meio triste.

- Você realmente odeia tanto isso aqui, querida?

Olhei-a como se ela fosse maluca, para variar.

31

- O que você quer dizer? Por que acha que e u odeio isso aqui?

- Você. Você acabou de falar do Brooklyn como "lá em casa".

- Bem - falei, sem graça. - Isso não significa que eu odeie este lugar. Só não me sinto em casa ainda.

- De que você precisa para se sentir? - Minha mãe empurrou meu cabelo para longe dos olhos. - O que eu posso fazer para que você se sinta em casa?

Meu Deus, mamãe - falei, saindo de baixo dos dedos dela. - Nada, tudo bem.

Eu vou me acostumar. Só me dê uma chance.

Mas mamãe não estava engolindo.

- Você sente falta de Gina, não é? Você não fez nenhum amigo realmente íntimo aqui, eu notei. Pelo menos não como Gina. Você gostaria, se ela viesse fazer uma visita?

Eu não podia imaginar Gina, com suas calças de couro, piercing na língua e trancinhas de aplique em Carmel, Califórnia, ond e usar conjunto de bermuda caqui e suéter é praticamente uma lei obrigatória.

- Acho que seria legal - falei.

Mas não parecia muito provável. Os pais de Gina não têm muito dinheiro, de modo que não teriam como mandá -la para a Califórnia assim, de uma hora para a outra. Mas eu gostaria de ver Gina diante de Kelly Prescott. Tinha certeza de que os apliques de cabelo iriam voar.

Mais tarde, depois do jantar, do kickboxing e do dever de casa, com uma quesadilla coagulando no estômago, decidi, apesar dos avisos de meu pai, abordar o problema do Red uma última vez antes de ir dormir. Eu tinha conseguido o telefone da casa de Tad Beaumont - que não constava da lista, claro - do modo mais desonesto possível: no celular de Kelly Prescott, que eu tinha pedido empresta do durante a reunião do diretório fingindo que ia ligar para saber sobre os consertos na estátua do padre Serra. O celular de Kelly tinha agenda e eu peguei o número de Tad antes de devolver a ela.

Ei, é um serviço sujo, mas alguém tem de fazê -lo.

Eu tinha esquecido de levar em conta, claro, o fato de que Tad, e não seu pai, poderia atender. O que aconteceu depois do segundo toque.

- Alô? - disse ele.

Reconheci a voz instantaneamente. Era a mesma voz macia que tinha acariciado meu rosto na festa da piscina.

Certo, vou admitir. Entrei em pânico. Fiz o que qualquer garota americana com sangue nas veias faria na mesma situação.

Desliguei.

32

Claro, não pensei que ele tinha um identificador de chamadas. Assim, quando o telefone tocou alguns segundos depois, presumi que era Cee Cee, que tinha prometido ligar com as respostas do nosso dever de geometria - eu tinha ficado meio atrasada, com todo o negócio de mediação que vinha fazendo... não que essa fosse a desculpa que dei a Cee Cee, claro - por isso atendi.

- Alô? - disse aquela mesma voz macia em meu ouvido.

- Você ligou para mim agorinha mesmo?

Um monte de palavrões me passou em alta velocidade pela cabeça. Em voz alta, entretanto, só disse:

Ah. Talvez. Mas por engano. Desculpe.

- Espera. - Não sei como ele sabia que eu estava para desligar. - Sua voz parece familiar. Eu conheço você? Meu nome é Tad. Tad Beaumont.

- Não - falei. - Não faço idéia. Tenho de ir, desculpe.

Desliguei e falei mais um monte de palavrões, dessa vez em voz alta. Por que não pedi para falar com o pai dele? Por que eu fui uma idiota tão grande? O padre Dom estava certo. Eu era um fracasso como mediadora. Um fracasso enorme. Era capaz de exorcizar espíritos malignos sem problema. Mas quando se tratava de lidar com os vivos, era o pior malogro do mundo.

Esse fato penetrou ainda mais fundo na minha cabeça quando, umas quatro horas depois, fui acordada de novo por um grito de gelar o sangue. 1

33

Capítulo 5

Sentei-me totalmente desperta. Ela estava de volta. Ainda mais alterada do que na noite anterior. Eu tive de esperar um tempo enorme antes que a mulher se acalmasse o bastante para falar comigo.

Por quê? - perguntou ela, quando parou de gritar. – Por que você não disse a ele?

Olha - falei, tentando usar uma voz tranqüilizadora, como o padre Dom quereria que eu fizesse. - Eu tentei, certo? O cara não é a pessoa mais fácil de achar.

Vou contatá-lo amanhã, prometo.

Ela tinha meio que tombado de joelhos.

- Ele se culpa. Ele se culpa pela minha morte. Mas não foi culpa dele. Você tem de dizer. Por favor.

Sua voz embargou horrivelmente no por favor. A mulher estava um trapo.

Quero dizer, eu já vi um bocado de fantasmas na pior, mas essa ganhava o prêmio, vou te contar. Juro, era como Meryl Streep fazendo aquela tremenda cena de choro de A escolha de Sofia ao vivo no tapete do seu quarto.

- Olha, dona - falei. Em voz tranqüilizadora, lembrei a mim mesma.

Tranqüilizadora.

Mas não há nada realmente tranqüilizador em chamar alguém de dona. Assim, lembrando-me de como Jesse tinha ficado meio furioso comigo por não ter perguntado o nome dela, falei:

Ei. Por sinal, qual é o seu nome?

Fungando, ela só dizia:

Por favor. Você tem de contar a ele.

Eu disse que vou contar. - Minha nossa, o que ela achava que eu estava fazendo aqui. Algum tipo de serviço amador? - Me dê uma chance, certo? Essas coisas são meio delicadas, a senhora sabe. Eu não posso ir simplesmente abrindo a boca e falando. A senhora quer isso?

Ah, meu Deus, não - disse ela, levando a mão fecha da à boca e mordendo-a. -

Não, por favor...

- Então certo. Esfrie um pouco. Agora diga...

Mas ela já tinha ido embora.

Uma fração de segundo depois Jesse apareceu. Estava aplaudindo baixinho como se estivesse assistindo a um teleteatro.

- Esse foi o seu melhor desempenho até hoje – disse ele, baixando as mãos. -

Você parecia envolvida, ainda que enojada.

34

Olhei-o furiosa.

- Você não tem umas correntes para chacoalhar por aí? - perguntei mal-humorada.

Ele veio até minha cama e se sentou. Eu tive de puxar os pés rapidamente para não serem esmagados.

- E você não tem algo que queira me contar?

Balancei a cabeça.

- Não. São duas da manhã, Jesse. A única coisa que eu tenho na cabeça agora é dormir. Você se lembra do que é dormir, não é?

Jesse me ignorou. Ele faz isso um bocado.

- Eu também recebi uma visita há pouco tempo. Acho que você conhece. Um certo Sr. Peter Simon.

- Ah.

E então - não sei por que - caí deitada de novo e puxei um travesseiro sobre a cabeça.

- Não quero saber disso - falei, com a voz abafada debaixo do travesseiro.

A próxima coisa que vi foi que o trave sseiro tinha voado das minhas mãos -

mesmo que eu o estivesse segurando com força - e caído com violência no chão. Com o máximo de violência que um travesseiro pode cair, o que não é muito.

Fiquei ali, piscando no escuro. Jesse não tinha se mexido um centí metro. Esse é o negócio com os fantasmas, veja só. Eles são capazes de mover coisas -

praticamente qualquer coisa que queiram - sem levantar um dedo. Fazem isso com a mente. É bem assustador.

- O que é? - perguntei irritada, com a voz mais esganiçada do que nunca.

Quero saber por que você disse ao seu pai que há um homem morando no seu quarto.

Jesse parecia furioso. Para um fantasma, até que ele tem um temperamento bem tranqüilo, de modo que quando fica furioso é bem óbvio. Para começar, a cicatriz na sobrancelha fica branca.

As coisas não estavam se sacudindo naquela hora, mas a cicatriz praticamente luzia no escuro.

- Ahn - falei. - Na verdade, Jesse, há um cara morando no meu quarto, lembra?

- É, mas... - Jesse se levantou da cama e começou a andar de um lado para o outro. Mas eu não estou

realmente morando aqui.

- Bem. Só porque, tecnicamente, Jesse, você está morto.

- Eu sei disso. - Jesse passou a mão pelo cabelo, de um jeito meio frustrado. Eu já contei que Jesse tem um cabelo bem legal? É preto, curto e parece meio eriçado, se 35

é que você me entende. - O que eu não compreendo é por que você falou com ele sobre mim. Eu não sabia que incomodava tanto a você eu estar aqui.

A verdade é que não. Não incomoda, quero dizer. Incomodava, mas antes de Jesse salvar minha vida umas duas vezes. Depois disso eu meio que superei.

Só que me incomoda quando ele pega meus CDs emprestados e não coloca de novo na ordem certa quando acabou de ouvir.

- Não - falei.

- Não o quê?

- Não me incomoda você morar aqui. - Eu me encolhi.

Má escolha de palavras. - Bem, não que você more aqui, já que... quero dizer, não me incomoda que você fique aqui.

- Só que...

- Só que o quê?

Falei rapidamente antes de perder a coragem:

- Só que eu não consigo deixar de ficar pensando em por quê.

- Por que o quê?

- Por que você está aqui há tanto tempo.

Ele só me olhou. Jesse nunca me contou nada sobre sua morte. Na verdade nunca me contou nada sobre sua vida antes da morte. Jesse não é o que você pode chamar de comunicativo, mesmo para um cara. Quero dizer, se você levar em consideração que ele nasceu cento e cinqüenta anos antes do programa da Oprah e não sabe chongas sobre as vantagens de compartilhar os sentimentos - que é bom não manter as coisas trancadas por dentro -, isso meio que faz sentido.

Por outro lado, eu não podia deixar de suspeitar de que Jesse estava perfeitamente em contato com suas emoções, e que simplesmente não tinha vontade de me falar delas. O pouco que eu havia descoberto sobre ele - como seu nome completo, por exemplo - fora a partir de um velho livro que Mestre conseguiu, sobre a história do norte da Califórnia. Eu nunca tive coragem realmente de perguntar a Jesse isso. Sabe, sobre a história de que ele deveria se casar com a prima, que por acaso amava outro, e de como Jesse d esapareceu misteriosamente a caminho da cerimônia... Não é o tipo de assunto que a gente possa puxar.

- Claro - falei, depois de um curto silêncio, durante o qual ficou claro que Jesse não ia me dizer chongas -, se você não quiser conversar sobre isso, tud o bem. Eu esperava que a gente pudesse ter, você sabe, um relacionamento aberto e honesto, mas se é pedir demais...

- E quanto a você, Suzannah? - disparou ele de volta. - Você tem sido aberta e honesta comigo? Acho que não.

- Caso contrário, por que seu p ai viria atrás de mim daquele jeito?

36

Chocada, sentei-me um pouco mais ereta.

- Meu pai foi atrás de você?

- Nombre de Dios, Suzannah - disse Jesse irritado. – O que você esperava que ele fizesse? Que tipo de pai ele seria se não tentasse se livrar de mim?

- Ah, meu Deus - falei completamente sem graça. - Jesse, eu nunca disse uma palavra sobre você com ele. Juro. Foi ele quem puxou o assunto. Acho que ele anda me espionando, ou sei lá o quê. - Essa era uma coisa humilhante de admitir. - Então...

o que você fez? Quando ele foi atrás de você?

Jesse deu de ombros.

- O que eu poderia fazer? Tentei me explicar do melhor modo possível. Afinal de contas, minhas intenções são as melhores possíveis.

Droga! Mas espera um minuto.

- Você tem intenções?

Sei que é patético, mas neste ponto da vida, até mesmo ouvir dizer que o fantasma de um cara pode ter intenções - ainda que sejam as melhores possíveis - era meio legal. Bem, o que você esperava? Eu tenho dezesseis anos e nunca ninguém me convidou para sair. Dá um tempo, c erto?

Além disso, Jesse era gato demais, para um morto.

Mas infelizmente suas intenções para comigo pareciam ser apenas platônicas, se o fato de que ele pegou o travesseiro que tinha jogado no chão - dessa vez com as mãos - e atirou na minha cara servisse de indicação.

Isso não parecia o tipo de coisa que um cara loucamente apaixonado por mim faria.

Então o que meu pai disse? - perguntei quando tinha afastado o travesseiro. -

Quero dizer, depois de você garantir que suas intenções eram as melhores possíveis ?

Ah - disse Jesse, sentando-se de novo na cama. – Depois de um tempo ele se acalmou. Eu gosto dele, Suzannah.

Funguei.

Todo mundo gosta. Ou gostava, quando ele era vivo.

Ele se preocupa com você, você sabe.

Ele tem coisas muito maiores com que se preocupa r - murmurei.

Jesse piscou, curioso.

Como o quê?

Ah, não sei. Que tal o motivo para ele estar aqui em vez de no lugar aonde as pessoas devem ir depois de mortas? Essa pode ser uma sugestão, não acha?

Jesse falou em voz baixa:

37

- Como você tem certeza de que não é aqui que ele deve estar, Suzannah? Ou eu, por sinal?

Encarei-o.

Porque a coisa não funciona assim, Jesse. Talvez eu não saiba muito sobre esse negócio de mediação, mas disso eu sei. Esta é a terra dos vivos. Você, meu pai e aquela dona que esteve aqui há um minuto não pertencem a este lugar.

O motivo para estarem presos aqui é porque há alguma coisa errada.

Ah. Sei.

Mas ele não sabia. Eu sabia que ele não sabia.

Você não pode dizer que está feliz aqui - falei. – Você não pode dizer que gosta de estar preso neste quarto por cento e cinqüenta anos.

Não foi muito ruim - disse ele com um sorriso. – As coisas melhoraram recentemente.

Eu não tinha certeza do que ele queria dizer com isso. E como tinha medo de minha voz ficar esganiçada de novo se perguntass e, preferi dizer: Bem, sinto muito o meu pai ter ido atrás de você. Juro que eu não contei a ele.

Tudo bem, Suzannah - disse Jesse baixinho. - Eu gosto do seu pai. E ele só faz isso porque se preocupa com você.

Você acha? - Puxei a colcha. - Eu tenho minhas dúvidas. Acho que ele faz isso porque sabe que me chateia.

Jesse, que estivera me olhando puxar a colcha de chenile, subitamente estendeu a mão e segurou meus dedos.

Ele não deveria fazer isso. Bem, pelo menos eu vinha tentando lhe dizer que ele não deveria fazer isso. Talvez tenha me escapado da mente. Mas, de qualquer modo, ele não deveria fazer isso. Quero dizer, me tocar.

Veja bem, apesar de Jesse ser um fantasma e ser capaz de atravessar paredes e desaparecer e reaparecer à vontade, ele ainda está... bem, ali. Pelo menos para mim. É

isso que me torna - e ao padre Dom - diferente de todo mundo. Nós não somente podemos ver os fantasmas e falar com eles, também podemos senti -los - como se eles fossem qualquer pessoa. Qualquer pessoa viva, quero dizer. Porque para mim e para o padre Dom os fantasmas são como qualquer pessoa, com sangue, entranhas, suor, mau hálito e sei lá o quê mais. A única diferença real é que eles meio que têm um brilho em volta - uma aura, acho que é como se chama.

Ah, e eu já falei que um monte deles tem força sobre -humana? Em geral eu esqueço de dizer isso. É por

isso que, na minha linha de trabalho, freqüentemente eu levo umas porradas feias. E também é por isso que fico meio pirada quando um deles

- como Jesse estava fazendo naquel a hora - me toca, ainda que de modo não agressivo.

38

E quero dizer, sério, só porque, para mim, os fantasmas são tão reais quanto, digamos, Tad Beaumont, isso não significa que eu queira dançar agarradinha com eles nem nada.

Bem, certo, no caso de Jesse, eu ia querer, só que você não acha que seria bem estranho dançar agarradinha com um fantasma? Qual é! Ninguém além de mim iria poder vê-lo. Eu iria falar: "Ah, deixe - me apresentar meu namorado", e não haveria ninguém ali. Que mico! Todo mundo ia achar que eu estava inventando o cara, que nem aquela dona naquele filme que eu vi no canal Lifetime, que inventou um filho extra.

Além disso, eu tenho quase certeza de que Jesse não gosta de mim desse modo.

Sabe, do modo de dançar agarradinho.

O que infelizmente ele provou virando minhas mãos e segurando -as ao luar.

- O que há de errado com os seus dedos?

Olhei para eles. A erupção estava pior do que nunca. Ao luar eu parecia deformada, como se tivesse mãos de monstro.

Sumagre venenoso - falei amarga. - Você tem sorte de estar morto e não poder encostar nisto. Queima. Ninguém me falou disso, você sabe. Sobre o sumagre venenoso. Sobre palmeiras, claro, todo mundo disse que havia palmeiras, mas...

Você deveria tentar pôr um ungüento de folhas de grindélia - interrompeu ele.

Ah, certo - falei conseguindo não parecer sarcástica demais.

Ele franziu a testa para mim.

É uma planta com flores amarelas pequenas. Cresce no campo, Tem propriedades curativas, você sabe. Há algumas naquele morro atrás da casa.

Ah. Quer dizer aquele morro onde ficam todos os pés de sumagre venenoso?

Dizem que pólvora também funciona.

Ah. Sabe, Jesse, talvez você fique surpreso em saber que a medicina avançou além dos ungüentos de plantas e pólvora no último século e meio.

Ótimo - disse ele, largando minhas mãos. - Foi só uma sugestão.

Bem. Obrigada. Mas vou colocar a fé na hidrocortisona.

Ele me olhou durante um tempo. Acho que provavelmente estava pensando em como eu sou esquisita. Eu estava pensando em como era estranho o fato de que aquele cara tinha segurado minhas mãos escamosas,

sumagrentas -venenosas.

Ninguém mais aceitaria tocá-las, nem minha mãe. Mas Jesse não se incomodou.

Mas afinal de contas, ele não iria pegar a doença.

Suzannah - disse ele finalmente.

O quê?

Vá com cuidado com essa mulher. A mulher que esteve aqui.

39

Dei de ombros.

Certo.

Estou falando sério. Ela não é... ela não é quem você acha.

Eu sei quem ela é.

Ele ficou surpreso. Tão surpreso que foi meio insultuoso.

Você sabe? Ela contou?

Bem, não exatamente. Mas você não precisa se preo cupar. Eu estou com as coisas sob controle.

Não. - Ele se levantou da cama. - Não está, Suzannah.

Você deve ter cuidado. Desta vez deve ouvir o seu pai.

Ah, certo - falei muito sarcástica. - Obrigada. Você acha que poderia ser mais assustador com isso? Tipo será que você podia babar sangue ou alguma coisa assim?

Acho que talvez eu tenha sido um pouco sarcástica demais, porque em vez de responder ele simplesmente desapareceu.

Fantasmas. Não agüentam uma brincadeira.

40

Capítulo 6

Você quer que eu o que! - Só me deixe lá. Na ida para o trabalho. Não fica longe do seu caminho.

Soneca me olhou como se eu tivesse sugerido que ele comesse vidro ou sei lá o quê.

Não sei - disse ele devagar, parado na porta, com as chaves do Rambler na mão.

- Como você vai voltar para casa?

Um amigo vai me pegar - falei toda animada.

Era a maior mentira, claro. Eu não tinha como voltar para casa. Mas num instante pensei que poderia chamar Adam. Ele tinha acabado de conseguir a carteira de motorista, além de um Novo Fusca. Estava tão doido para dirigir que me pegaria em Albuquerque, se eu ligasse para ele de lá. Não acho que se importaria muito se eu ligasse para ele da mansão de Thaddeus Beaumont na Seventeen Mile Drive.

Soneca ainda estava em dúvida.

- Não sei... - disse lentamente.

Dava para ver que ele pensava que eu estava indo para uma reunião de gangue, ou alguma coisa assim. Soneca nunca pareceu muito empolgado comigo, especialmente depois do casamento dos nossos pais, quando ele me pegou fumando do lado de fora do salão de rec epção. O que é totalmente injusto, já que desde então eu nunca toquei num cigarro.

Mas acho que o fato de ele ter sido recentemente obrigado a me resgatar no meio da noite quando um fantasma fez um prédio desmoronar em cima de mim não ajudou exatamente a formar algum laço de confiança calorosa entre nós.

Especialmente porque eu não podia contar a ele a parte sobre o fantasma. Acho que ele pensa que eu sou o tipo de garota em cima de quem os prédios caem o tempo todo.

Não é de espantar que não me queira no s eu carro.

- Qual é - falei, abrindo meu casaco comprido, cor de camelo. - Que tipo de encrenca eu posso arranjar com esta roupa?

Soneca me olhou de cima a baixo. Até ele tinha de admitir que eu era o exemplo máximo da inocência com o suéter de tricô branco , saia pregueada vermelha e sapatos baratos. Até coloquei um cordão com uma cruz de ouro, que ganhei num concurso de redações sobre a Guerra de 1812 na aula do Sr. Walden. Achei que era o tipo de roupa que um cara velho como o Sr. Beaumont apreciaria: você sabe, esse negócio de colegial atrevida.

Além disso - falei -, é para a escola.

Certo - disse Soneca enfim, parecendo que realmente queria estar em outro lugar. - Entre no carro.

41

Fui direto para o Rambler antes que ele tivesse chance de mudar de idéia.

Soneca entrou um minuto depois, sonolento como sempre. Seu trabalho numa pizzaria parecia exigente demais. Ou isso ou ele fazia um monte de hora extra. Dava para pensar que ele já teria economizado o bastante para aquele Camaro. Falei isso enquanto a gente ia deixando a entrada de veículos.

- É - disse Soneca. - Mas eu quero botar ela nos trinques, sabe? Som Alpine, caixas Bose. A coisa toda.

Eu tenho um negócio com relação aos caras que chamam seus carros de "ela", mas não achei que valeria a pena pegar no p é de quem me dava carona. Em vez disso, falei:

- Uau. Maneiro.

Nós moramos nas colinas de Carmel, virados para o vale e a baía. É um lugar lindo, mas como estava escuro, eu só podia ver o interior das casas pelas quais íamos passando. As pessoas na Califór nia têm umas janelas bem grandes para deixar o sol entrar e, à noite, quando as luzes estão acesas, você pode ver praticamente tudo que elas estão fazendo, como no Brooklyn, onde ninguém fechava as cortinas. É meio familiar, na verdade.

- Para que aula é isso? - perguntou Soneca, me fazendo dar um pulo. Ele falava tão raramente, em especial quando estava fazendo alguma coisa de que gostava, como comer ou dirigir, que eu meio esqueci que ele estava ali.

O quê?

O trabalho que você está fazendo. - Ele afastou os olhos da estrada por um segundo e me espiou. - Você disse que era para a escola, não disse?

Ah. Claro. É. É... hmm... uma matéria que eu estou fazendo para o jornal da escola. Minha amiga Cee Cee é a editora. Ela me designou para fazer.

Ah, meu Deus, eu sou tão mentirosa! E não posso parar numa mentira só. Ah, não. Tenho de ir empilhando. Sou doente, vou te contar. Doente.

- Cee Cee - disse Soneca. - É aquela mina com quem você fica no almoço, a albina, certo?

Cee Cee teria uma embolia se ouvisse alguém chamando-a de "mina", mas como tecnicamente o resto da frase estava correto, falei:

- É.

Soneca grunhiu e não disse mais nada durante um tempo. Seguimos em silêncio, com as grandes casas com janelas cheias de luzes passando pela Seventeen Mile Drive, no trecho que deveria ser tipo a estrada mais linda do mundo, algo assim.

O famoso campo de golfe de Pebble Beach fica na Seventeen Mile Drive, junto com uns cinco outros

clubes de golfe e um punhado de locais turísticos, como o Cipreste Solitário, que é um tipo de árvore crescendo numa pedra, e a Pedra da Foca, onde há -

você adivinhou - um monte de focas.

42

A Seventeen Mile Drive também é onde você pode verificar as correntes do que chamam de Mar Inquieto, já que o oceano ao longo dessa parte da costa é cheio demais de ondas cruzadas e correntes submarinas para alguém poder nadar. É todo feito de ondas gigantescas se chocando e minúsculos trechos de areia entre grandes pedras em que as gaivotas vivem largando mexilhões e outras coisas, esperando rachar as conchas. Algumas vezes surfistas também são rachados ao meio ali, se forem estúpidos a ponto de pensar que agüentam as ondas.

E, se você quiser, pode comprar uma mansão realmente grande num penhasco dando para toda essa beleza natural, por meros, ah, um zilhão de dólares, mais ou menos.

O que aparentemente era o que Thaddeus "Red" Beaumont tinha feito. Ele havia conseguido uma daquelas mansões. Realmente grande, vi quando Soneca finalmente parou na frente dela. Tão grande, na verdade, que tinha uma pequena guarita junto ao enorme portão de lanças diante de um caminho comprido, comprido, com um guarda dentro assistindo à TV.

Olhando o portão, Soneca falou:

- Tem certeza de que é aqui?

Engoli em seco. Pelo que Cee Cee tinha dito, eu sabia que o Sr. Beaumont era rico. Mas não achava que fosse tão rico.

E pense só, o filho dele me chamou para dançar agarradinho!

Hmm - falei. - Talvez eu devesse só ver se ele está em casa, antes de você sair.

É, acho que sim.

Saí do carro e fui até a pequena guarita. Não me importo em di zer que me sentia uma idiota. O dia inteiro estivera tentando falar com o Sr. Beaumont, e sempre diziam que ele estava numa reunião ou atendendo a outro telefonema. Por algum motivo eu tinha achado que um toque pessoal poderia funcionar. Não sei o que esta va pensando, mas acho que isso envolvia tocar a campainha e depois olhar simpática a cara dele quando ele fosse atender à porta.

Isso dava para ver agora, não ia acontecer.

- Hmm, com licença - falei no pequeno microfone na guarita. À prova de bala, notei. Ou o pai de Tad tinha gente que não gostava dele ou era simplesmente um pouco paranóico.

O guarda ergueu os olhos da TV. Deu uma sacada em mim. Eu o vi dar uma sacada em mim. Eu tinha mantido o casaco aberto para garantir que ele visse a saia pregueada e os sapatos. Depois ele olhou para além de mim, para o Rambler. Isso não era bom. Eu não queria ser julgada por meu irmão adotivo e seu carro caído.

Bati de novo no vidro para atrair a atenção do guarda.

- Olá - falei ao microfone. - Meu nome é Suzannah

43

Simon, e eu estamos no segundo ano na Academia da Missão. Estou fazendo uma matéria para o jornal da escola sobre as dez pessoas mais influentes de Carmel e gostaria de entrevistar o Sr. Beaumont, mas infelizmente ele não respondeu aos meus telefonemas, e a matéria tem de ser entregue amanhã, por isso imaginei se ele estaria em casa e se me receberia.

O guarda me olhou com expressão perplexa.

- Eu sou amiga de Tad, Tad Beaumont, o filho do Sr. Beaumont. Ele me conhece, de modo que, se o senhor quiser... sabe.. . que ele me veja pela câmera de segurança ou algo parecido, tenho certeza de que ele poderia, sabe, verificar minha identidade. Quero dizer, se minha identidade precisar ser verificada.

O guarda continuou me encarando. Era de pensar que um sujeito rico co mo o Sr. Beaumont poderia pagar guardas mais inteligentes.

- Mas se for uma hora ruim - falei, começando a recuar -, acho que posso voltar depois.

Então o guarda fez uma coisa extraordinária. Inclinou -se para frente, apertou um botão e disse, pelo alto-falante:

- Querida, você fala mais depressa do que qualquer pessoa que já ouvi na vida.

Poderia repetir tudo isso? Devagar, dessa vez?

Falei de novo meu pequeno discurso, mais devagar dessa vez, enquanto atrás de mim Soneca estava sentado ao volante com o mot or ligado. Pude ouvir o rádio berrando dentro do carro, e Soneca cantando junto. Ele devia achar que o carro era à prova de som com as janelas levantadas.

Cara, ele estava muito errado!

Depois de eu fazer o discurso pela segunda vez, o guarda, com uma espé cie de sorriso no rosto, falou:

- Espere aí, moça - em seguida pegou um telefone branco e começou a dizer coisas que eu não pude ouvir. Fiquei ali parada, querendo estar usando uma malha, em vez de meia calça, porque minhas pernas estavam congelando no ven to frio que vinha do oceano, e imaginando como podia ter pensado que essa era uma boa idéia.

Então o microfone estalou.

- Certo, moça - disse o guarda. - O Sr. Beaumont vai receber você.

E então, para minha perplexidade, o grande portão duplo, cheio de lan ças, começou a se abrir.

- Ah - falei. - Ah, meu Deus! Obrigada! Obrigada...

Então notei que o guarda não podia me ouvir, porque eu não estava falando ao microfone. Por isso voltei correndo ao carro e abri a porta.

Soneca, no meio de uma sessão concentradí ssima tocando air guitar, parou e ficou sem graça.

- E? - perguntou ele.

44

E - falei batendo a porta do carona depois de entrar. - Estamos dentro. Só me deixe na casa, certo?

Claro, Cinderela.

Demoramos cinco minutos para ir até o fim da entrada de veículos. Eu nem estou brincando. Era longe. De cada lado havia umas árvores enormes formando uma espécie de alameda. Uma alameda de árvores. Era bem legal. Fiquei pensando que durante o dia provavelmente era linda. Haveria alguma coisa que Tad Beaumont não tinha? Beleza, dinheiro, um lugar lindo para morar...

Só precisava de euzinha toda bonitinha.

Soneca parou o carro na frente de uma entrada pavimentada, com palmeiras enormes de cada lado, meio tipo o ho tel Polynesian na Disney World. De fato, todo o lugar tinha um jeito meio Disney. Sabe, realmente grande e tipo moderno e falso.

Havia um monte de luzes acesas, e no fim de todas as pedras do pavimento eu pude ver uma gigantesca porta de vidro com alguém espreitando atrás. Virei -me para Soneca e disse:

Certo, estou numa boa. Obrigada pela carona.

Soneca olhou todas as luzes, palmeiras e coisa e tal.

Tem certeza de que você tem como voltar para casa?

Tenho.

- Certo. - Enquanto saía do carro, ouvi quando ele murmurou: - Nunca tinha entregue torta aqui antes.

Subi rapidamente a entrada pavimentada, consciente, enquanto Soneca ia embora com o carro, de que podia ouvir o oceano em algum lugar, ainda que, na escuridão do outro lado da casa, não pudesse vê -lo. Quando cheguei à porta, ela se abriu antes que eu pudesse procur ar uma campainha e um japonês de calças pretas e um negócio branco parecendo roupão fez uma reverência e disse:

- Por aqui, senhorita.

Eu nunca tinha ido a uma casa onde um empregado atendia à porta - quanto mais sendo chamada de senhorita -, por isso não sabia como agir. Segui-o até uma sala gigantesca onde as paredes eram feitas de pedras de verdade, sobre as quais água de verdade pingava em riachos minúsculos, que eu supus que eram para ser cachoeiras.

- Posso pegar seu casaco? - perguntou o japonês, por isso eu o tirei, mas fiquei com a bolsa de onde o caderno de ano tações estava espiando para fora. Queria ter a aparência do personagem, você sabe.

Então o japonês fez outra reverência e disse:

- Por aqui, senhorita.

Ele me levou até uma porta dupla de vid ro, deslizante, que dava num comprido pátio aberto onde havia uma enorme piscina iluminada de turquesa no escuro. Subia 45

vapor da superfície. Acho que era aquecida. Havia uma fonte no meio dela, e uma formação rochosa de onde a água jorrava, e em toda volta havia plantas, árvores e arbustos de hibisco. Um lugar muito legal , pensei, para eu ficar depois da escola com meu maio Calvin Klein e minha canga.

Então

estávamos

dentro

de

novo,

num

corredor

de

aparência

surpreendentemente comum. Foi nesse ponto que meu guia fez uma terceira reverência e disse:

- Espere aqui, por favor - e desapareceu numa das três portas que havia no corredor.

Então eu fiz o que ele disse, mas não pude deixar de me perguntar que horas seriam. Não uso relógio, já que todos os que eu tinh a acabavam sendo despedaçados por algum espírito maligno. Mas não havia planejado gastar mais do que alguns minutos do meu tempo com esse cara. Meu plano era entrar, dar a mensagem da morta e depois sair. Falei à minha mãe que estaria em casa por volta das nove, e já devia ser quase oito.

Gente rica. Simplesmente não se importa com o toque de recolher dos outros.

Então o japonês reapareceu, fez uma reverência e disse:

- Ele vai recebê-la agora.

Epa. Eu imaginei se deveria me ajoelhar.

Contive-me. Em vez disso, passei pela porta - e me vi num elevador. Um elevador minúsculo com uma cadeira e uma mesinha de canto. Havia até uma planta na mesa. O japonês tinha fechado a porta atrás de mim, e agora eu estava sozinha num cômodo minúsculo que definitivamente se mo via. Eu não tinha como saber se estava subindo ou descendo. Não havia números na porta para indicar a direção que a coisa estava tomando. E só havia um botão...

O cômodo parou de se mexer. Quanto estendi a mão para a maçaneta, ela girou.

E, quando saí do elevador, me peguei numa sala escura com grandes cortinas de veludo sobre as janelas, contendo apenas uma escrivaninha enorme, um aquário ainda maior e uma única poltrona de visita, evidentemente para mim, diante daquela escrivaninha. Atrás da escrivaninha estava sentado um homem. O homem, ao me ver, sorriu.

- Ah - disse ele. - Você deve ser a Srta. Simon.

46

Capítulo 7

Ahn - falei. - É.

Era difícil dizer, porque estava escuro demais no cômodo, mas o homem atrás da mesa parecia ter mais ou menos a idade do meu padrasto. Uns quarenta e cinco.

Estava usando suéter sobre uma camisa abotoada, meio como Bill Gates sempre usa.

Tinha cabelos castanhos obviamente ficando ralos. Cee Cee estava certa: sem dúvida ele não era ruivo.

E nem de longe tão bonito quanto o filho.

- Sente-se - disse o Sr. Beaumont. - Sente-se. É um prazer enorme vê -la. Tad me falou muito sobre você.

É, certo. Imaginei o que ele diria se eu observasse que Tad nem sabia o meu nome. Mas como eu ainda estava fazendo o papel da repórter concentra da, sorri enquanto me acomodava na confortável poltrona de couro diante de sua mesa.

- Gostaria de tomar alguma coisa? - perguntou o Sr. Beaumont. - Chá?

Limonada?

Ah, não, obrigada. - Era difícil não olhar para o aquário atrás dele. Era montado na parede, quase preenchendo-a inteiramente, e estava cheio de todo tipo de peixe colorido que se possa imaginar. Havia luzes engastadas na areia do fundo, que lançavam um brilho estranho, aquático, na sala. O rosto do Sr. Beaumont, com aquela luz ondulada, parecia meio tipo Grand Moff Tarkin. Você sabe, na cena final da batalha pela Estrela da Morte.

Não quero dar trabalho para o senhor - falei em resposta à pergunta sobre a bebida.

Ah, não é problema. Yoshi pode trazer para você. – O Sr. Beaumont pegou o telefone no centro de sua gigantesca mesa de aparência vitoriana. - Posso pedir que ele traga alguma coisa?

Sério - falei. - Eu estou bem. - E então cruzei as pernas porque ainda estava congelando de quando tinha ficado lá fora perto da guarita.

Ah, mas você está com frio - disse o Sr. Beaumont. - Aqui, deixe-me acender a lareira.

-Não. Sério. Está tudo... bem...

Minha voz ficou no ar. O Sr. Beaumont não tinha se levantado, como Andy teria feito, ido até a lareira, enfiado pedaços de jornal debaixo de alguns pedaços de lenha, acendido a coisa e depois passado a meia hora seguinte soprando e xingando.

Em vez disso levantou um controle remoto, apertou um botão e de repente havia um fogo gostoso aceso na

lareira de mármore preto. Eu senti o calor imediatamente.

47

Uau - falei. - Sem dúvida isso é... conveniente.

Não é mesmo? - O Sr. Beaumont sorriu para mim. Por algum motivo ficou olhando a cruz no meu pescoço. – Eu nunca gostei de acender lareiras. É uma bagunça. Nunca fui um bom escoteiro.

- Ha, ha - falei. O único modo de isso ficar mais esquisito, pensei, seria ele ter a cabeça da dona morta no gelo em algum lugar do porão, pronta para ser transplantada no corpo de Cindy Crawford assim que ele se tornar disponível.

Bem, se é que posso ir direto ao ponto, Sr. Beaumont...

Claro. As dez pessoas mais influentes em Carmel, não é? E qual é o meu número? O um, espero.

Ele sorriu ainda mais para mim. Eu sorri de volta. Odeio admitir, mas esta é sempre minha parte predileta. Há definitivamente alguma coisa errada comigo.

- Na verdade, Sr. Beaumont, eu não estou aqui realmente para fazer uma matéria para o jornal da escola. Estou porque alguém pediu para eu lhe dar uma mensagem, e esse foi o único modo em que eu consegui pensar. O senhor é uma pessoa muito difícil de contatar, sabe?

Seu sorriso não tinha hesitado enquanto eu disse q ue estava ali usando argumentos falsos. Talvez ele tivesse apertado algum botão secreto debaixo da mesa, chamando a segurança. Mas se fez isso, eu não vi. Ele cruzou os dedos debaixo do queixo e, ainda olhando minha cruz de ouro, falou cheio de expectativa: - Sim?

- A mensagem - falei me empertigando - é de uma mulher (desculpe, eu não peguei o nome dela) que por acaso está morta.

Não houve absolutamente qualquer mudança na expressão dele. Obviamente, decidi, era um mestre em esconder as emoções.

- Ela pediu para eu dizer - continuei - que o senhor não a matou. Ela não o culpa. E quer que o senhor pare de se culpar.

Isso provocou uma reação. Ele descruzou rapidamente os dedos, depois pôs as mãos chapadas sobre a mesa e me encarou com um olhar de fascínio absoluto.

- Ela disse isso? - perguntou ele ansioso. - Uma morta?

Encarei-o inquieta. Essa não era bem a reação à qual eu estava acostumada quando dava mensagens como a que tinha acabado de dar. Algumas lágrim as seriam uma coisa boa. Um ofegar de perplexidade. Mas não esse - vamos encarar os fatos -

tipo de interesse doentio.

- É - falei me levantando.

Não era só que o Sr. Beaumont e seu olhar amedrontador estivessem me deixando pirada. E não era o aviso de pap ai ressoando nos ouvidos. Meus instintos de mediadora estavam dizendo para dar no pé. Agora. E quando meus instintos dizem para fazer alguma coisa, em geral eu obedeço. Por longa experiência, sei que isso é benéfico para a minha saúde.

48

- Certo - falei. - Tchau.

Virei-me e voltei para o elevador. Mas quando puxei a maçaneta, ela não se mexeu.

Onde você viu essa mulher? - a voz do Sr. Beaumont, atrás de mim, estava cheia de curiosidade. - Essa defunta.

Eu tive um sonho com ela, certo? - falei, continuando a puxar inutilmente a porta. - Ela apareceu num sonho. Para ela era realmente importante que o senhor soubesse que ela não o considera responsável por nada. E agora que cumpri com meu dever, o senhor se incomodaria se eu fosse embora?

Falei com minha mãe que estaria em casa por volta das nove.

Mas o Sr. Beaumont não soltou a porta do elevador. Em vez disso falou numa voz meditativa:

- Você sonhou com ela? Os mortos falam com você nos sonhos? Você é paranormal?

Droga, falei comigo mesma. Eu deveria saber.

Esse cara era um daqueles da Nova Era. Provavelmente tinha um tanque de privação sensorial no quarto e queimava velas de aromaterapia no banheiro e tinha um pequeno cômodo secreto dedicado ao estudo de extraterrestres em algum lugar da casa.

- É - falei, uma vez que já tinha cavado o buraco. Achei que podia muito bem entrar nele agora. - É, eu sou paranormal.

Faça com que ele continue falando, disse a mim mesma. Faça com que ele continue falando enquanto você acha outra saída. Comecei a ir para uma das janelas escondidas atrás das vastas cortinas de veludo.

- Mas olha, eu não posso dizer mais nada, certo? Eu só tive um sonho. Com alguém que parece ter sido uma dona muito boa. É uma pena ela estar morta e coisa e tal. Quem ela era, afinal de contas? Sua... hmm... mulher?

Na palavra mulher eu abri a cortina, esperando achar uma janela através da qual eu pudesse passar o pé e depois pular para a segurança. Não é grande coisa.

Tinha feito isso cem vezes antes.

E havia uma janela, certo. Uma janela de três metros e mei o com montes de painéis de vidro, recuados uns trinta centímetros, pelo menos, num belo caixilho trabalhado.

Mas alguém tinha fechado os postigos - você sabe, os que ficam do lado de fora da casa e que em geral são principalmente decorativos. Bem fechado. Nem um raio de sol poderia penetrar naquelas coisas.

Deve ser tremendamente empolgante - estava dizendo o Sr. Beaumont atrás de mim enquanto eu olhava para os postigos, imaginando se iriam se abrir caso eu os chutasse com força. Mas quem sabia que tipo

de queda haveria abaixo deles?

49

Poderiam ser uns quinze metros, sei lá. Eu tinha dado alguns saltos perigosos na vida, mas em geral sabia onde estava pulando antes de ir com tudo.

Ser paranormal, quero dizer - continuou o pai de Tad.

- Será que você se incomod aria em fazer contato com outras pessoas falecidas que eu conheço? Há alguns indivíduos com quem eu gostaria muito de falar.

A coisa não funciona assim. - Soltei aquelas cortinas e fui até a próxima janela.

A mesma coisa. A janela tinha postigos completame nte fechados. Nem mesmo uma fresta por onde a luz do sol pudesse passar. De fato eles pareciam quase pregados.

Mas isso era ridículo. Quem pregaria postigos sobre as janelas? Especialmente com o tipo de vista para o mar que eu tinha certeza que a casa do S r. Beaumont possuía.

- Ah, mas sem dúvida, se você se concentrasse de verdade - a voz agradável do Sr. Beaumont me acompanhou enquanto eu ia até a próxima janela - poderia se comunicar só com mais alguns. Quero dizer, você já teve sucesso com uma. O que são mais alguns? Eu pagaria, claro.

Não pude acreditar. Cada uma das janelas estava com os postigos fechados.

- Hmm - falei enquanto chegava à última janela e descobria que também tinha postigos fechados. - O senhor tem um pouco de agorafobia?

Finalmente o Sr. Beaumont pareceu ter notado o que eu estava fazendo, porque disse casualmente.

- Ah, isso. É. Eu sou sensível à luz do sol. É ruim para a pele.

Ah, tudo bem. O cara era pirado mesmo.

Só havia uma outra porta na sala e ficava atrás do Sr. Beaumont, perto do aquário. Eu não me sentia exatamente empolgada com a idéia de chegar perto do cara, por isso voltei à porta do elevador.

- Olha, por favor pode destrancar isso para eu ir para casa? - Puxei a maçaneta, tentando não deixar o medo transparecer. - Minha mãe é muito rígida e, se eu perder o toque de recolher ela... ela pode bater em mim.

Sei que isso era pegar meio pesado - especialmente se por acaso ele assistisse ao noticiário local e visse mamãe fazendo uma de suas apresentações. Ela não é do tipo agressivo. Mas o negócio é que havia alguma coisa esquisita nele, eu realmente só queria dar no pé e não me importava como. Teria dito qualquer coisa para sair.

Você acha que, se eu ficasse muito quieto - quis saber o Sr. Beaumont -, poderia invocar de novo o espírito dessa mulher para eu trocar uma palavra com ela?

Não. Por favor, pode abrir esta porta?

Você não imagina o que ela quis dizer? Bem, ela pediu para você me dizer para não me culpar pela sua morte.

50

Como se, de algum modo, eu fosse responsável por matá -la. Isso não faz você pensar um pouco, Srta. Simon? Quero dizer, sobre se eu poderia ou não ser um...

Nesse momento, para meu absoluto alívio, a maçaneta do elevador girou na minha mão. Mas não porque o Sr. Beaumont a tivesse liberado. Não, por acaso que alguém estava saindo do elevador.

Olá - disse um homem louro, muito mais novo do que o Sr. Beaumont e vestido com terno e gravata. - O que temos aqui?

Esta é a Srta. Simon, Marcus - disse o Sr. Beaumont, todo animado. - Ela é paranormal.

Por algum motivo Marcus também ficou olhando para o meu colar. Não tanto para o colar, mas para toda a área do pescoço.

- Paranormal, hein? - disse ele, com o olhar examinando a gola do meu suéter. -

É isso que vocês dois estavam discutindo aqui? Yoshi disse alguma coisa so bre uma matéria de jornal...

Ah, não. - O Sr. Beaumont balançou a mão como se quisesse descartar toda a coisa do jornal. - Isso foi só uma coisa que ela inventou para que eu a recebesse e ela pudesse contar sobre o sonho. Um sonho bastante extraordinário, Marcus.

Ela disse que sonhou que uma mulher lhe disse que eu não a matei. Não a matei, Marcus. Não é interessante?

Certamente. - Marcus segurou meu braço. - Bem, fico feliz por vocês dois terem tido uma conversinha agradável.

Agora acho que a Srta. Simon t em de ir.

Ah, não - pela primeira vez o Sr. Beaumont se levantou atrás de sua mesa.

Notei que ele era bem alto. E estava usando calça de veludo cotelê verde. Verde!

Realmente, se você me perguntar, essa foi a coisa mais esquisita de todas.

- Nós só estávamos nos conhecendo - disse o Sr.Beaumont, em tom lamentoso.

- Eu disse a mamãe que chegaria em casa antes das nove - falei rapidamente a Marcus.

Marcus não era idiota. Guiou-me direto para o elevador, dizendo ao Sr.

Beaumont:

Teremos a Srta. Simon de volta em breve.

Espere. - O Sr. Beaumont começou a rodear sua mesa.

- Eu não tive chance de...

Mas Marcus pulou no elevador comigo e, me soltando, bateu a porta.

51

Capítulo 8

Um segundo depois estávamos em movimento. Eu ainda não sabia se descendo ou subindo. Mas realmente não importava. O fato era que estávamos em movimento, indo para longe do Sr. Beaumont, e esta era a única coisa que me importava.

- Nossa - não pude deixar de falar assim que soube que estava em segurança. -

O que há com aquele cara?

Marcus me olhou.

- O Sr. Beaumont machucou você de algum modo, Srta.Simon?

Pisquei os olhos, surpresa. - Não.

- Fico muito feliz em saber. - Marcus pareceu um pouco aliviado, mas tentou disfarçar isso por trás de uma aparência profissional. - O Sr. Beaumont está um pouco cansado esta noite. Ele é um homem muito importante, muito ocupado.

- Odeio ser eu a lhe dizer, mas aquele cara não está somente cansado.

- Pode ser. O Sr. Beaumont não tem tempo para garotinhas que gostam de pregar peças.

- Peças? - ecoei, ligeiramente ofendida. - Escuta, moço, eu realmente... - O que eu estava dizendo? - Eu realmente...é... tive aquele sonho, e não gosto... Marcus me olhou, cansado.

- Srta. Simon - disse ele em voz entediada. - Eu realmente não quero ter de ligar para os seus pais. E se você prometer que não vai incomodar o Sr. Beaumont nunca mais com essa coisa de sonhos paranormais, eu não ligo.

Quase ri disso em voz alta. Meus pais? Eu estava preocupada com a hipótese de ele chamar a polícia. De meus pais eu podia cuidar. A polí cia era uma coisa totalmente diferente.

Ah - falei quando o elevador parou e Marcus abriu a porta e deixou que eu recuasse para o pequeno corredor que saía do pátio onde havia a piscina. - Certo. –

Tentei colocar um bocado de desapontamento petulante na vo z.

- Prometo.

Obrigado.

Marcus assentiu, depois começou a andar comigo até a porta da frente.

Ele provavelmente teria me chutado para fora sem pensar duas vezes, não fosse o fato de que estávamos

passando pela piscina e por acaso eu notei alguém nadando nela. A princípio não dava para ver quem era. Estava realmente escuro, o céu noturno sem lua e sem estrelas por causa de uma grossa camada de nuvens, e as únicas luzes eram as grandes e redondas debaixo d'água. Elas faziam a pessoa na piscina parecer toda distorcida - meio tipo o rosto do Sr. Beaumont com a luz do aquário.

52

Mas então o nadador chegou ao fim da piscina, aparentemente tendo terminado os exercícios, saiu dela e pegou uma toalha que tinha jogado numa cadeira.

Congelei.

E não somente porque o tinha reconhecido. Congelei porque, realmente, não é todo dia que você vê um deus grego bem aqui na terra.

Sério. Tad Beaumont de calção de banho era uma coisa linda de se ver. À luz azul da piscina parecia um Adônis, com água brilhando em todo o pêlo escuro qu e cobria o peito e as pernas. E ainda que seus músculos abdominais não fossem tão impressionantes quanto os de Jesse, bem, pelo menos ele tinha um conjunto de bíceps que compensava muito bem.

- Oi, Tad - falei.

Tad ergueu a cabeça. Estava se enxugando com a toalha. Agora parou e me olhou.

- Ah, ei - disse ele, me reconhecendo. Um grande sorriso se abriu em seu rosto.

- É você.

Cee Cee estava certa. Ele nem sabia o meu nome.

É. Suze Simon. Da festa de Kelly Prescott.

Claro, eu lembro. - Tad veio andando até nós, com a toalha pendurada casualmente nos ombros. - Como vai?

Seu sorriso era digno de se ver, vou te contar. Seu pai provavelmente havia pago uma bela grana a algum ortodontista, mas valia cada centavo.

Você conhece esta jovem, Tad? - disse Marcus, com a descrença evidente no tom de voz.

Ah, claro. - Tad parou perto de mim, com a água ainda pingando como diamantes dos pêlos escuros. - A gente se conhece há um tempão.

Bem - disse Marcus. E evidentemente não conseguiu pensar em algo para acrescentar, já que falou de novo. - Bem.

E então, depois de um silêncio incômodo, falou isso uma terceira vez, mas acrescentou:

Então acho que vou deixar vocês dois a sós. Tad, você mostra a saída à Srta.

Simon?

Claro - disse Tad. E quando Marcus tinha desaparecido pela po rta de vidro deslizante para dentro da

casa, ele sussurrou: - Desculpe. Marcus é um cara fantástico, mas vive preocupado demais.

Tendo conhecido o chefe dele, eu não exatamente culparia Marcus por se preocupar. Mas como não podia dizer isso a Tad, só falei :

- Tenho certeza de que ele é bem legal.

53

E então falei da matéria que estava fazendo para o jornal da escola. Achei que, mesmo que eles discutissem o assunto depois, seu pai não iria dizer: "Ah, não, não foi por isso que ela veio aqui. Ela veio para conta r um sonho que teve." E mesmo que contasse, o sujeito era tão estranho que duvido que até mesmo o filho acreditasse.

Ahn - disse Tad quando terminei de descrever o artigo sobre as dez pessoas mais influentes de Carmel. - Legal.

É. Eu nem sabia que ele era seu pai. - Meu Deus, como eu cascateio quando entro numa. - Quero dizer, eu nem sabia o seu sobrenome. De modo que foi uma tremenda surpresa. Ei, escuta, posso dar um telefonema? Tenho de armar uma carona para casa.

Tad me olhou cheio de surpresa.

- Precisa de uma carona? Não esquenta. Eu te levo.

Não consegui deixar de olhá-lo de cima a baixo. Quero dizer, ele estava praticamente nu, e coisa e tal. Certo, bem, não exatamente nu, já que estava usando um calção que ia praticamente até os joelhos. Mas para mi m estava suficientemente nu a ponto de eu não conseguir olhar para o outro lado.

- Hmm. Obrigada.

Ele acompanhou meu olhar, e olhou para o short pingando.

- Ah - disse ele, com o sorriso lindo ficando maravilhosamente sem graça. -

Deixa eu botar uma coisa rapidinho.

Você me espera aqui?

E ele tirou a toalha do pescoço e começou a voltar para a casa...

Mas se imobilizou quando eu ofeguei e disse:

- Ah, meu Deus! O que há de errado com o seu pescoço?

No mesmo instante ele encolheu os ombros e girou para me en carar de novo.

Nada - disse rápido demais.

Certamente há alguma coisa tremendamente errada com ele - falei dando um passo em sua direção. - Você está com alguma horrível...

E então, deixando a frase no ar, olhei para minhas mãos.

Olha - disse Tad em tom desconfortável. - É só sumagre venenoso. Sei que é nojento. Eu estou com isso

há uns dois dias. Parece pior do que é. Não sei como peguei isso, especialmente na nuca, mas...

Eu sei.

Levantei as duas mãos. No brilho azul das luzes da piscina, a erupção nelas parecia particularmente grotesca - exatamente como a erupção no pescoço dele.

54

- Eu tropecei e caí em cima de umas plantas na festa de Kelly. E logo depois disso você me convidou para dançar...

Tad olhou minhas mãos. Então começou a rir.

- Desculpe - falei. Eu realmente me sentia mal. Quero dizer, eu tinha desfigurado o cara. - Sério, você não sabe...

Mas Tad só continuou rindo. E depois de um tempo eu comecei a rir com ele. 2

55

Capítulo 9

Postigos fechados - repetiu o padre Dominic. - As janelas estavam com os postigos fechados? - Bem, não todas. - Eu estava sentada na cadeira diante da mesa dele, cutucando minha erupção de Sumagre venenoso. A hidrocortisona estava secando a erupção. Agora, em vez de soltar líquido, ela estava apenas escamosa. - Só as do escritório dele, ou sei lá o que era aquilo. Ele disse que era sensível à luz.

E você disse que ele ficava olhando o seu pescoço?

O meu cordão. Foi o secretário dele que ficou olhando meu pescoço como se esperasse ver um dispositivo gigantesco ali, ou sei lá o quê. Mas o senhor não está entendendo, padre Dom.

Eu tinha decidido abrir o jogo com o bom padre. Bem, pelo menos com relação à defunta que vinha me acordando no meio da noite ultimamente. Ainda não estava preparada para contar sobre Jesse - especialmente considerando o que tinha acontecido quando Tad me deixou na noite anterior - mas achei que, se Thaddeus Beaumont, pai, era realmente o assassino assustador que eu não podia deixar de suspeitar de que fosse, eu precisaria da ajuda do padre D om para levá-lo à justiça.

- O ponto - falei - é que ele ficou surpreso pelo motivo errado. Ficou surpreso porque a mulher disse que ele não tinha matado. O que implica - pelo menos para mim – que ele realmente matou. Matou a mulher, quero dizer.

Quando eu tinha entrado, o padre Dominic estava enfiando um arame de cabide desamassado debaixo do gesso. Aparentemente estava com coceira. Tinha parado de coçar, mas não conseguia largar o pedaço de arame. Ficava mexendo nele pensativamente. Mas pelo menos ainda não havia tira do os cigarros do maço.

Sensível à luz - ficou murmurando. - Olhando para o seu pescoço.

O ponto - falei de novo - é que parece que ele realmente matou a tal dona.

Quero dizer, ele praticamente admitiu. O problema é: como nós podemos provar?

Nós nem sabemos o nome dela, quanto mais onde ela foi enterrada, se é que alguém se incomodou em enterrar. Nós nem temos um cadáver para apontar. Mesmo que nós fôssemos procurar a polícia, o que iríamos dizer?

Mas o padre Dom estava profundamente absorvido em seus pensa mentos, revirando o arame nas mãos. Achei que, se ele ia entrar num devaneio, bem, então eu também iria.

Recostei-me na cadeira, coçando a erupção e pensando no que tinha acontecido depois de Tad e eu termos parado de rir da erupção horrorosa um do outro - a única parte da noite que eu não tinha descrito ao padre Dom.

Tad tinha ido trocar de roupa. Eu esperei perto da piscina, enquanto o vapor que subia dela esquentava

minhas pernas com a meia calça. Ninguém me incomodou e até foi relaxante ficar ouvindo a cascata. Depois de um tempo Tad apareceu de 56

novo, com o cabelo ainda molhado, mas vestindo um jeans e, infelizmente, outra camisa de seda preta. Até estava usando um cordão de ouro, se bem que duvido de que ele o tenha ganhado escrevendo uma bela redação s obre James Madison.

Eu tive de me esforçar para não dizer que o ouro provavelmente estava irritando sua erupção, e que a seda preta com jeans num homem é tremendamente cafona.

Mas consegui me conter, e Tad me levou para dentro, onde Yoshi reapareceu como magia com o meu casaco. Depois fomos até o carro de Tad, que, para meu horror completo, era uma coisa preta e esguia que, juro por Deus, David Hasselhoff dirigia naquele seriado que ele fez antes de SOS Malibu3. Tinha bancos de couro fundos e o tipo de aparelhagem de som pela qual Soneca seria capaz de matar e, quando pus o cinto de segurança, rezei para que Tad fosse bom motorista, já que eu morreria de vergonha se alguém tivesse de usar um daqueles alicates gigantescos para me arrancar de um carro assim.

Mas Tad parecia achar o carro maneiro e também que ficava maneiro dentro dele. E tenho certeza de que na Polônia, ou sei lá onde, é considerado maneiro andar de Porsche, usar cordão de ouro e camisa de seda preta, mas pelo menos lá no Brooklyn, se você fizesse essas coisas, ou era traficante de drogas ou morava em Nova Jersey.

Mas aparentemente Tad não sabia disso. Engrenou o carro e um instante depois estávamos na Drive, pegando as curvas fechadas ao longo do litoral com tanta facilidade quanto se estivésse mos num tapete mágico. Enquanto dirigia, Tad perguntou se eu queria ir a algum lugar, talvez tomar um café. Acho que agora que tínhamos a ligação comum do sumagre venenoso, ele queria ficar um tempo comigo.

Falei que sim, claro, mesmo odiando café, e ele m e deixou usar o celular para ligar para mamãe e dizer que ia chegar tarde. Mamãe ficou tão empolgada em saber que eu estava indo a algum lugar com um garoto que nem fez as coisas que geralmente as mães fazem quando suas filhas saem com um cara que elas não conhecem, tipo exigir o nome da mãe dele e o número do telefone de sua casa.

Desliguei e nós fomos ao Coffee Clutch, um lugar onde a garotada da Academia da Missão adora ir. Acabou que Cee Cee e Adam estavam lá, mas quando me viram entrando com um garoto tiveram o tato de fingir que não me conheciam.

Pelo menos Cee Cee fez isso. Adam ficou me olhando e fazendo caretas sempre que as costas de Tad estavam viradas para ele. Não sei se as caretas se deviam ao fato de a erupção de Tad estar claramente visível m esmo à luz fraca do Coffee Clutch ou se Adam estava apenas expressando seu sentimento com relação a Tad Beaumont em geral.

De qualquer modo, depois de dois capucinos - para ele - e duas cidras quentes para mim, nós saímos, e Tad me levou para casa. Descobr i que ele não era um cara particularmente brilhante. Falava um bocado sobre basque te. Quando não estava 3 O seriado ao qual a personagem se refere é A supermáquina, (N. do E.) 57

falando de basquete, falava de velejar e quando não estava falando de velejar falava de jet-ski.

E basta dizer que eu não sei nada de basquete, vela ou jet-ski.

Mas ele parecia um cara bem decente. E, diferentemente do pai, sem dúvida não era pirado, sempre positivo. E, claro, era devastadoramente bonito, de modo que, no total, eu teria dado nota sete ou oito para a noite, numa escala de um a dez, um sendo abominável, dez sendo sublime.

E então, quando eu estava tirando o cinto de segurança depois de nos despedirmos, de repente Tad se inclinou para frente, pegou meu queixo, virou meu rosto para ele e me beijou.

Meu primeiro beijo. Primeiríssimo.

Sei que é difícil acreditar. Eu sou tão vibrante, expansiva e coisa e tal, que você pensaria que os garotos me cercam como abelhas em volta do mel durante toda a minha vida.

Só digamos que não foi exatamente isso que aconteceu. Eu gosto de pôr a culpa no fato de que sou uma aberração biológica - capaz de me comunicar com os mortos e essas coisas - para nunca ter saído com um cara, mas sei que não é realmente isso. Só não sou o tipo de garota que os caras pensam em convidar para sair. Bem, talvez pensem, mas sempre pa recem conseguir se convencer do contrário.

Não sei se é porque acham que eu posso mandar o punho na garganta deles se tentarem alguma coisa, ou se só ficam intimidados por minha inteligência superior e minha aparência fantástica (ha ha). No fim das contas, eles simplesmente não se interessam.

Isto é, até Tad. Tad ficou interessado. Tad ficou muito interessado.

Tad estava exprimindo seu interesse aprofundando nosso beijo, saindo de um beijinho de despedida para um de língua em pique total - que eu estava curtindo imensamente, a propósito, apesar do cordão e da camisa de seda -, quando por acaso notei - é, tudo bem. Vou admitir. Meus olhos estavam abertos. Ei, era o meu primeiro beijo, eu não queria perder nada, certo? - que havia alguém sentado no minúsculo banco de trás do Porsche.

Virei a cabeça para trás e soltei um gritinho.

Tad piscou para mim, confuso.

O que há de errado? - perguntou ele.

Ah, por favor - disse a pessoa no banco de trás, em tom agradável. - Não parem por minha causa.

Olhei para Tad.

- Eu tenho de ir - falei. - Desculpe.

E praticamente saí correndo do carro.

58

Estava disparando pela entrada de casa, com as bochechas pegando fogo, de tanta vergonha, quando Jesse me alcançou. Ele nem estava andando depressa. Só caminhando.

E ainda teve a cara de pau de me dizer:

A culpa é sua.

Como a culpa é minha? - perguntei irritada enquanto Tad, depois de hesitar um momento, começou a dar a marcha ré, saindo de nossa entrada de veículos.

Você não deveria ter deixado ele avançar tanto – disse Jesse.

- Avançar? O que você está falando? Avançar? O que isso significa?

- Você nem o conhece direito. E estava deixando...

Girei para encará-lo. Felizmente, nessa hora, Tad tinha sumido. Caso contrário teria me visto, sob a luz dos faróis, girando e gritando para a lua que finalmente havia atravessado as nuvens.

- Ah, não - falei em voz alta. - Nem vem com isso, Jesse.

Bem - ao luar dava para ver que a expressão de Jesse era de determinação teimosa. A teimosia não era mistério:

Jesse talvez fosse a pessoa mais teimosa qu e eu já conheci. Mas eu não podia deduzir o que ele estava tão decidido a fazer, a não ser, talvez, arruinar minha vida. –

Vocês estavam.

A gente só estava se despedindo - sibilei para ele.

Eu posso estar morto há cento e cinqüenta anos, Suzannah, mas isso não significa que não saiba como as pessoas se despedem. E em geral quando as pessoas se despedem cada um fica com a língua na própria boca.

Ah, meu Deus. - Virei de costas para ele e comecei a voltar para a casa. - Ah, meu Deus. Ele não disse isso.

É, eu disse isso. - Jesse foi atrás de mim. - Eu sei o que vi, Suzannah.

Sabe o que você está parecendo? - perguntei virando-me embaixo da escada que dava na varanda, para encará -lo.

- Parece um namorado com ciúme.

Nombre de Dios. Não - disse Jesse com um riso. – Ciúme daquele...

Ah, é? Então de onde vem toda essa hostilidade? Tad nunca fez nada contra você.

-Tad é um...

E então ele disse uma palavra que eu não pude entender, porque era em espanhol. Encarei-o.

- Um o quê?

Ele repetiu a palavra.

59

Olha - disse eu. - Fale em inglês.

Não existe tradução em inglês para essa palavra.

Bem, então não precisa falar.

Ele não serve para você - disse Jesse, como se isso resolvesse o assunto.

Você nem o conhece.

Conheço o bastante. Sei que você não me ouviu nem ouviu o seu pai quando saiu esta noite sozinha para a casa daquele homem.

Certo. E vou admitir, a coisa foi muito, muito assustadora. Mas Tad me trouxe para casa. Tad não é o problema lá. O pai dele é que é maluco, e não o Tad.

- O problema aqui - disse Jesse, balançando a cabeça - é você, Suzannah. Você acha que não precisa de ninguém, que pode cuidar de tudo sozinha.

Eu odeio lhe dar a notícia, Jesse, mas eu posso cuidar de tudo sozinha. - Depois me lembrei de Heather, o fantasma da garota que quase tinha me matado há d uas semanas.

- Bem, quase tudo - corrigi.

Ah. Está vendo? Você admite. Suzannah, esse caso...você precisa pedir ajuda ao padre.

Ótimo. Vou pedir.

Ótimo. É melhor pedir mesmo.

Estávamos tão furiosos um com o outro e tínhamos ficado ali gritando tanto que nossos rostos terminaram separados por centímetros. Por uma fração de segundo eu olhei para Jesse, e mesmo estando totalmente furiosa com ele, não estava pensando em como ele é um babaca metido a certinho.

Em vez disso estava pensando num filme que vi uma ve z, em que o herói pegava a heroína beijando outro homem, por isso agarrou -a, olhou-a de modo passional e disse: "Se eram beijos que você estava querendo, sua tolinha, por que não veio me procurar?”

E então ele deu aquele riso maligno e começou a beijá -la.

Eu não consegui deixar de pensar que talvez Jesse fosse fazer isso, só que iria me chamar de hermosa, em espanhol, como faz algumas vezes quando não está totalmente furioso comigo por ter dado beijos de línguas em outros caras num carro.

Assim eu meio que fechei os olhos e deixei a boca ficar toda relaxada, você sabe, para o caso de ele decidir enfiar a língua ali.

Mas tudo que aconteceu foi que a porta de tela bateu, e quando abri os olhos Jesse tinha sumido.

Em vez disso Mestre estava parado na varanda, m e olhando, comendo um sanduíche de sorvete.

60

- Ei - disse Mestre entre lambidas. - O que você está fazendo aqui fora? E com quem você estava gritando? Eu podia ouvir você lá de dentro. Estou tentando assistir a Nova, sabe?

Furiosa, mais comigo mesma do que com alguém, falei:

- Ninguém - e subi mal-humorada e entrei em casa.

Por isso no dia seguinte tinha vindo à sala do padre Dom logo cedo e contado tudo. De jeito nenhum Jesse ia ficar me acusando de que eu não precisava de ninguém. Eu preciso de um monte de gente.

E um namorado seria o número um dessa lista, muito obrigada.

Sensível à luz - disse o padre Dominic, saindo de seu devaneio. - O apelido dele é Red, mas ele não é ruivo. Ele estava olhando o seu pescoço. - O padre Dom abriu a gaveta de cima de sua mesa e pegou o maço de cigarros amassado, ainda sem abrir. - Você não vê, Suzannah?

Claro. Ele é pirado.

Não creio - disse o padre Dom. - Acho que ele é um vampiro.

61

Capítulo 10

Encarei-o boquiaberta. - Hã, padre Dom - falei depois de um tempo. - Sem ofensa, mas o senhor andou tomando analgésico demais, ou alguma coisa assim?

Porque odeio ser eu a dar a notícia, mas esse negócio de vampiro não existe.

O padre Dom estava mais perto do que nunca de abrir aquele maço e enfiar um dos cigarros na boca. Mas se conteve.

Como você sabe?

Como eu sei o quê? Que esse negócio de vampiro não existe? Bem, do mesmo modo que eu sei que não existe o Coelhinho da Páscoa nem Papai Noel.

Ah, mas as pessoas falam isso com relação aos fantasmas. E você e eu sabemos que isso não é verdade.

É, mas eu vi fantasmas. Nunca vi um vampiro. E já estive num monte de cemitérios.

Bem, para não dizer o óbvio, Suzannah, eu estou por aí há muito mais tempo do que você e, mesmo não tendo encontrado pessoalmente um vampiro, pelo menos estou disposto a admitir a possibilidade da existência dessa criatura.

É. Certo, padre Dom. Vamos só nos arriscar um pouco e dizer que o cara é um vampiro. Red Beaumont é um sujeito muito conhecido. Se ele andasse por aí depois do escuro mordendo pessoas no pescoço, alguém iria notar, não acha?

- Não se, como você disse, ele tiver empregados ansiosos por protegê -lo. Isso era demais.

- Certo. Isso aqui ficou um pouco Stephen King demais para mim. Eu tenho de voltar para a aula, se não o Sr. Walden vai achar que eu desertei. Mas se eu receber um bilhete seu mais tarde dizendo que terei de enfiar uma estaca no coração do cara, nem pensar. Tad Beaumont de jeito nenhum vai me convidar ao baile de formatura se eu matar o pai dele.

O padre Dominic pôs os cigarros de lado.

- Isso vai exigir alguma pesquisa...

Deixei o padre Dominic fazendo o que ele mais gostava: surfar na internet. Só recentemente a administração da Academia tinha comprado computadores e ninguém ali sabia usá-los muito bem. O padre Dominic em particular não tinha idéia de como um mouse funcionava e vivia arrastando -o de uma ponta da mesa à outra, não importando quantas vezes eu lhe dissesse que só precisava mantê -lo em cima do mouse pad. Seria uma gracinha se não fosse tão frustrante.

Decidi, enquanto seguia pela passagem coberta, que teria de colocar Cee Cee no trabalho. Ela era um pouco mais apta para surfar a Internet do que o padre Dominic.

62

Enquanto me aproximava da sala do Sr. Walden - que na semana passada infelizmente tinha recebido o grosso dos danos do que todo mundo havia presumido que foi um terremoto não explicado, mas que na verdade foi um exorcismo que não deu certo - eu notei um garotinho parado ao lado da pilha de entulho do que tinha sido um arco decorativo.

Não era incomum ver garotinhos nos corredores da Academia da Missão, já que a escola tinha turmas desde o jardim de infância até o terceiro ano. Mas o incomum naquele garoto era que ele estava brilhando um pouco.

Ele me olhou enquanto eu me aproximava, como se estivesse me esperando. O

que era verdade.

- Oi - disse ele.

- Oi.

Os trabalhadores estavam escutando rádio bem alto e felizmente nenhum deles notou a garota estranha ali parada, falando sozinha.

Você é a mediadora? - perguntou o garoto.

Uma delas.

Bom. Eu tenho um problema.

Olhei para ele. Não podia ter mais de nove ou dez anos. Depois lembrei que no outro dia, no almoço, os sinos da missão tinham tocado nove vezes, e Cee Cee explicou que era porque um menino da terceira série tinha morrido depois de uma longa batalha contra o câncer. Olhando para o garoto não dava para notar isso - os mortos que eu encontro nunca mostram sinais externos da causa da morte, em vez disso assumem a forma em que viviam antes da doença ou do acidente que tirou sua vida - mas aparentemente aquele sujeitinho t ivera um caso brabo de leucemia.

Timothy, acho que foi o nome que Cee Cee disse.

Você é Timothy - falei.

Tim - corrigiu ele, fazendo uma careta.

Desculpe. O que posso fazer por você?

Todo eficiente, Timothy falou:

É o meu gato.

Assenti.

Claro. O que é que tem o seu gato?

Mamãe não quer ficar com ele. - Para um garoto morto, Timothy era surpreendentemente direto. - Sempre que ela o vê, lembra de mim e começa a chorar.

Sei. Você quer que eu ache outra casa para o seu gato?

Essa é a idéia.

63

Eu estava pensando que a última coisa que eu queria fazer agora era achar uma casa nova para algum gato velho, mas sorri e disse: Sem problema.

Fantástico. Só tem uma coisa...

E foi por isso que, depois da escola naquele dia, eu me peguei num campo atrás do shopping Carmel Valley gritando:

- Aqui, gatinho, aqui, gatinho!

Adam, cuja ajuda - e carro - eu havia requisitado, era quem estava batendo no capim alto e amarelo, já que eu tinha lhe mostrado minhas mãos de sumagre venenoso e explicado que não podia me aventurar perto de nenhuma vegetação. Ele se empertigou, levantou a mão para enxugar o suor da testa - o sol estava batendo com força suficiente para me fazer desejar a praia com as brisas frias do oceano e, mais importante, salva-vidas totalmente gostosos - e disse: Certo. Eu entendo que é importante a gente achar o gato do garoto morto. Mas por que estamos procurando num campo? Não seria mais inteligente procurar na casa do garoto?

Não. O pai de Timothy não suportava mais a mulher chorando sempre que via o gato, por isso colocou o bicho no carro e largou aqui.

Sujeito legal - disse Adam. - Um verdadeiro amante dos bichos. Acho que teria sido problema demais levar o gato ao abrigo de animais onde alguém poderia adotá -

lo.

Parece que não há muita chance de alguém adotar esse gato. - Pigarreei. -

Poderia ser uma boa idéia a gente chamá -lo pelo nome. Talvez então ele venha.

Certo. - Adam levantou a bainha da calça. - Qual é o nome dele?

Ahn. Spike.

Spike. - Adam olhou para o céu. - Um gato chamado Spike. Isso eu mal posso esperar para ver. Aqui, Spike. Aqui, Spikey, Spikey, Spikey...

- Ei, vocês aí. - Cee Cee veio na nossa direção balançando seu lap top no ar.

Eu tinha reivindicado a ajuda de Cee Cee, além da de Adam, só que para um projeto de natureza diferente. Todos os meus novo s amigos, pelo que eu havia descoberto, possuíam talentos e habilidades específicas. A de Adam estava principalmente no fato de ter um carro, mas o ponto forte de Cee Cee estava em suas capacidades superlativas de pesquisa... e mais, no fato de que ela gos tava de procurar coisas. Eu tinha pedido que ela procurasse o que fosse possível sobre Thaddeus Beaumont, pai, e ela havia concordado. Ficou sentada no carro surfando a Internet com a ajuda do modem remoto que tinha

ganho de aniversário - eu já mencionei que todo mundo em Carmel, com a minha exceção, é podre de rico? - enquanto Adam e eu procurávamos o gato de Timothy.

64

Ei - disse Cee Cee. - Dê uma olhada nisso. - Ela mostrou alguma coisa que tinha baixado da rede. - Eu pus o nome Thaddeus Beaumont num mecan ismo de busca e recebi dúzias de respostas. Thaddeus Beaumont é citado como presidente, sócio ou investidor em mais de trinta projetos imobiliários só na península de Monterey - a maioria, a propósito, são empreendimentos comerciais, como multiplexes, shoppings ou spas.

O que isso significa? - perguntou Adam.

Significa que se você somar os hectares de propriedade das empresas que citam Thaddeus Beaumont como investidor ou sócio, ele se torna praticamente o maior dono de terras do norte da Califórnia.

- Uau - falei.

Estava pensando no baile de formatura. Aposto que um cara que tem tantas terras pode alugar para o filho uma limusine para a noite. É cafona, eu sei, mas sempre quis andar numa.

Mas ele realmente não é dono de toda essa terra - observou Adam. - E sim as empresas.

Exato - disse Cee Cee.

Exatamente o que você quer dizer com exato?

Bem - disse Cee Cee. - Só isso explica por que o sujeito não foi levado ao tribunal por suspeita de assassinato.

Assassinato? - de repente esqueci o baile de formatura. - Que assassinato é esse?

Não é um assassinato? - Cee Cee girou o laptop para que nós pudéssemos ver a tela. - Estamos falando de múltiplos assassinatos. Ainda que, tecnicamente, todas as vítimas tenham sido citadas apenas como desaparecidas.

De que você está falando?

Bem, depois de eu ter feito uma lista de todas as empresas ligadas a Thaddeus Beaumont, coloquei o nome de cada empresa num mecanismo de busca e descobri algumas coisas bem perturbadoras. Olha aqui. - Cee Cee tinha baixado um mapa do Vale de Carmel. Ela foi marcando as áreas enquanto falava. - Está vendo esta propriedade aqui?

Hotel e Spa. Está vendo como fica perto da água? Era proibido construir nesta área. Erosão demais. Mas a RedCo - é o nome da corporação que comprou a terra, RedCo, sacou? – fez pressão na prefeitura e conseguiu uma permissão. Mesmo assim, um ambientalista avisou à RedCo que qualquer construção feita ali não apenas seria perigosamente instável, mas colocaria em perigo a população de focas que fica na praia abaixo. Bem, dá só u ma olhada nisso.

Os dedos de Cee Cee voaram sobre o teclado. Um segundo depois, a foto de um cara esquisito, de

cavanhaque, encheu a tela, junto com o que parecia uma matéria de jornal.

65

- O ambientalista que estava fazendo alarde sobre as focas desapareceu há quatro anos, e desde então ninguém o viu.

Olhei a tela do computador. Era difícil enxergar à luz do sol.

O que você quer dizer com desapareceu? - perguntei.

- Tipo morreu?

Talvez. Ninguém sabe. O corpo dele nunca foi achado, se ele foi morto - disse Cee Cee. - Mas olha só isso. - Os dedos dela batucaram rapidamente. - Outro projeto, esse shopping de estrada aqui, estava colocando em perigo o habitat de um camundongo raro, encontrado só nesta área. E essa dona aqui - outra foto apareceu na tela - tentou impedir e salvar os camundongos, e puf. Desapareceu também.

Desapareceu - ecoei. - Simplesmente desapareceu?

Simplesmente desapareceu. Problema resolvido para a Mount Beau, esse era o nome da empresa dona do projeto.

Mont Beau. Beaumont. Sacaram?

A gente sacou - disse Adam. - Mas se todos esses ambientalistas ligados às empresas de Red Beaumont estão desaparecendo, por que ninguém investigou?

Bem, para começar, as Indústrias Beaumont fizeram uma das maiores doações de campanha no estado para o nosso governa dor recém-eleito. Além disso, deram contribuições consideráveis para o sujeito que foi eleito xerife.

Um disfarce? - Adam fez uma careta. - Qual é.

Você está presumindo que todo mundo suspeita de tudo. Essas pessoas não estão mortas, lembre-se. Só desapareceram. Pelo que sei, a atitude parece ser: bem, os ambientalistas vivem pulando de um lado para o outro, então quem diz que esse pessoal simplesmente não foi atrás de uma outra ameaça maior? Todos menos esta. -

Cee Cee apertou outro botão, e uma terceira foto encheu a página. – Esta dona não pertence a nenhum grupo de "salve as focas". Ela era dona de umas terras em que as Indústrias Beaumont estavam de olho. Eles queriam expandir um dos multiplexes.

Só que ela não queria vender.

Não diga - falei. - Ela desapareceu.

Sem dúvida. E sete anos depois, exatamente no mesmo dia (sete anos é o tempo depois do qual você pode considerar que uma pessoa desaparecida está morta) as Indústrias Beaumont fizeram uma oferta aos filhos dela, que aceitaram na hora.

- Traidores - falei, referindo-me aos filhos da dona. Inclinei -me para frente para olhar melhor a foto.

E tive um choque: eu estava olhando uma foto do fantasma que vinha me fazendo àquelas charmosas visitas sociais.

66

Certo, bem, talvez ela não parecesse exatamente a mesma. Mas era branca, magricela e tinha o mesmo corte de cabelo. Sem dúvida havia semelhança suficiente para que eu dissesse:

- É ela! - e apontasse.

O que, claro, foi a pior coisa que eu poderia ter feito. Porque Cee Cee e Adam se viraram para me olhar.

- É ela o quê? - perguntou Adam.

E Cee Cee disse:

- Suze, você não pode conhecer essa mulher. Ela desapareceu há mais de sete anos, e você só se mudou para cá no mês passado.

Eu sou uma imbecil.

E não consegui pensar numa boa desculpa. Só repeti a que eu t inha gaguejado para o pai de Tad.

- Ah, é... eu tive um sonho em que ela estava.

O que havia de errado comigo?

Claro que eu não tinha explicado a Cee Cee o motivo pelo qual queria que ela procurasse coisas sobre Red Beaumont, assim como não tinha dito a Ad am como é que eu sabia tantas coisas sobre o gato do pequeno Timothy Mahern. Tinha simplesmente mencionado que o Sr. Beaumont dissera alguma coisa estranha durante meu breve encontro com ele na noite anterior. E que o padre Dom tinha pedido para eu procurar o gato, presumivelmente porque, na confissão semanal, o pai de Timothy tinha admitido que o havia abandonado - só que, com o juramento de sigilo, o padre Dom não poderia dizer isso. Falei a Adam que só estava supondo...

- Um sonho? - ecoou Adam. - Com uma mulher que está morta há sete anos?

Isso é esquisito.

Provavelmente não era ela - falei rapidamente, recuando depressa. - De fato, tenho certeza de que não era ela. A mulher que eu vi era muito mais... alta. - Como se eu pudesse saber a altura desta mulher olhando a foto dela que alguém tinha posto na Internet.

Sabe - disse Adam - Cee Cee tem uma tia que sonha com gente morta o tempo todo. Ela diz que é visitada pelos mortos.

Lancei um olhar espantado para Cee Cee. Será que poderíamos estar falando de outra mediadora? O quê, será que havia alguma superabundância de gente como eu na área da península? Eu sabia que Carmel era um lugar popular para aposentados, mas isso estava ficando ridículo.

Ela não sonha com mortos - disse Cee Cee, e eu não achei que estivesse imaginando o nível de repulsa

em sua voz. - Tia Pru invoca os espíritos dos mortos e diz à gente o que eles falaram. Em troca de um pequeno pagamento.

67

Tia Pru? - Eu ri. - Uau, Cee Cee. Eu não sabia que você tinha uma médium na família.

Ela não é médium. - O nojo de Cee Cee aumentou. - É uma fraude completa.

Eu sinto vergonha de ser parente dela. Falar com os mortos. Certo!

Não recue, Cee Cee. Diga como você se sente de verdade.

Bem. Desculpe. Mas...

Ei - interrompeu Adam todo animado. - Talvez tia Pru possa ajudar a nos dizer por que - ele se abaixou para olhar mais de perto a foto da morta na tela do computador de Cee Cee - a Sra. Dierdre Fiske aqui está aparecendo nos sonhos de Suze.

Horrorizada, eu me inclinei para a frente e fechei o laptop de Cee Cee.

- Não, obrigada - falei.

Abrindo o computador de novo, Cee Cee disse cheia de irritação: Ninguém acaricia o equipamento além de mim, Suze Simon.

Ah, qual é - disse Adam. - Vai ser divertido. Suze não conhece Pru. Ela vai se divertir. Sua tia é um barato.

É, você sabe como os doentes mentais podem ser engraçados - murmurou Cee Cee.

Esperando trazer o assunto de volta aos trilhos, falei: Ahn, talvez outra hora. Você conseguiu mais alguma coisa sobre o Sr.

Beaumont, Cee Cee?

Quer dizer, além do fato de el e talvez estar matando qualquer um que fique no caminho de sua fortuna amealhada estuprando nossas florestas e praias? - Cee Cee, que estava usando um chapéu de pano caqui para proteger a pele sensível, além de seus óculos de lentes violetas, me olhou.

- Ainda não está satisfeita, Suze? Nós não vetamos totalmente os parentes mais próximos de seu amado?

É - disse Adam. - Deve ser tranqüilizador saber que ontem à noite você ficou com um cara que vem de uma família tão boa e tão estável, Suze.

Epa - falei com uma indignação que estava longe de sentir. - Não há prova de que o pai de Tad é o responsável pelo desaparecimento desses ambientalistas. E, além disso, a gente só tomou um café, certo? A gente não "ficou". Cee Cee piscou para mim.

Você saiu com ele, Suze. É só isso que Adam quis dizer com ficou.

Ah. - No lugar de onde eu vim, ficar significa uma coisa totalmente diferente. -

Desculpe, eu...

Nesse momento Adam soltou um grito.

68

- Spike!

Eu girei, seguindo seu dedo que apontava. Ali, espiando por baixo do mat o seco, estava sentado o gato maior e de aparência mais maligna que eu já tinha visto.

Era do mesmo amarelo do capim, motivo pelo qual eu provavelmente tinha deixado de ver. Tinha listas laranja, uma orelha arrancada a mordidas e um ar extremamente maligno.

- Spike? - perguntei em voz baixa.

O gato virou a cabeça na minha direção e me encarou malévolo.

- Ah, meu Deus - falei. - Não é de espantar que o pai de Tim não o tenha levado para o abrigo de animais.

Foi preciso algum esforço - e o sacrifício definitivo de minha bolsa de livros Kate Spade, que eu só tinha conseguido comprar à custa de grande risco numa liquidação no SoHo - mas finalmente conseguimos capturar Spike. Assim que estava fechado dentro da minha bolsa, ele pareceu se resignar ao cativeiro, se bem que durante toda a viagem até o Safeway, onde compramos areia e comida para ele, eu podia ouvi-lo trabalhando metodicamente com as garras no forro da bolsa. Decidi que Timothy me devia um bocado.

Especialmente quando, em vez de entrar na rua em direçã o à minha casa, Adam virou na direção oposta, subindo mais nas colinas de Carmel até que a grande cúpula vermelha que cobre a basílica da Missão abaixo de nós ficou do tamanho de uma unha.

- Não - disse Cee Cee imediatamente com uma firmeza que eu nunca tinha visto antes. - Absolutamente não. Vire o carro. Vire o carro agora.

Só que, rindo diabolicamente, Adam apenas acelerou. Segurando a bolsa Kate Spade no colo, eu disse:

É... Adam. Não sei exatamente onde você acha que nós vamos, mas eu gostaria pelo menos de me livrar deste... é... animal, antes...

Só um minuto - disse Adam. - O gato vai ficar bem.

Qual é, Cee. Pare de ser tão estraga prazeres.

Cee Cee estava furiosa como eu nunca tinha visto.

- Eu disse que não! - gritou ela.

Mas era tarde demais. Adam parou na frente de um pequeno bangalô de estuque que tinha sinos de vento pendurados em toda parte, tilintando à brisa da baía e flores gigantes de hibisco viradas para o sol do fim de tarde. Ele estacionou seu fusca e desligou.

- Só vamos dar uma entrada para dizer olá - disse ele a Cee Cee. E então soltou o cinto de segurança e saiu do carro.

Cee Cee e eu não nos movemos. Ela estava no banco de trás. Eu estava na frente, com o gato. Da minha bolsa vinha um rosnado agourento.

69

- Não sei se devo perguntar - falei depois de um tempo ali sentada ouvindo os sinos de vento e o rosnado constante de Spike. - Mas onde nós estamos?

A pergunta foi respondida quando, um segundo depois, a porta do bangalô se abriu bruscamente e uma mulher com cabelos do mesmo amarelo es branquiçado de Cee Cee – só que tão comprido que ela poderia se sentar em cima - gritou um "iuu-huu" para nós.

- Entrem - gritou Pru, a tia de Cee Cee. - Por favor, entrem! Eu estava esperando vocês!

Cee Cee, sem nem mesmo olhar na direção da tia, murmurou .

- Aposto que sim, sua maluca paranormal.

Lembrem-me de nunca contar a Cee Cee sobre o negócio de ser mediadora.

70

Capítulo 11

Minha nossa - disse Pru. - Aí está de novo. O arcano nove. Isso é estranho demais. Cee Cee e eu trocamos olhares. Estranho não era exatamente a palavra.

Não que fosse desagradável. Longe disso. Pelo menos na minha opinião. Pru Webb, a tia de Cee Cee, era meio estranha. Isso certamente era verdade.

Mas sua casa era muito aromática com todas as velas perfumadas que mantinha acesas em toda parte. E ela havia se mostrado uma anfitriã muito solícita, dando a cada um de nós um copo de limonada feita em casa. Era uma pena, claro, que tivesse esquecido de pôr açúcar, mas esse tipo de esquecimento parece não ser incomum para alguém tão em contato com o mundo dos espíritos. Tia Pru havia nos informado que seu mentor, o paranormal mais poderoso da Costa Oeste, freqüentemente não conseguia lembrar do próprio nome, porque estava canalizando muitas outras almas.

Mesmo assim, até então nossa visi tinha não fora particularmente esclarecedora.

Eu fiquei sabendo, por exemplo, que, segundo as linhas na palma da minha mão, ia crescer e ter um trabalho desafiador no campo da pesquisa médica (É! Nem no dia de São Nunca). Cee Cee, enquanto isso, ia ser est rela de cinema, e Adam astronauta.

Sério. Astronauta.

Admito que fiquei meio ciumenta com a carreira deles, que eram muito mais empolgantes do que a minha, mas tentei controlar a inveja.

O que eu tinha parado de tentar controlar - e Cee Cee aparentemente t ambém -

era Adam. Ele contou à tia Pru, antes que eu pudesse impedi -lo, sobre o meu "sonho", e agora a pobre mulher estava tentando - de graça, veja bem - invocar o espírito de Deirdre Fiske usando cartas de tarô e cânticos entoados baixinho.

Só que não parecia estar funcionando, porque cada vez que ela começava a virar as cartas, recebia a mesma.

O arcano nove.

Aparentemente isso a estava perturbando. Sacudindo a cabeça, tia Pru - foi como ela disse para eu chamá -la - juntou todas as cartas de novo numa pi lha, embaralhou e, fechando os olhos, puxou uma do meio e colocou virada para cima, para nós vermos.

Então abriu os olhos, olhou para ela e disse:

- De novo! Isso não faz o menor sentido.

Ela não estava brincando. A idéia de alguém invocar um fantasma com um baralho não fazia qualquer

sentido... pelo menos para mim. Eu não podia invocá -los nem mesmo se ficasse parada gritando o nome deles - coisa que eu tinha tentado, acredite - e eu sou mediadora. Meu serviço é me comunicar com os mortos.

71

Mas os fantasmas não são cachorros. Não vêm quando você chama. Veja o meu pai, por exemplo. Quantas vezes eu quis que ele aparecesse - até precisei dele?

Ele aparecia, certo: três, quatro semanas depois. Os fantasmas são muito irresponsáveis na maior parte das vezes.

Mas eu não podia explicar exatamente à tia de Cee Cee que o que ela estava fazendo era uma enorme perda de tempo... e que enquanto ela estava ali sentada fazendo isso, havia um gato tentando comer minha bolsa no carro de Adam.

Ah, e aquele cara que podia ou não ser um vampiro - mas que certamente era responsável pelo desaparecimento de um bocado de gente - estava solto por aí. Eu só podia ficar ali sentada com um grande sorriso estúpido na cara, fingindo que me divertia, enquanto na verdade estava doida para ir para casa e telefonar ao padre D om, para a gente deduzir o que faria com Red Beaumont.

- Minha nossa - disse tia Pru. A tia de Cee Cee era muito bonita. Albina como a sobrinha, seus olhos eram violetas. Usava um vestido florido da mesma cor. O

contraste que o cabelo comprido e branco fazia com o roxo do vestido era espantoso -

e legal. Eu sabia que Cee Cee provavelmente iria ficar igual à tia Pru algum dia, isto é, assim que se livrasse do aparelho dos dentes e da gordurinha infantil.

Motivo pelo qual Cee Cee provavelmente não a suportava.

- O que isso pode significar? - murmurou tia Pru consigo mesma. - O eremita.

O eremita.

Pelo que pude ver, parecia haver um eremita na carta que tia Pru ficava virando e revirando. E não era um caranguejo eremita, e sim do tipo velho-morando-numa-caverna. Eu não sabia o que um eremita teria a ver com a Sra. Fiske, mas uma coisa eu sabia: estava de saco cheio.

Mais uma vez - disse tia Pru, lançando um olhar cauteloso na direção de Cee Cee. Cee Cee havia deixado claro que a gente não tinha o dia inteiro. Era eu que mais precisava ir para casa, óbvio. Tinha de estar presente num jantar dos Ackerman.

Noite de frango kung pao. Se me atrasasse, mamãe iria me matar.

Hmm - falei. - Sra. Webb?

Tia Pru, querida.

Certo. Tia Pru. Posso usar o seu telefone?

Claro. - Tia Pru nem olhou para mim. Estava ocupada demais canalizando.

Saí da sala meio escura e fui para o corredor. Havia um telefone de disco, antiquado, numa mesinha. Disquei meu número - depois de uma breve luta para lembrá-lo, já que só o tinha há algumas semanas - e quando Dunga atendeu, pedi para ele dizer a mamãe que não tinha esquecido do jantar e que estava indo para casa.

Dunga informou, não muito gentilmente, que estava na outra linha, e que como não era meu secretário soc ial, não tinha intenção de dar nenhum recado meu, que eu deveria ligar depois de novo.

- Com quem você pensa que está falando? - perguntei.

72

- Com Debbie, sua escrava sexual?

Dunga respondeu desligando na minha cara. Algumas pessoas não têm senso de humor.

Desliguei o telefone e estava ali parada, olhando um calendário zodiacal e imaginando se estaria em algum tipo de zona celestial da sorte - considerando o que tinha acontecido com Tad e coisa e tal - quando alguém parado junto de mim falou numa voz irritada:

- Bem? O que você quer?

Pulei quase meio metro. Juro, eu faço isso desde que nasci, mas não consigo me acostumar. Preferia ter outro poder secreto - tipo a capacidade de fazer divisões compridas na cabeça - do que essa droga de mediação, juro.

Girei, e ali estava ela, parada junto à porta de tia Pru, mal ajambrada com um chapéu de jardinagem e luvas.

Não era a mesma mulher que vinha me acordando à noite. Tinham corpos semelhantes, eram pequenas e magras, com o mesmo corte de cabelo de gnomo, mas essa mulher tinha facilmente uns sessenta anos.

- Bem? - Ela me encarou. - Eu não tenho o dia inteiro.

Por que você me chamou?

Encarei a mulher, espantada. A verdade é que eu não a tinha chamado. Não tinha feito nada, a não ser ficar ali parada imaginando se Tad a inda iria gostar de mim quando Mercúrio retrocedesse para Aquário.

Sra. Fiske? - sussurrei.

É, sou eu. - A velha me olhou de cima a baixo. – Foi você que me chamou, não foi?

Hmm... - Eu olhei para a sala onde ainda podia ouvir tia Pru dizendo, aparentemente para si mesma, já que nem Cee Cee nem Adam poderiam ter entendido do que ela estava falando:

Mas o arcano nove não tem orientação...

Virei-me de volta para a Sra. Fiske.

Acho que sim - falei.

A Sra. Fiske me olhou de cima a baixo. Estava claro que não go stava muito do que via.

- Bem? - disse ela. - O que é?

Por onde começar? Aqui estava a mulher que tinha desaparecido e fora considerada morta há quase tanto

tempo quanto eu estava viva. Olhei de novo para tia Pru e os outros, só para garantir que não estiv essem espiando na minha direção, e sussurrei:

73

- Eu só precisava saber, Sra. Fiske... O Sr. Beaumont. Ele matou a senhora, não foi?

De repente a Sra. Fiske não estava mais tão irritada. Seus olhos, que eram muito azuis, se fixaram nos meus. Ela disse chocad a:

- Meu Deus. Meu Deus, finalmente... alguém sabe. Alguém finalmente sabe.

Estendi a mão para encostá -la de um jeito tranqüilizador no braço dela.

- Sim, Sra. Fiske. Eu sei. E vou impedir que ele machuque mais alguém. A Sra.

Fiske afastou minha mão e me o lhou de soslaio.

- Você? - Ela ainda estava perplexa, mas agora de um modo diferente. Percebi que modo era esse na hora em que ela explodiu numa gargalhada. Você vai impedi-lo? - Ela continuou rindo. - Você é... você é uma garotinha!

Não sou uma garotinha. Sou uma mediadora.

Mediadora? - Para minha surpresa, a Sra. Fiske jogou a cabeça para trás e riu mais ainda. - Uma mediadora. Ah, bom, isso melhora tudo, não é?

Queria dizer que não me importava com seu tom de voz, mas a Sra. Fiske não deu chance.

- E você acha que pode impedir Beaumont? Querida, você tem muito a aprender.

Não achei isso exatamente gentil. Falei:

Olha, moça, eu posso ser nova, mas sei o que estou fazendo. Agora só diga onde ele escondeu o seu corpo e...

Você é maluca? - A Sra. Fiske finalmente parou de rir.

Agora balançou a cabeça. - Não resta nada de mim. Beaumont não é amador, você sabe. Ele se certificou de que não houvesse erros. E não houve. Você não vai achar nem um fiapo de prova para implicá -lo. Acredite. O sujeito é um monstro. Um verdadeiro bebedor de sangue. - Então suas feições endureceram. - Ainda que não seja pior do que os meus filhos. Vender minha terra para aquele sanguessuga! Escute, você. Você é uma mediadora. Dê aos meus filhos o seguinte recado: diga que eu espero que eles queimem no...

- Ei, Suze. - Cee Cee apareceu de repente no corredor. - A bruxa desistiu. Ela tem de consultar o guru, porque continua sem conseguir nada.

Lancei um olhar frenético para a Sra. Fiske. Espera! Eu ainda não tinha tido chance de perguntar como ela havia morrido! Red Beaumont era mesmo um vampiro? Tinha sugado toda a vida dela? Ela queria dizer que ele era literalmente um bebedor de sangue?

Mas era tarde demais. Cee Cee, ainda vindo na minha direção, atravessou direto o que me parecia uma sen hora pequenina e velha com chapéu e luvas de jardinagem. E a velhinha estremeceu indignada.

74

Não!, eu quis gritar, não vá!

- Argh - disse Cee Cee com um ligeiro tremor enquanto se livrava do resto da aura da Sra. Fiske. - Anda. Vamos sair daqui. Este lugar me dá arrepios.

Eu não fiquei sabendo qual era o recado da Sra. Fiske para os filhos, mas tinha uma idéia. A velha, com um último olhar enojado para mim, desapareceu. No momento em que tia Pru chegava ao corredor, com ar de quem se desculpava.

- Sinto muito, Suze. Eu tentei mesmo, mas a corrente Santa Ana esteve particularmente forte este ano, de modo que houve muita interferência nos caminhos espirituais que eu utilizo normalmente.

Talvez isso explicasse por que eu tinha conseguido invocar o espírito da Sr a.

Fiske. Será que eu poderia fazer isso de novo, imaginei, e dessa vez me lembrar de perguntar exatamente como Red Beaumont a havia matado?

Enquanto voltávamos ao carro, Adam pareceu imensamente satisfeito consigo mesmo.

- E então, Suze? - perguntou ele enquanto mantinha aberta a porta do carona para nós duas. - Já conheceu alguém assim antes?

Claro que sim. Sendo um ímã para almas dos mortos infelizes, eu tinha conhecido gente de todo tipo, inclusive sacerdotes incas, vários curandeiros e até uma colonizadora que fora queimada como bruxa.

Mas como isso parecia tão importante para ele, sorri e disse:

- Não exatamente. - O que era verdade, de certa forma.

Cee Cee não pareceu tão empolgada com o fato de um dos membros de sua família ter conseguido dar tanta d iversão ao garoto por quem ela - vamos encarar os fatos - tinha uma paixonite enorme. Ela se arrastou para o banco de trás e ficou carrancuda. Cee Cee era uma aluna que só tirava nota máxima e não acreditava em nada que não pudesse ser provado cientificame nte, especialmente nada que tivesse a ver com outra vida... o que tornava meio problemático o fato de seus pais a terem posto numa escola católica.

Mas, para mim, mais problemático do que a falta de fé de Cee Cee ou minha recém-descoberta capacidade de inv ocar espíritos à vontade era o que eu iria fazer com aquele gato. Enquanto estávamos na casa de tia Pru o bicho tinha conseguido abrir um buraco no canto da bolsa e agora estava enfiando uma pata por ele, golpeando às cegas com garras totalmente esticadas qualquer coisa que chegasse ao seu alcance - principalmente eu, já que era eu que estava segurando a bolsa. Adam, não importando o quanto eu tenha implorado, não quis levar o gato para casa e Cee Cee apenas riu quando eu pedi. Eu sabia que de jeito nenhum ia convencer o padre Dominic a deixá-lo viver na reitoria: a irmã Ernestine nunca iria permitir.

O que me deixava apenas uma alternativa. E eu realmente, realmente não estava satisfeita com ela. Além

do que o gato tinha feito no interior de minha bolsa -

Só Deus sabe o que faria no meu quarto -, havia o fato de que eu tinha quase certeza 75

de que os felinos eram proibidos no lar dos Ackerman devido à sensibilidade delicada de Dunga ao pêlo deles.

De modo que eu ainda tinha o gato estúpido, além de uma bolsa d o Safeway contendo uma caixa de areia, a areia em si e umas vinte latas de Fancy Feast, quando Adam parou na minha casa para me deixar.

- Ei - disse ele em tom de apreciação enquanto eu lutava para sair do carro. -

Quem está visitando vocês? O papa?

Olhei para onde ele estava apontando... e meu queixo caiu.

Estacionada em nossa entrada de veículos havia uma enorme limusine preta, do tipo que estivera em minha fantasia de ir ao baile de formatura com Tad.

- Ahn - falei, batendo a porta do fusca de Adam. – Vejo vocês, pessoal.

Subi correndo a entrada de veículos levando Spike, decidido a não ser esquecido só porque tinha sido fechado numa sacola de livros, rosnando e cuspindo o tempo todo. Enquanto eu subia os degraus da varanda, ouvi o barulho de vozes na sala de estar.

E quando passei pela porta da frente e vi a quem as vozes pertenciam... bem, Spike chegou bem perto de virar panqueca de gatinho, tamanha a força com que espremi a bolsa contra o peito.

Porque sentado ali, batendo papo amigavelmente com minha m ãe e segurando uma xícara de chá, estava ninguém menos do que Thaddeus "Red" Beaumont.

76

Capítulo 12

Ah, Suze - disse mamãe, virando-se quando entrei na casa. - Olá, querida. Olha quem parou , para ver você. O Sr. Beaumont e o filho dele. Só então notei que Tad também estava ali. Estava parado perto da parede onde ficavam todas as nossas fotos de família - que não eram muitas, já que éramos uma família só há algumas semanas.

Eram principalmente fotos de escola, minhas e dos meus irmãos adotivos, e fotos d o casamento de Andy e mamãe.

Tad riu para mim, depois apontou uma foto minha aos dez anos - em que faltavam os dois dentes da frente - disse:

- Belo sorriso.

Consegui dar-lhe uma repetição razoável daquele sorriso, sem os dentes faltando.

Oi - falei.

Tad e o Sr. Beaumont estavam indo para casa – disse mamãe - e pensaram em dar uma parada e ver se você queria jantar com eles esta noite. Eu disse que achava que você não tinha outros planos. Você não tem, não é, Suze?

Dava para ver que mamãe estava praticament e babando com a idéia de eu jantar com aquele cara e o filho dele. Mamãe teria babado com a idéia de eu jantar com Darth Vader e seu filho, de tanto que queria me ver com um namorado. Tudo que mamãe sempre quis foi que eu fosse uma adolescente normal.

Mas se achava que Red Beaumont era uma boa opção de sogro, cara, ela estava latindo para a árvore errada.

E por falar em latir, de repente eu me tornei objeto de considerável interesse da parte de Max, que tinha começado a farejar minha bolsa e a gemer.

- Hmm - falei. - Vocês se importariam se eu subisse e...hum... deixasse minhas coisas?

- De jeito nenhum - disse o Sr. Beaumont. - De jeito nenhum. Demore quanto quiser. Eu só estava contando à sua mãe sobre o seu artigo. O que você está escrevendo para o jornal da escola.

É, Suze. - Mamãe girou em sua poltrona com um sorriso gigantesco. - Você não disse que estava trabalhando para o jornal da escola. Que empolgante!

Olhei para o Sr. Beaumont. Ele me deu um sorriso afável.

E de repente eu tive uma sensação muito ruim.

Não que o Sr. Beaumont fosse se levantar, chegar perto e me morder no pescoço. Calma. Isso não.

77

Mas de repente eu tive uma sensação muito ruim de que ele contaria a mamãe o verdadeiro motivo para eu ter ido visitá -lo na véspera. Não o negócio da maté ria do jornal, mas o negócio do meu sonho.

E mamãe suspeitaria instantaneamente você sabe do quê. Se ela soubesse que eu vinha jogando papo de sonhos para -normais para magnatas imobiliários, eu ficaria de castigo daqui até a formatura.

E o pior era que, considerando a quantidade de encrenca em que eu me metia o tempo todo em Nova York, eu não estava muito ansiosa para deixar minha mãe saber que eu estava metida em mais coisas estranhas ainda deste lado do país. Quero dizer, ela realmente não fazia idéia. Ma mãe achava que tudo aqui - o fato de eu constantemente chegar depois da hora marcada, meus entreveros com a polícia, minhas suspensões, as notas ruins - tinham ficado para trás, acabado, kaput, fim.

Estávamos em outra costa, começando de novo.

E mamãe estava tão feliz com isso!

Portanto falei:

- Ah, é, o artigo que eu estou escrevendo - e dei ao Sr. Beaumont um olhar significativo. Pelo menos esperava que fosse significativo. E esperava que isso significasse para ele: não abra o bico, meu chapa, ou vai paga r bem caro.

Se bem que não sei até que ponto um cara como Red Beaumont ficaria amedrontado com uma garota de dezesseis anos.

Não ficou. Ele lançou um olhar direto de volta para mim. Um olhar que dizia, se é que eu não estava enganada: não vou abrir o bico, irmã, se você bancar a boa menininha.

Assenti para que ele soubesse que tinha recebido a mensagem, girei e subi correndo a escada.

Bem, pelo menos Tad estava com ele, pensei enquanto subia com Max pulando nos meus calcanhares, ainda tentando alcançar minh a bolsa. O Sr. Beaumont certamente não iria me morder no pescoço tendo seu próprio filho na sala. Eu tinha bastante certeza de que Tad não era vampiro. E ele não parecia o tipo de cara que ficaria parado vendo o pai matar a garota com quem estava saindo.

E, com sorte, o tal de Marcus estaria lá. Marcus certamente não deixaria o patrão enfiar os caninos em mim.

Não fiquei muito surpresa quando, ao chegarmos à porta do meu quarto, Max subitamente deu meia-volta e, com um ganido, correu na direção oposta. Ele não ficava muito empolgado na presença de Jesse.

E nem Spike ficaria, pensei. Mas Spike não tinha opção.

Entrei no quarto, tirei a caixa de areia da enorme sacola do Safeway e enfiei debaixo da pia do meu banheiro, depois enchi de areia. Do centro do meu q uarto, onde tinha deixado a bolsa de livros, vinham

uns uivos fantasmagóricos. Aquela pata 78

ficava saindo do buraco que Spike tinha aberto a mordidas, tateando em volta procurando algo para gadanhar.

- Eu estou indo o mais rápido possível - resmunguei enquanto colocava água numa tigela e depois abria uma lata de comida e deixava num prato no chão, junto da água.

Depois, me certificando de que puxava o zíper para longe de mim, abri a bolsa.

Spike saiu rasgando tudo como... bem... mais como o Diabo da Tasmânia do que como qualquer gato que eu já tinha visto. Girou pelo quarto três vezes antes de ver a comida, parar escorregando subitamente e começar a comer.

- O que é isso? - ouvi Jesse dizer.

Ergui os olhos. Não via Jesse desde a briga da noite anterior. Ele e stava encostado no balaústre da cama - mamãe tinha viajado na maionese quando decorou meu quarto, pondo a penteadeira cheia de frescuras, a cama com dossel, a coisa toda -

olhando para o gato como se fosse algum tipo de vida alienígena.

- É um gato - falei. - Não tive muita opção. É só até eu achar uma casa para ele.

Jesse olhou Spike cheio de suspeitas.

Tem certeza de que é um gato? Não parece com nenhum gato que eu tenha visto. Parece mais... como é que chamam? Aqueles cavalos pequenos. Ah, sim, um pônei.

Tenho certeza de que é um gato. Escute Jesse, eu estou meio encrencada.

Ele assentiu para Spike.

Posso ver.

Não tem a ver com o gato - falei rapidamente. – Tem a ver com Tad.

A expressão de Jesse, que tinha sido bastante agradável, provocadora, ficou subitamente sombria. Se eu não tivesse certeza de que ele não dava a mínima para mim, a não ser como amiga, juraria que estava com ciúme.

- Ele está lá embaixo - falei rapidamente, antes que Jesse começasse a gritar comigo de novo por ter sido fácil demais num primeiro encontro. - Com o pai dele.

Os dois querem que eu vá jantar com eles. E não vou conseguir me livrar dessa.

Jesse murmurou alguma coisa em espanhol. A julgar por sua expressão, o que quer que ele tenha dito não foi exatamente um lamento por não te r sido convidado também.

- O negócio - continuei - é que eu descobri umas coisas sobre o Sr. Beaumont, coisas que meio me deixaram... bem, nervosa. De modo que você poderia... hmm...

fazer um favor?

Jesse se empertigou. Pareceu bem surpreso. Realmente eu n ão costumo pedir favores com freqüência a ele.

- Claro, hermosa - disse ele, e meu coração deu um ligeiro salto mortal dentro do peito diante do tom carinhoso que ele sempre dava a essa palavra em espanhol. Eu nem sabia o que ela significava.

Por que é que sou tão patética?

- Olha - falei, com a voz mais esganiçada do que nunca, infelizmente. - Se eu não voltar até a meia-noite, será que você pode dizer ao padre Dominic que ele talvez devesse chamar a polícia?

Enquanto estivera falando eu havia apanhado uma bolsa nova, uma sacola Kate Spade, e estava colocando dentro as coisas que normalmente uso no trabalho de caça -

fantasmas. Você sabe, minha lanterna, torquês, luvas, o rolo de moedas que sempre mantenho no punho desde que mamãe achou e confiscou meu soco i nglês, spray de pimenta, faca de caça, e, ah, é, um lápis. Era o melhor que eu tinha conseguido no lugar de uma estaca de madeira. Eu não acredito em vampiros, mas acredito em estar preparada.

- Você quer que eu fale com o padre?

Jesse pareceu chocado. Acho que não pude culpá-lo. Ainda que eu nunca o tenha proibido exatamente de falar com o padre Dom, também nunca encorajei.

Certamente não lhe tinha dito por que era tão relutante em apresentar os dois (certamente o padre Dom teria uma embolia ao saber que m orávamos no mesmo quarto), mas eu exatamente não lhe tinha dado sinal verde para entrar na sala do padre Dominic.

- É. Quero.

Jesse ficou confuso.

- Mas Suzannah... Se ele é tão perigoso, esse homem, por que você...

Alguém bateu na porta do quarto.

- Suze? - chamou mamãe. - Você está vestida?

Peguei minha bolsa.

- Estou, mamãe.

Então lancei um último olhar implorante a Jesse e saí correndo do quarto, com cuidado para não deixar Spike sair, agora que tinha acabado de comer e estava fuçando seriamente o quarto em busca de mais comida.

No corredor mamãe me olhou cheia de curiosidade.

- Está tudo bem, Suze? Você ficou aqui em cima tanto tempo...

- Ah, está. Escuta mamãe...

Suze, eu não sabia que as coisas estavam tão sérias com esse garoto. - Mamãe pegou meu braço e começou a me guiar escada abaixo. - Ele é tão bonito! E um doce!

É uma coisa linda ele querer que você jante com ele e com o pai.

80

Imaginei como ela teria achado doce se soubesse sobre a Sra. Fiske. Mamãe era jornalista de televisão há mais de vinte an os. Tinha ganhado uns dois prêmios nacionais por algumas de suas investigações e quando começou a procurar emprego na costa oeste praticamente pôde escolher onde trabalharia.

E uma albina de dezesseis anos com um laptop e um modem sabia muito mais sobre Red Beaumont do que ela.

Isso é para mostrar que as pessoas só sabem o que querem.

- É - falei. - Quanto ao Sr. Beaumont, mamãe. Não acho que eu realmente...

- E que negócio é esse de você estar escrevendo uma matéria para o jornal da escola? Suze, eu não sabia que você se interessava por jornalismo.

Minha mãe pareceu quase tão feliz como no dia em que ela e Andy finalmente se casaram. E considerando que isso foi o mais feliz que eu já a vi (pelo menos desde que meu pai morreu), era felicidade de montão.

- Suze, sinto muito orgulho de você. Você realmente está se encontrando aqui.

Você sabe como eu me preocupava em Nova York. Você sempre parecia estar arranjando encrenca. Mas parece que as coisas estão realmente mudando... para nós duas.

Era então que eu deveria ter dito: "Escute, mamãe, sabe o Red Beaumont?

Certo, definitivamente ele não presta, ele pode ser um vampiro. Pronto, já disse.

Agora, será que pode falar a ele que eu estou com enxaqueca e não posso ir jantar?" Mas não disse. Não podia. Só fiquei lemb rando aquele olhar do Sr. Beaumont.

Ele ia contar à minha mãe. Ia contar a verdade. Sobre como eu tinha entrado em sua casa com motivos falsos, sobre aquele sonho que eu disse que tive.

Sobre como eu falo com os mortos.

Não. Não, isso não ia acontecer. Eu finalmente tinha chegado a um ponto da vida em que mamãe estava começando a sentir orgulho de mim, até mesmo a confiar em mim. Era meio como se Nova York tivesse sido um pesadelo muito ruim, do qual ela e eu tivéssemos finalmente acordado. Aqui na Califórn ia eu era popular. Era normal. Era maneira. Era o tipo de filha que mamãe sempre quis, em vez do fardo social que constantemente era arrastada para casa pela polícia por ter invadido lugares e criado problemas. Eu não era mais obrigada a mentir para um ter apeuta duas vezes por semana. Não estava cumprindo detenção permanente. Não precisava ouvir mamãe chorando no travesseiro à noite, nem ver que ela começava a pegar pesado no Valium, escondida, é claro, sempre que chegava a época das reuniões de pais e professores.

Ei, com a exceção do sumagre venenoso, até minha pele havia melhorado. Eu era uma garota totalmente diferente.

Respirei fundo.

- Claro, mamãe. Claro, as coisas estão mudando para nós.

81

Capítulo 13

Ele não comeu. Ele me convidou para jantar, mas não comeu. Tad comeu. Tad comeu um bocado.

Bem, os garotos sempre comem. Quero dizer, olha só a hora das refeições no lar Ackerman. Era como uma coisa saída de um romance de Jack London. Só que em vez de Caninos Brancos e do resto dos cães de trenó, você tinha Soneca, Dunga e até Mestre esganados como se fosse a última refeição.

Pelo menos Tad tinha bons modos. Segurou a cadeira para mim enquanto eu me sentava. Até usou guardanapo, em vez de simplesmente enxugar as mãos nas calças, um dos truques predileto s de Dunga. E se certificou de que eu fosse servida antes, de modo que havia bastante coisa para nós.

Especialmente porque seu pai não estava comendo.

Mas ele se sentou conosco. Sentou -se à cabeceira da mesa com uma taça de vinho tinto - pelo menos parecia vinho - e sorria para mim sempre que cada prato era apresentado. Você leu certo. Eu nunca tinha comido uma refeição com vários pratos.

Quero dizer, Andy era um bom cozinheiro e tal, mas em geral servia tudo ao mesmo tempo - você sabe, entrada, salada, cro quetes, tudo ao mesmo tempo.

Na casa de Red Beaumont os pratos vinham individualmente, servidos por garçons com grandes floreios; dois garçons, de modo que os nossos pratos - quero dizer, de Tad e meu - eram servidos ao mesmo tempo, e a comida de ninguém f icava fria enquanto estava esperando que todos fossem servidos.

O primeiro prato foi um consomê, que por acaso tinha pedacinhos de lagosta flutuando dentro. Foi muito bom. Depois veio um tipo de escalope chique de peixe num molho verde picante. Depois veio carneiro acompanhado de purê de batata com alho, depois salada - uma mistura de ervas com vinagre balsâmico em cima - seguida por uma bandeja em que havia um monte de tipos de queijos fedorentos.

E o Sr. Beaumont não tocou em nada. Disse que estava numa d ieta especial e que já tinha jantado.

E mesmo eu não acreditando em vampiros, só fiquei ali sentada, imaginando em que consistiria sua dieta especial e se a Sra. Fiske e aqueles ecologistas desaparecidos tinham proporcionado alguma parte dela.

Eu sei. Eu sei. Mas não podia evitar. Estava me assustando o modo como ele só ficava ali sentado bebendo vinho e sorrindo enquanto Tad falava de basquete. Pelo que pude perceber - e eu estava tendo dificuldade para me concentrar, pensando em por que o padre Dom não tinha me dado uma garrafa de água benta quando percebeu que poderia haver a chance de estarmos lidando com um vampiro - Tad era o astro principal de Robert Louis Stevenson.

82

Enquanto eu estava ali sentada ouvindo Tad falar de todas as cestas de três pontos que tinha marcado, percebi com o coração oprimido que não somente ele podia ser descendente de um vampiro, mas também que, a não ser pelo beijo, eu e ele não tínhamos interesses mútuos. Quero dizer, eu não tenho lá muito tempo para hobbies, com o dever de ca sa e o negócio de mediadora, mas estava certa de que, se tivesse algum interesse, não seria por perseguir uma bola de um lado para o outro numa quadra com piso de madeira.

Mas talvez beijar bastasse. Talvez beijar fosse a única coisa que importasse, de qualquer modo. Talvez beijar suplantasse todo o negócio de vampiro/basquete.

Porque quando nos levantamos da mesa para ir à sala de estar, onde fiquei sabendo que a sobremesa seria servida, Tad pegou minha mão - que, a propósito, ainda estava meio atacada pel o sumagre venenoso, mas ele evidentemente não se importava, pois ainda havia uma bela quantidade daquilo na sua nuca, afinal de contas - e a apertou.

E de repente fiquei convencida de que tinha reagido com exagero lá em casa quando pedi a Jesse que mandass e o padre Dom chamar os canas se eu não estivesse em casa à meia-noite. Quero dizer, é, havia gente que poderia pensar que Red Beaumont era vampiro, e ele certamente podia ter feito fortuna de um modo assustador.

Mas isso não o tornava necessariamente um m au sujeito. E nós não tínhamos prova de que ele realmente havia matado aquelas pessoas. E quanto à mulher morta que ficava aparecendo no meu quarto? Ela estava convencida de que Red não a havia matado. Tinha se esforçado bastante para me garantir que ele e ra inocente da morte, pelo menos. Talvez o Sr. Beaumont não fosse tão mau assim.

- Eu pensei que você estava com raiva de mim - sussurrou Tad enquanto seguíamos Yoshi, que estava carregando uma bandeja de café - mais chá de ervas para mim - até a sala de estar.

- Por que eu estaria com raiva de você?

- Bem, ontem à noite - sussurrou Tad - quando eu estava beijando você...

De repente me lembrei de como tinha visto Jesse sentado ali, e de como tinha berrado feito uma doida. Ruborizando, falei, incapaz de enca rar Tad:

- Ah, aquilo. Foi só que... eu pensei... que tinha visto uma aranha.

- Uma aranha? - Tad me puxou para um sofá de couro preto ao lado dele. Na frente do sofá havia uma grande mesa de centro que parecia feita de plexiglas. - No meu carro?

Eu tenho uma coisa com aranhas.

Ah. - Tad me espiou com seus olhos castanhos sonolentos. - Eu pensei que você tinha achado que eu... bem, avancei um pouco demais. Beijando você assim.

Ah, não - falei com um riso que esperei que parecesse sofisticado, como se os caras vivessem enfiando a língua na minha boca o tempo todo.

83

- Bom - disse Tad, e pôs o braço em volta do meu pescoço e começou a me puxar...

Mas então seu pai entrou e disse:

- Bom, onde é que nós estávamos? Ah, sim. Suzannah, você ia contar como sua turma está tentando levantar dinheiro para restaurar a estátua do padre Serra que infelizmente foi vandalizada na semana passada...

Tad e eu nos separamos rapidamente.

Ah, claro - falei. E comecei a contar uma história longa e chata, que na verdade era uma tremenda cascata. Enquanto estava contando, Tad estendeu a mão para a enorme mesa de vidro à sua frente e pegou uma xícara de café. Pôs creme e açúcar dentro e tomou um gole.

- E então - falei, realmente convencida de que a coisa toda tinha sido um enorme mal-entendido (quero dizer, a coisa sobre o pai de Tad). - Nós descobrimos que é mais barato fundir uma estátua inteira nova do que consertar a antiga, mas aí não seria uma obra autêntica de... bem, sei lá quem é o artista, esqueci. Então nós ainda estamos tentando decidir. Se consertarmos a antiga, haverá uma emenda aparecendo no pescoço, mas a gente poderia esconder a emenda se levantasse a gola da batina do padre Serra. De modo que está havendo uma disputa entre precisão histórica e uma batina de gola alta, e. ..

Foi nesse ponto da minha narrativa que de repente Tad se lançou para frente e caiu de cara no meu colo.

Olhei-o assustada. Será que eu era tão chata assim? Meu Deus, não era de espantar que ninguém tivesse me convidado para sair antes.

Foi então que percebi que Tad não estava dormindo. Estava inconsciente.

Olhei para o Sr. Beaumont, que ficou observando tristonho o filho, sentado no sofá de couro diante de mim.

- Ah, meu Deus - falei.

O Sr. Beaumont suspirou.

- Age rápido, não é? - disse ele.

Horrorizada, exclamei:

- Meu Deus, envenenar o próprio filho!

- Ele não foi envenenado - disse o Sr. Beaumont, parecendo perplexo. - Você acha que eu faria uma coisa assim com meu próprio garoto? Ele está meramente drogado, apenas. Dentro de algumas horas vai acordar e não se lembrará de nada. Só vai se sentir muito descansado.

Eu estava lutando para tirar Tad de cima de mim. O cara não era enorme nem nada, mas era um peso

morto, e não estava sendo fácil tirar sua cabeça do meu colo.

84

- Escute - falei ao Sr. Beaumont enquanto lutava para me espremer de baixo de seu filho - é melhor não tentar nada.

Com uma das mãos eu empurrei Tad e com a outra abri escondido minha bolsa.

Não a havia deixado longe da minha vista desde que entrei na casa, apesar de Yoshi ter tentado pegá-la e guardar junto com o casaco. Alguns borrifos de spray de pimenta, decidi, serviriam muito bem ao Sr. Beaumont no caso de ele tentar alguma coisa física.

- Estou falando sério - garanti, enquanto enfiava a mão na bolsa e remexia dentro procurando o spray de pimenta.

- Seria má idéia mexer comigo, Sr. Beaumont. Eu não sou quem o senhor pensa.

O Sr. Beaumont só me olhou mais triste ao ouvir isso. Falou com outro grande suspiro:

- Nem eu.

- Não - falei. Eu tinha achado o spray de pimenta e agora, com uma das mãos, tirei a tampinha plástica. - O senhor acha que eu não passo de uma garota estúpida que seu filho trouxe para jantar em casa. Mas não sou.

- Claro que não é - disse o Sr. Beaumont. - Por isso era tão importante que eu falasse com você de novo. Voc ê fala com os mortos e eu, veja bem...

Encarei-o cheia de suspeitas.

- O senhor o quê?

- Bem. - Ele pareceu embaraçado. - Eu os deixo desse jeito.

O que aquela dona idiota no meu quarto quis dizer quando insistiu que ele não tinha tentado matá-la? Claro que tinha! Assim como tinha matado a Sra. Fiske!

Exatamente como estava se preparando para me matar.

- Não pense que eu não aprecio o seu senso de humor, Sr. Beaumont. Porque aprecio. Realmente. Acho o senhor um sujeito muito engraçado. De modo que espero que não leve para o lado pessoal...

E dei uma borrifada nele, bem na cara.

Ou pelo menos tentei. Segurei a lata na direção dele e apertei o botão. Só que tudo que saiu foi um barulho tipo spliff.

Mas nada de spray de pimenta paralisante. Nenhum.

E então me lembrei daquele frasco de fixador Paul Michel que tinha vazado no fundo da minha bolsa na última vez em que estive na praia. Aquela coisa, misturada com a areia, tinha melado praticamente tudo que eu possuía. E agora parecia que tinha coberto o buraco por onde o spray de pimenta deveria sair.

- Ah - disse o Sr. Beaumont. Ele parecia muito desapontado comigo. - Spray de pimenta? Isso é justo, Suzannah?

85

Eu sabia o que tinha de fazer. Larguei a lata inútil e comecei a correr...

Mas era tarde demais. Ele saltou - tão de repente que eu nem tive tempo de me mexer - e segurou meu pulso num aperto que, vou lhe contar, doeu um bocado.

- É melhor me soltar - alertei. - Estou falando sério. O senhor vai se arrepender.

Mas ele me ignorou e falou, com um mínimo de animosi dade, quase como se eu não tivesse tentado paralisar as suas mucosas:

- Lamento se eu pareci petulante - falou em tom de desculpas. - Mas fui sincero.

Infelizmente cometi alguns erros de julgamento muito sérios que resultaram em várias pessoas perderem a vida, e nas minhas mãos... É imperativo que você me ajude a falar com elas, para garantir que eu lamento muito, lamento muito o que fiz.

Olhei de soslaio para ele.

- Certo. Chega. Vou embora daqui.

Mas não importando com que força eu puxasse meu braço, não podia me soltar daquele torno. O sujeito era surpreendentemente forte para o pai de alguém.

- Eu sei que para você eu pareço horrível - continuou ele.

- Até mesmo um monstro. Mas não sou. Realmente não sou.

- Diga isso à Sra. Fiske - grunhi enquanto puxava o braço. O Sr. Beaumont não pareceu ter ouvido.

- Você não imagina como é. As horas que passei me torturando com relação ao que fiz...

Com a mão livre eu estava remexendo na bolsa de novo. Bem, eu sempre soube que uma boa receita para a culpa é confessar. - Meus dedos se fecharam sobre o rolo de moedas. Não. Não adiantava. Ele estava segurando meu braço bom de soco. - Por que não me deixa dar um telefonema e nós podemos chamar a polícia, e o senhor pode contar tudo. Que tal?

Não - disse o Sr. Beaumont, solene. - Não serve. Eu duvido muito que a polícia teria algum respeito por alguém com minhas necessidades um tanto... bem, especiais.

E então o Sr. Beaumont fez uma coisa totalmente inesperada. Sorriu para mim.

Um sorriso triste, mas ainda assim um sorriso.

Ele havia sorrido para mim antes, claro, mas eu sempre estivera do outro lado da sala, ou pelo menos do outro lado de uma mesa de centro. Agora eu estava bem ali, bem na sua cara.

E quando ele sorriu eu recebi aquele vislumbre especial de uma coisa que certamente nunca esperava ver em toda a vida.

Os incisivos mais pontudos da história.

Certo, vou admitir: eu pirei. Posso ter lutado contra fantasmas a vida inteira, mas isso não significava que estivesse preparada para encontrar um vampiro ao vivo.

Quero dizer, os fantasmas, eu sabia por experiência própria, eram verdadeiros.

86

Mas vampiros? Vampiros eram coisa de pesadelo, criaturas mitológicas como o Pé-Grande e o monstro do Lago Ness. Quero dizer, qual é?

Mas ali, bem na minha frente, dando um sorriso comple tamente doentio do tipo

"meu filho é um aluno modelo", estava um vampiro de verdade, em carne e osso.

Agora eu sabia por que, quando Marcus tinha aparecido naquele dia na sala do Sr. Beaumont, ficou olhando meu pescoço. Estivera verificando se seu chefe nã o tinha tentado partir para cima da minha jugular.

Acho que por isso, considerando que minha mão livre ainda estava dentro da bolsa a tiracolo, eu fiz o que fiz em seguida.

Peguei o lápis que tinha posto ali no último minuto, peguei e mergulhei, com toda a força, no centro do suéter do Sr. Beaumont.

Por um segundo nós dois nos imobilizamos. O Sr. Beaumont e eu ficamos olhando o lápis que se projetava de seu peito.

Então o Sr. Beaumont falou, numa voz muito surpresa:

- Minha nossa.

Ao que eu respondi:

- Vá se catar.

E então ele tombou para frente, errando a mesa de vidro apenas por alguns centímetros, e terminou no chão entre o sofá e a lareira.

Onde ficou imóvel por longos instantes, durante os quais eu só fiz massagear o pulso que ele havia agarrado com tan ta força.

Depois de um tempo notei que ele não se encolheu virando cinzas como os vampiros faziam na TV. Nem explodiu em chamas como os vampiros do cinema costumam fazer. Em vez disso só ficou ali.

E então, pouco a pouco, a realidade do que eu tinha feito baixou sobre mim.

Eu tinha acabado de matar o pai do meu namorado.

87

Capítulo 14

Bem, em certo Tad não era exatamente meu namorado e eu tinha acreditado honestamente que seu pai era um vampiro.

Mas sabe de uma coisa? Não era. E eu tinha matado o cara.

Até que ponto isso me tornaria impopular?

E uma pequena bolha de histeria começou a subir na minha garganta. Dava para ver que eu ia gritar. Realmente não queria. Mas ali estava eu, numa sala com um garoto inconsciente e seu pai psicopata, cujo coração eu ti nha acabado de atravessar com um lápis n° 2. Eu não conseguia deixar de ficar pensando: sabe, eles vão me chutar direitinho do diretório estudantil...

Qual é. Você também teria começado a gritar.

Mas nem bem enchi o pulmão de ar e estava me preparando para soltá-lo num berro que com toda a certeza traria correndo Yoshi e todos aqueles garçons que tinham servido o jantar e alguém parado atrás de mim perguntou incisivo:

- O que aconteceu aqui?

Girei. E ali, parecendo perplexo, estava Marcus, o secretário de R ed Beaumont.

Falei a primeira coisa que me veio à cabeça, que foi:

- Eu não queria fazer isso, juro. Só que ele estava me apavorando, por isso eu enfiei o lápis nele.

Marcus, vestido como da última vez em que eu o tinha visto, de terno e gravata, veio rapidamente para mim. Não para o chefe, que estava esparramado no chão. Mas para mim.

- Você está bem? - perguntou, me agarrando pelos ombros e olhando meu corpo de cima a baixo... mas principalmente meu pescoço. - Ele machucou você?

O rosto de Marcus estava b ranco de ansiedade.

- Eu estou bem - falei. Estava começando a sentir um nó na garganta. - É com o seu chefe que você deveria estar preocupado... - Meu olhar foi na direção de Tad, ainda de cara para baixo no sofá. - Ah, e o filho dele. Ele envenenou o fil ho.

Marcus foi até Tad e abriu uma das pálpebras. Depois se curvou e ouviu a respiração dele.

- Não - falou quase para si mesmo. - Não envenenou.

- Só drogou.

- Ah - falei com um riso nervoso. - Ah, então tudo bem.

Que diabo estava acontecendo aqui? Esse c ara era de verdade?

88

Parecia. Obviamente estava muito preocupado. Empurrou a mesa de centro para fora do caminho, depois se curvou e virou o chefe.

Tive de desviar o olhar. Achei que não suportaria ver aquele lápis se projetando do peito do Sr. Beaumont. Qu ero dizer, eu tinha acertado fantasmas no peito com todo tipo de coisas - picaretas, facas de açougueiro, paus de barraca, qualquer coisa que estivesse à mão. Mas o negócio com os fantasmas é que... bem, eles já estão mortos. O pai de Tad estava vivo quand o eu cravei o lápis nele.

Ah, meu Deus, por que eu deixei o padre Dom colocar aquela estúpida idéia de vampiro na minha cabeça? Que tipo de idiota acredita em vampiros? Eu devia estar pirada.

- Ele está... - eu mal podia desembuchar a pergunta.

Tinha de manter o olhar em Tad porque, se olhasse para o pai dele, iria botar para fora todo aquele cordeiro e a salada mista. Mesmo na minha ansiedade não pude deixar de ver que, inconsciente, Tad ainda era um gato. Certamente não estava babando nem nada. - Ele está morto?

E pensei que mamãe ficaria furiosa se descobrisse sobre a coisa de ser mediadora. Você imagina como ela ficaria furiosa se descobrisse que eu sou uma assassina adolescente?

A voz de Marcus pareceu surpresa.

- Claro que ele não está morto. Só desmai ou. Você deve ter dado um tremendo susto nele.

Espiei na direção de Marcus. Ele tinha se levantado e estava parado ali, com meu lápis na mão. Desviei o olhar rapidamente, com o estômago revirando.

- Foi isso que você usou nele? - perguntou Marcus numa voz esquisita. Quando assenti em silêncio, ainda não querendo olhar na sua direção para o caso de ter um vislumbre do sangue do Sr. Beaumont, ele disse: - Não se preocupe. Não entrou muito fundo. Você acertou o esterno.

Meu Deus. Foi ótimo Red Beaumont não ser um vampiro de verdade, caso contrário eu estaria seriamente encrencada. Nem era capaz de enfiar uma estaca direito num cara. Realmente devia estar perdendo o jeito.

Como aconteceu, tudo que consegui foi bancar a completa panaca. Ainda sentindo aquela bolha de histeria no peito, a qual culpei pelo meu balbuciar incoerente, falei:

- Ele envenenou Tad, depois me agarrou, e eu pirei de vez...

Marcus deixou o corpo inconsciente do chefe e pôs a mão no meu braço, num gesto reconfortante.

- Shh, eu sei, eu sei - falou numa voz tranqüilizadora.

- Eu sinto muito, de verdade - continuei arengando. - Mas ele tinha aquela coisa com a luz do sol, depois não quis comer e quando sorriu tinha aqueles dentes pontudos, e eu realmente pensei...

-... que ele era um vampiro.

Para minha surpresa, Marcus terminou a frase.

- Eu sei Srta. Simon.

Sinto vergonha de admitir, mas a verdade é que eu estava à beira de abrir o berreiro. Mas a admissão de Marcus me fez esquecer toda a ânsia de desmoronar em soluços enormes.

- Você sabe - ecoei, olhando-o incrédula.

Ele assentiu. Sua expressão era séria.

- É o que os médicos dele chamam de fixação. Ele está tomando medicamentos para isso e na maior parte dos dias fica bem. Mas algumas vezes, quando não temos cuidado, ele deixa de tomar uma dose e... bem, você mesma pode ver os resultados.

Ele se convence de que é um vampiro perigoso que matou dúzias de pessoas...

- É. Ele mencionou isso também. - E também tinha parecido bastante perturbado.

- Mas eu garanto, Srta. Simon, que de modo algum ele é uma ameaça à sociedade. Na verdade ele é bem inofensivo... nunca fez mal a ninguém.

Meu olhar foi na direção de Tad. Marcus deve ter notado, porque acrescentou rapidamente:

- Bem, só digamos que ele nunca causou nenhum dano permanente.

Dano permanente? Seu próprio pai lhe dar um sonífero não era considerado dano permanente por aqui? E como isso explica a Sra. Fiske e todos aqueles ambientalistas desaparecidos?

- Nem sei como pedir desculpas a você, Srta. Simon - estava dizendo Marcus.

Ele passou o braço em volta de mim e estava me afastando do sofá, e, veja só, para a entrada. - Sinto muito você ter testemunhado essa cena perturbadora.

Olhei por cima do ombro. Atrás de mim Yoshi tinha aparecido. Ele virou Tad de modo a não ficar com a cara esmagada no sof á, depois colocou um cobertor em cima dele enquanto dois outros caras levantavam o Sr. Beaumont. Ele murmurou alguma coisa e girou a cabeça.

Não estava morto. Definitivamente não estava morto.

- Claro, não preciso dizer que nada disso teria acontecido... - Marcus não parecia tão pedindo desculpas

quanto antes - se você não tivesse pregado aquela pequena peça nele ontem à noite. O Sr. Beaumont não é um homem bem de saúde.

Ele se agita muito facilmente. E uma coisa que o deixa particularmente agitado é qualquer menção a coisas ocultas. O suposto sonho que você descreveu a ele só serviu para provocar outro ataque da doença.

90

Eu senti que tinha de, pelo menos, tentar me defender. Por isso falei:

- Bom, como é que eu iria saber disso? Quero dizer, se ele tende a ter esses ataques, por que não o mantêm trancado?

- Porque não estamos na Idade Média, moça.

Marcus tirou o braço dos meus ombros e ficou me olhando muito seriamente.

- Hoje em dia os médicos preferem tratar as pessoas que sofrem de desordens como a do Sr. Beaumont com medicação e terapia, em vez de mantê -lo isolado da família. O pai de Tad pode viver e trabalhar normalmente, até mesmo bem, desde que menininhas que não sabem o que é bom para elas fiquem com o nariz longe dos negócios dele.

Argh! Essa foi má. Eu tinha de lembrar a mim mesma que não era a bandida aqui. Quero dizer, não era eu que andava por aí insistindo em que era um vampiro.

E não tinha feito um punhado de gente desaparecer porque elas haviam entrado no meu caminho de construir outro shopping .

Mas mesmo enquanto pensava isso, imaginei se seria verdade. Quero dizer, o pai de Tad não parecia ter engrenagens suficientes na cabeça para organizar uma coisa tão sofisticada quanto seqüestro e assassinato. Ou meu esquisitômetro estava pifado ou havia alguma coisa seriamente errada aqui... e uma mera "fixação" não explicava isso. E quanto à Sra. Fiske, pensei. Ela estava morta e o Sr. Beaumont a havia matado - ela mesma disse. Marcus estava obviamente tentando diminuir a seriedade da psicose de seu patr ão.

Estaria mesmo? Um homem que desmaiava só porque uma garota o cutucava com um lápis não parecia exatamente do tipo que realizaria com sucesso um assassinato. Seria possível que ele não estivesse sofrendo de sua "desordem" atual quando apagou a Sra. Fisk e e aquelas outras pessoas?

Eu ainda estava tentando solucionar isso tudo quando Marcus, que tinha me acompanhado à porta da frente, pegou meu casaco. Ele me ajudou a vesti -lo e disse:

- Aikilu vai levar você para casa, Srta. Simon.

Olhei em volta e vi outro japonês, todo vestido de preto, perto da porta da frente. Ele fez uma reverência educada para mim.

- E vamos deixar uma coisa clara.

Marcus ainda estava falando comigo em tom paternal. Parecia irritado, mas não realmente furioso.

- O que aconteceu aqui esta noite foi muito estranho, é verdade. Mas ninguém se machucou...

Ele deve ter notado meu olhar ir na direção de Tad, ainda desmaiado no sofá, já que acrescentou:

- Pelo menos não se machucou seriamente. Por isso acho que seria bom você ficar de boca fechada com relação ao que viu aqui. Porque se decidir contar a alguém 91

o que viu – Marcus continuou de um modo que quase poderia ser chamado de amigável - claro que eu terei de contar aos seus pais sobre aquela peça infeliz que você pregou no Sr. Beaumont... e fazer uma denúncia formal de agressão contra você, claro.

Minha boca se abriu. Eu percebi isso, depois de um segundo, e fechei -a de novo.

- Mas ele... - comecei.

Marcus me interrompeu:

- Foi mesmo? - Ele me olhou de modo significativo. - Foi mesmo? Não há testemunhas desse fato, além de você.

- E você realmente acredita que alguém vai aceitar a palavra de uma pequena delinqüente juvenil como você contra a de um empresário respeitável?

O sacana tinha me pego, e sabia disso.

Ele sorriu para mim, com um bri lhozinho triunfante no olho.

- Boa noite, Srta. Simon.

Provando de novo que a vida de mediadora não é lá essas coisas: eu nem pude ficar para a sobremesa.

92

Capítulo 15

Largada com quase tanta cerimônia quanto um jornal enrolado numa manhã de domingo, subi a entrada de veículos. Tinha sentido um pouco de medo de Marcus mudar de idéia quanto a não fazer uma denúncia que nossa casa estivesse cercada de policiais que viriam me pegar por ter agredido o Sr. B eaumont.

Mas ninguém pulou em cima de mim saindo de trás dos arbustos com a arma apontada, o que era bom sinal.

Assim que entrei, minha mãe partiu para cima, querendo saber como tinha sido na casa dos Beaumont. O que tínhamos comido no jantar? Como era a decoração?

Tad tinha me convidado ao baile de formatu ra?

Eu me declarei com sono demais para falar e fui direto para o quarto. Só conseguia pensar em como, diabos, provaria ao mundo que Red Beaumont era um assassino de sangue frio.

Bem, certo, talvez não de sangue frio, já que evidentemente sentia remorso pelo que tinha feito. Mas mesmo assim era um assassino.

Eu tinha esquecido, claro, de meu novo colega de quarto. Quando me aproximei da porta, vi Max sentado na frente dela, com a língua enorme pendendo.

Havia marcas de arranhado em toda a porta, onde ele ha via tentado entrar a unhadas.

Acho que o fato de haver um gato lá dentro era mais forte do que o de haver também um fantasma.

- Cachorro mau! - falei quando vi os arranhões.

Instantaneamente a porta de Mestre, do outro lado do corredor, se abriu.

- Você está com um gato aí dentro? - perguntou, mas não como uma acusação.

Mais como se estivesse realmente interessado, de um ponto de vista científico.

- Hmm. Talvez.

-Ah. Eu estava pensando nisso. Porque geralmente Max, você sabe, fica longe do seu quarto. Você sabe por quê.

Mestre arregalou os olhos significativamente. Quando me mudei para cá, ele tinha se oferecido cheio de cavalheirismo para trocar de quarto comigo, já que o meu, pelo que ele observou, tinha um ponto frio nítido, indicação clara de que era cen tro de atividade paranormal. Mesmo optando por ficar com o quarto, fiquei impressionada com o sacrifício pessoal de Mestre. Seus dois irmãos mais velhos certamente não seriam tão generosos.

- É só por uma noite - garanti. - O gato, quero dizer.

- Ah. Bem, isso é bom. Porque você sabe que Brad sofre de uma reação alérgica a caspa de gato. Os alergênicos, ou as substâncias que produzem alergia, causam a liberação da histamina, um composto orgânico responsável pelos sintomas alérgicos. Há uma variedade de aler gênicos, como os de contato - como sumagre venenoso - ou os que são transportados pelo ar, como a sensibilidade de Brad a caspa de gato. O tratamento padrão, claro, é evitar, se possível, o alergênico.

Pisquei para ele.

- Vou lembrar disso.

Mestre sorriu.

- Ótimo. Bem, boa noite. Venha, Max.

Ele arrastou o cachorro para longe e eu entrei no meu quarto.

E descobri que o novo colega tinha fugido da cadeia. Spike tinha sumido e a janela aberta indicava como ele havia escapado.

- Jesse - murmurei.

Jesse vivia abrindo e fechando minha janela. Eu a abria à noite e descobria de manhã que estava fechada. Em geral eu apreciava isso, porque a névoa da manhã que vinha da baía costumava ser gélida.

Mas agora suas boas intenções tinham resultado na fuga de Spike.

Bem, eu não iria procurar aquele gato estúpido. Se ele quisesse voltar, sabia o caminho. Se não, eu achei que tinha cumprido com meu dever, pelo menos com relação a Timothy.

Tinha achado seu bichinho desgraçado e o trazido para a segurança. Se aquela coisa estúpida se recusava a ficar, isso não era problema meu.

Estava me preparando para entrar na banheira quente, soltando fumaça - penso melhor submersa em água com sabão - quando o telefone tocou. Não atendi, claro, porque o telefone quase nunca toca para mim. Em geral é Debbie Mancuso - apesar dos protestos de Dunga, de que os dois não estavam namorando - ou uma dentre a multidão de garotas cheias de risinhos que ligavam procurando Soneca... que nunca estava em casa devido à sua exaustiva programação de entregas d e pizza.

Mas dessa vez eu ouvi minha mãe gritar escada acima que era o padre Dominic, para falar comigo. Mamãe, apesar do que você possa pensar, não considera nem um pouco estranho eu viver recebendo telefonemas do diretor da escola. Graças a eu ser vice-presidente da turma e chefe do comitê para a Restauração da Cabeça de Junipero Serra, na verdade há alguns motivos completamente inócuos para o diretor querer me ligar.

Mas o padre Dom nunca me liga para discutir qualquer coisa remotamente relacionada à escola. Só

telefona quando quer pegar no meu pé por causa de alguma coisa relativa à mediação.

94

Antes que eu atendesse pela extensão do meu quarto, me perguntei - irritada, já que estava usando apenas uma toalha e suspeitava de que a água do banho estaria fria quando finalmente eu entrasse nela - o que tinha feito dessa vez.

E então, como se eu já tivesse entrado na banheira e descoberto que ela estava gelada, arrepios subiram pelas minhas costas.

Jesse. Minha discussão apressada com Jesse antes de ir para a ca sa de Tad.

Jesse tinha ido procurar o padre Dominic.

Não, ele não teria feito isso. Eu disse para não fazer. A não ser que eu não estivesse de volta até a meia - noite. E eu tinha chegado em casa às dez. Antes, até.

Quinze para as dez.

Não podia ser isso, disse a mim mesma. Não podia ser. O padre Dominic não sabia sobre Jesse. Não sabia de nada.

Mesmo assim, quando falei alô, estava hesitante.

A voz do padre Dominic saiu calorosa.

- Ah, olá, Suzannah - falou num jorro. - Desculpe ligar tão tarde, só que eu precisava discutir a reunião do conselho de estudantes de ontem com você...

- Tudo bem, padre Dom, mamãe desligou o telefone lá de baixo.

A voz do padre Dominic mudou completamente. Não era mais calorosa. Na verdade era muito indignada.

- Suzannah! Por mais que eu aprecie saber que você está bem, gostaria de saber quando você pretendia me contar sobre esse tal de Jesse, se é que ia contar.

Epa.

- Ele disse que está morando no seu quarto desde que você se mudou para a Califórnia há várias semanas e que durante todo esse tempo você tinha perfeita consciência desse fato.

Tive de afastar o telefone do ouvido. Eu sempre soubera, claro, que o padre Dominic ficaria furioso ao descobrir sobre Jesse. Mas não imaginava que fosse pirar tanto.

- É a coisa mais ultrajante que eu já ouvi. - O padre Dom estava realmente pegando pesado. - O que sua pobre mãe diria se soubesse? Simplesmente não sei o que vou fazer com você, Suzannah. Pensei que você e eu tínhamos estabelecido uma certa confiança no nosso relacionamento, mas este tempo todo você vinha mantendo o tal de Jesse em segredo...

Felizmente naquele momento o sinal de chamada em espera soou. Falei:

- Ah, dá pra esperar um minuto, padre D om?

Enquanto apertava o botão para receber a chamada, ouvi - o dizer:

- Não me ponha na espera enquanto estou falando com você, mocinha...

95

Eu esperava que Debbie Mancuso estivesse na outra linha, mas, para minha surpresa, era Cee Cee.

- Ei, Suze - disse ela. - Andei fazendo mais algumas pesquisas sobre o pai do seu namorado...

- Ele não é meu namorado - falei automaticamente. Ainda mais agora.

- É, certo, seu futuro namorado, então. De qualquer modo, achei que você se interessaria em saber que depois que a mulher dele, a mãe de Tad, morreu há dez anos, as coisas realmente começaram a despenca r morro abaixo para o Sr. Beaumont.

Levantei as sobrancelhas.

- Morro abaixo? Tipo o quê? Não financeiramente. Quero dizer, se você visse onde eles moram...

- Não, não financeiramente. Quero dizer que depois de ela ter morrido (câncer no seio, diagnosticado tarde demais; não se preocupe, ninguém a matou) o Sr.

Beaumont meio que perdeu o interesse por todas as suas muitas empresas e começou a se isolar.

Ahá. Provavelmente foi quando começou sua "desordem".

- Mas aqui está a parte realmente interessante - disse Cee Cee. Eu podia ouvi-la batucando no teclado. - Foi mais ou menos nessa época que Red Beaumont repassou quase todas as responsabilidades para o irmão.

- Irmão?

- É. Marcus Beaumont.

Fiquei genuinamente surpresa. Marcus era irmão do Sr. Beaumont? Eu t inha achado que ele era um mero lacaio. Mas não. Era o tio de Tad.

- É o que diz. O Sr. Beaumont, o pai de Tad, ainda é a figura de proa, mas esse outro Sr. Beaumont é quem realmente comanda as coisas nos últimos dez anos.

Congelei.

Ah, meu Deus. Será que eu entendi errado?

Talvez não tivesse sido o Sr. Beaumont que matou a Sra. Fiske. Talvez tivesse sido Marcus. O outro Sr. Beaumont.

O Sr. Beaumont matou a senhora? - foi o que eu perguntei à Sra. Fiske. E ela disse que sim. Mas para ela o Sr. Beaumont poderia ter sido Marcus e não o coitado do aspirante a vampiro Red Beaumont.

Não, espera. O pai de Tad tinha me dito na bucha que lamentava ter matado todas aquelas pessoas. Que

sua motivação para me convidar tinha sido essa o tempo todo: ele esperava que eu o ajudasse a se comunicar com suas vítimas.

Mas o pai de Tad tinha claramente alguns parafusos a menos. Não acreditava que ele pudesse ter matado uma barata, quanto mais um ser humano.

96

Não, quem quer que tivesse matado a Sra. Fiske e aquelas outras pessoas tinha inteligência suficiente para cobrir os próprios rastros... e o pai de Tad não era nenhum Daniel Boone, vou lhe contar.

O irmão dele, por outro lado...

- Eu estou tendo uma sensação bem estranha com isso tudo - estava dizendo Cee Cee. - Quero dizer, sei que nós não podemos provar nada. E, apesar do que Adam diz, é muito improvável que qualquer contribuição de minha tia Pru seja aceitável no tribunal. Mas acho que temos uma obrigação moral...

O sinal de ligação em espera soou de novo. O padre D om. Eu tinha esquecido do padre Dom. Ele havia desligado em fúria e estava ligando de volta.

- Cee Cee - falei, ainda me sentindo meio atordoada. - A gente fala amanhã sobre isso na escola, certo?

- Certo. Mas só quero dizer, você sabe, Suze, acho que a gente esbarrou numa coisa grande.

Grande? Experimente formidolosa. Mas não era o padre Dominic na outra linha, como descobri depois de apertar o botão. Era Tad.

- Sue? - disse ele. Ainda parecia meio grogue.

E ainda parecia ter apenas uma leve idéia de qual era o me u nome.

- Hmm, oi, Tad.

- Sue, eu sinto muito. - Tonteira à parte, ele parecia sincero. - Não sei o que aconteceu. Acho que eu estava mais cansado do que pensei. Você sabe, nos treinos eles pegam muito pesado com a gente e algumas noites eu apago antes dos outros...

É, disse comigo mesma. Aposto que sim.

- Não se preocupe - falei. Tad tinha muito mais coisas com que se preocupar do que com cair no sono durante um encontro.

- Mas eu quero compensar - insistiu ele. - Por favor, deixa eu compensar. O

que você vai fazer no sábado à noite?

Sábado à noite? Esqueci tudo sobre esse cara ser parente de um possível assassino em série. O que isso importava? Ele estava me convidando para sair. Um encontro. Um encontro de verdade. No sábado à noite. Visões de luz de vela e beijos de língua dançaram na minha cabeça. Eu mal podia falar, de tão lisonjeada.

- Eu tenho um jogo - continuou Tad - mas achei que você poderia me ver jogar, e depois a gente poderia ir comer uma pizza com o resto dos caras ou alguma coisa assim.

Minha empolgação teve uma mortezinha rápida.

Será que ele estava brincando? Queria que eu fosse vê -lo jogar basquete?

Depois ir com ele e o resto do time? Comer pizza! Eu nem era digna de um hambúrguer? Puxa, nesse ponto eu aceitaria até um croquete, cara.

97

- Sue - disse Tad quando eu não falei nada imediatamente. - Você não está com raiva de mim, está? Quero dizer, eu realmente não pretendia dormir na sua frente.

O que eu estava pensando, afinal? A coisa nunca daria certo entre nós. Quero dizer, eu sou uma mediadora. O pai dele é um vampiro. O tio dele um assassino. E se a gente se casasse? Imagine como nossos filhos iriam sair...

Confusos. Muito confusos.

Meio tipo Tad.

- Não é que você estivesse me chateando nem nada - continuou ele. - Verdade.

Bem, quero dizer, aquela coisa que você estava falando era meio chata, o negócio da estátua com a cabeça que precisava ser colada de volta. A história, quero dizer. Mas você não. Você não é chata, Susan. Não foi por isso que eu caí no sono, juro.

- Tad - falei, irritada por quantas vezes ele tinha sentido necessidade de garantir que eu não o havia chateado, sinal claro de que tinha sido chata a ponto de apagá -lo, e, claro, pelo fato de que ele não conseguia lembrar meu nome. - Cresça.

- O que você quer dizer?

- Quero dizer que você não caiu no sono, certo? Você apagou porque seu pai colocou Seconal ou alguma coisa assim no seu café.

Certo, talvez esse não fosse o modo mais diplomático de dizer ao cara que o pai dele precisava aumentar a potência dos remédios. Mas, epa, ni nguém vai ficar me acusando de ser chata. Ninguém.

Além disso, você não acha que ele tinha o direito de saber?

- Sue - disse ele depois de um momento. A dor latejava em sua voz. - Por que você está dizendo uma coisa assim?

- Quero dizer, como é que você po de ao menos pensar isso?

Acho que eu não podia culpar o pobre coitado. Era bem difícil acreditar. A não ser que você tivesse visto do modo íntimo e pessoal como eu vi.

- Tad. Estou falando sério. Seu velho... o phaser dele parece ajustado permanentemente em "atordoar", se é que você está me sacando.

- Não - disse Tad meio carrancudo (pelo menos eu achei). - Não sei o que você está falando.

- Tad... Qual é? O cara acha que é vampiro.

- Não acha! - Eu percebi que Tad estava enfiado até as axilas numa tremenda negação. - Você está doida!

Decidi mostrar a Tad até que ponto eu estava doida.

- Sem ofender, meu chapa, mas na próxima vez em que você estiver colocando um desses seus cordões de ouro, pode se perguntar de onde veio o dinheiro para pagar por ele. Ou melhor ainda, por que não pergunta ao seu tio Marcus?

- Talvez eu pergunte.

- Talvez você devesse mesmo.

- Então vou perguntar.

- Ótimo, então faça isso.

Bati o telefone. Depois fiquei ali sentada, olhando para ele.

Que diabos eu tinha acabado de fazer?

99

Capítulo 16

Apesar de eu ter quase matado um homem naquela noite, não tive muito problema para dormir. Sério.

Bem, então eu estava cansada, certo? Olha, vamos encarar: eu tive um dia difícil.

E não que aqueles telefonemas que eu recebi logo antes de ir para a cama tenham ajudado. O padre Dominic estava totalmente furioso comigo por não ter contado antes sobre Jesse e agora Tad também parecia me odiar.

Ah, e o tio dele, Marcus? É, o possível assassino em série. Quase esqueci essa parte.

Mas, sério, o que eu deveria fazer? Quero dizer, eu sabia perfeitamente bem que o padre Dom não ficaria empolgado com o Jesse. E quanto ao Tad, bem, se meu pai tivesse me drogado, eu com certeza iria querer saber.

Eu tinha feito a coisa certa contando ao Tad.

Só que fiquei meio pensando no que aconteceria se Tad realmente fosse perguntar ao seu tio Marcus o que eu quis dizer sobre de onde vinha o dinheiro dele.

Marcus provavelmente acharia que era alguma referência obscura à doença mental do pai de Tad.

Eu esperava.

Porque se ele deduzisse que eu suspeitava da verdade - você sabe, aquela coisa toda sobre ele matar qualquer um que entrasse no caminho das Indústrias Beaumont para abocanhar o máximo de propriedades disponíveis no norte da Califórnia - eu tinha a sensação de que ele não gostaria muito.

Mas até que ponto um sujeito que jogava alto como Marcus Beaumont ficaria com medo de uma garota de dezesseis anos? Quero dizer, sério. Ele não fazia idéia do negócio de mediadora, de que eu tinha falado com uma de suas vítimas e confir mado a coisa toda.

Bem, mais ou menos.

Mesmo assim, apesar de tudo isso, finalmente consegui dormir. Estava sonhando que Kelly Prescott tinha ouvido falar que eu e Tad fomos juntos ao Coffee Clutch e que, como vingança, ela estava tentando vetar a decisão de não haver um baile de primavera, quando um barulho baixo me acordou. Levantei a cabeça e forcei a vista na direção da janela.

Spike estava de volta. E tinha companhia.

Vi Jesse sentado ao lado de Spike. Para minha absoluta perplexidade o gato estava deixando que ele o acariciasse.

100

Aquele gato estúpido que tinha tentado me morder a cada vez que eu chegava perto estava deixando um fantasma - seu inimigo natural - acariciá-lo.

E mais, Spike parecia gostar. Estava ronronando tão alto que eu podia ouvi -lo do outro lado do quarto.

- Epa - falei, me apoiando nos cotovelos. - Isso é digno do Acredite se Quiser.

Jesse riu.

- Acho que ele gosta de mim.

- Não se ligue demais. Ele não pode ficar aqui, você sabe.

Pude jurar que Jesse ficou frustrado.

- Por quê?

- Porque Dunga é alérgico, para começar. E porque eu nem perguntei a ninguém se podia ter um gato.

- Agora a casa é sua, não só dos seus irmãos - disse Jesse dando de ombros.

- Irmãos adotivos - corrigi. Eu pensei no que ele disse, depois acrescentei: - E

acho que eu ainda me sinto mais uma hóspede do que uma moradora de verdade.

- Espere um século, mais ou menos. - Ele riu mais um pouco. - E você supera isso.

- Muito engraçado. Além disso, esse gato me odeia.

- Tenho certeza que não.

- Odeia sim. Sempre que cheg o perto ele tenta me morder.

- Ele só não conhece você. Vou apresentá -la. - Ele pegou o gato e o apontou na minha direção. - Gato. Esta é Suzannah. Suzannah, conheça o gato.

- Spike - falei.

- Perdão?

- Spike. O nome do gato é Spike.

Jesse pôs o gato no chão e olhou horrorizado.

- É um nome horrível para um gato.

É - falei. Depois acrescentei em tom puramente casual, se é que você me entende: - Então, eu soube que

você esteve com o padre Dominic.

Jesse levantou o olhar e deixou -o pousar inexpressivamente em mim.

- Por que você não contou a ele a meu respeito, Suzannah?

Engoli em seco. O que é que as pessoas fazem, ensinam aos caras esse olhar de censura ao nascer, ou algo assim? Quero dizer, todos eles parecem ter aquilo pronto.

Isto é, menos Dunga.

- Olha - falei. - Eu queria contar. Só que tinha certeza de que ele ia pirar de vez.

Puxa, ele é um padre. Eu não achei que ele ficaria muito empolgado em saber que eu tenho um cara, ainda que seja um cara morto, morando no meu quarto. - Tentei parecer tão preocupada quanto me sentia. - Então, é... pelo que vejo vocês dois não se deram muito bem, não foi?

- Entre seu pai e o padre - disse Jesse com ar pervertido - eu ficaria com seu pai em qualquer situação.

- Bem. Não se preocupe com isso. Amanhã só vou contar ao padre Dom sobre todas as vezes em que você salvou minha vida, e aí ele vai ter de aceitar.

Jesse claramente não acreditava que seria tão simples, se é que a careta que apareceu em seu rosto fosse indicação de alguma coisa. O triste é que ele claramente estava certo. O padre Dom não seria aplacado tão facilmente, e nós dois sabíamos.

- Olha. - Joguei as cobertas para longe e me levantei da cama, indo até o banco da janela vestida de short e camiseta. - Desculpe. Desculpe de verdade, Jesse. Eu deveria ter contado antes a ele, e apresentado vocês dois direito. A culpa é minha.

- Não é sua culpa.

- É sim. - Sentei-me ao lado dele, certificando -me que Jesse estivesse entre mim e o gato. - Quero dizer, você pode estar morto, mas eu não tenho direito de tratá -

lo como se estivesse. Isso é simplesmente grosseria. Talvez o que a gente devesse fazer é você, eu e o padre Dom nos sentarmos juntos para almoçar, ou alguma coisa assim, e então ele poderá ver como você é um cara legal.

Jesse me olhou como se eu fosse uma doen te mental.

- Suzannah, eu não como, lembra?

- Ah, é. Esqueci.

Spike cutucou Jesse no braço e ele levantou a mão e começou a coçar as orelhas do gato. Eu me sentia tão péssima pelo Jesse - quero dizer, pense bem: ele estava naquela casa cento e cinqüenta an os antes de eu aparecer, sem ninguém com quem conversar, ninguém - que falei subitamente:

- Jesse, se houvesse um modo de eu fazer com que você não estivesse morto, eu faria.

Ele sorriu, mas para o gato, não para mim.

- Faria?

- Num minuto - falei, e então continuei, com uma ousadia completa: - Só que, se você não estivesse morto, provavelmente não iria querer ficar comigo.

Isso o fez me olhar.

- Claro que iria.

- Não - falei examinando um dos meus joelhos nus ao luar. - Não iria. Se você não estivesse morto, estaria na faculdade ou alguma coisa assim e iria querer ficar com garotas de faculdade e não com garotas chatas, do segundo grau, como eu.

- Você não é chata.

- Ah, sim, eu sou. Você simplesmente está morto há tempo demais, não sabe das coisas.

- Suzannah, eu sei das coisas, certo?

Dei de ombros.

Você não tem de tentar fazer com que eu me sinta melhor. Tudo bem. Eu passei a aceitar. Há umas coisas que simplesmente não dá para mudar.

- Como estar morto - disse Jesse em voz baixa.

Bem, isso certamente colocava uma surdina nas coisas. Eu estava meio me sentindo deprimida com tudo - o fato de Jesse estar morto e, apesar disso, Spike gostar mais dele do que de mim e coisas do tipo - quando de repente Jesse estendeu a mão e segurou meu queixo, quase exatament e como Tad tinha feito no carro, entre o indicador e o polegar, e virou meu rosto para ele.

E de repente as coisas começaram a parecer melhores.

Em vez de desmoronar em choque - meu primeiro instinto - eu levantei o olhar para o rosto dele. O luar que esta va se filtrando no quarto através da janela se refletia nos olhos escuros e suaves de Jesse e eu podia sentir o calor de seus dedos se espalhando por mim.

Foi quando percebi que, apesar do quanto eu vinha tentando não me apaixonar por Jesse, não estava fazendo um trabalho muito bom. Dava para ver isso pelo modo como meu coração começou a martelar contra a camiseta quando ele me tocou. Meu coração não tinha feito isso quando Tad me tocou exatamente do mesmo modo.

E também dava para ver pelo modo como instant aneamente comecei a me preocupar com o fato de ele ter escolhido exatamente esse momento específico para me beijar, o meio da noite, quando fazia horas desde que eu tinha escovado os dentes e tinha certeza de que provavelmente estava com mau hálito. Não é apetitoso?

Mas nunca descobri se Jesse ficaria enojado com meu hálito - ou mesmo se realmente iria me beijar - porque naquele instante aquela mulher maluca que ficava insistindo que Red não a havia matado apareceu de repente outra vez, berrando feito uma louca furiosa.

Juro que pulei quase trinta centímetros. Ela era a última pessoa que eu esperava ver.

- Ah, meu Deus - gritei, apertando as mãos contra os ouvidos enquanto ela soltava os bichos como um

alarme de detector de fumaça. - Qual é o problema?

A mulher estava usando o capuz do agasalho cinza de ginástica. Agora puxou -

o para trás, e ao luar eu pude ver as lágrimas que tinham feito riscas pelas suas 103

bochechas pálidas. Eu não podia acreditar que a havia confundido com a Sra. Fiske.

Essa mulher era muitos anos mais nova e tremendamente mais bonita.

- Você não contou a ele - disse ela, entre uivos soluçantes.

Surpreendi-me.

- Contei sim.

- Não contou!

- Não, eu contei, contei de verdade. - Fiquei chocada com essa acusação injusta.

- Contei a ele há dois dias. Jesse, diga a ela.

- Ela contou - garantiu Jesse à defunta.

Você imaginaria que um fantasma aceitaria a palavra de outro. Mas ela não quis aceitar. Gritou:

- Não contou! E você tem de contar a ele. Você simplesmente tem. Isso está me rasgando por dentro.

- Espere um minuto - falei. - Red Beaumont é o Red de quem você está falando, não é? Foi ele que matou você?

Ela balançou a cabeça com tanta força que o cabelo bateu nas bochechas e ficou ali, grudado à pele pelas lágrimas.

- Não. Não! Eu disse a você que Red não me matou.

- Marcus, quero dizer - emendei rapidamente. - Eu sei que não foi o Red. Ele simplesmente se culpa por isso, não é? É isso que você quer que eu diga. Que não foi culpa dele.

- Foi o irmão, Marcus Beaumont, que matou você, não foi?

- Não! - Ela me olhou como se eu fosse uma imbecil. E eu estava começando a me sentir assim. - Não Red Beaumont. Red. Red. Você conhece ele.

Eu conheço? Eu conheço alguém chamado Red? Não nesta vida.

- Olha - falei. - Eu preciso de um pouco mais de informação do que isso. Por que não começamos com as apresentações? Eu sou Suzannah Simon, certo? E você é...?

O olhar que ela me deu teria partido o coração até mesmo do mediador mais frio.

- Você sabe - disse ela com uma expressão tão ferida que eu tive de desviar o olhar. - Você sabe...

E então, quando arrisquei outro olhar em sua direção, ela sumiu de novo.

- Hmm - falei desconfortavelmente a Jesse. - Acho que eu peguei o Red errado.

104

Capítulo 17

Certo, admito: eu não estava feliz. Quero dizer, sério. Eu tinha investido todo aquele tempo e esforço em Red Beaumont, e ele nem era o cara certo.

Tudo bem, é, então ele - ou o irmão; eu apostava no irmão - aparentemente havia matado um punhado de gente, mas eu esbarrei nesse fato totalmente por acaso.

O fantasma que originalmente me procurou pedindo ajuda não tinha nada a ver com Red Beaumont ou mesmo seu irmão, Marcus. A mensagem dela ficou sem ser dada porque eu não podia deduzir quem ela era, mesmo que aparentemente a conhecesse.

E enquanto isso o assassino da Sra. Fiske ainda estava andando por aí, livre.

E como se tudo isso não bastasse, o fato de a visitante noturna ter aparecido daquele modo havia matado completamente o clima entre Jesse e eu. Depois disso ele não me beijou de jeito nenhum. Na verdade agiu como se nunca tivesse pensado em me beijar, o que, considerando minha sorte, é provavelmente a verdade. Em vez disso perguntou como estava indo minha erupção do sumagre venenoso.

Minha erupção! É, vai muito bem, obrigada.

Meu Deus, eu sou uma completa fracassad a.

Mas você sabe, eu fingi que não me importei. Na manhã seguinte levantei e agi como se nada tivesse acontecido. Coloquei minha melhor roupa de dar porrada - a minissaia Betsey Johnson preta com meia calça preta, botas Batgirl com zíper do lado e conjunto de suéter Armani - e caminhei pelo quarto como se tudo em que eu estivesse pensando fosse o modo de levar Marcus Beaumont à justiça. Fingi que a última coisa na minha mente era Jesse.

Não que ele tenha notado. Ele nem estava por ali.

Mas todo esse negócio de ficar andando de um lado para o outro me fez atrasar e Soneca estava parado na base da escada, berrando meu nome, de modo que, mesmo que Jesse sentisse vontade, não seria uma coisa muito boa se materializar naquela hora.

Peguei a jaqueta de couro e des ci a escada, fazendo barulho, até onde Andy estava parado, distribuindo dinheiro do lanche para cada um de nós que passava.

- Meu Deus, Suze - disse ele ao me ver.

- O quê? - perguntei na defensiva.

- Nada - respondeu ele rapidamente. - Aqui.

Peguei a nota de cinco dólares em sua mão e, lançando -lhe um último olhar curioso, acompanhei Mestre até o carro. Quando cheguei perto, Dunga me olhou e soltou um uivo.

- Ah, meu Deus - gritou, apontando para mim. – Corram para salvar a vida!

105

Encarei-o.

- Você tem algum problema? - perguntei friamente.

- Tenho - disse ele com um risinho de desprezo. – Não sabia que era o dia das bruxas.

Mestre falou como quem sabia das coisas:

- Não é o dia das bruxas, Brad. Faltam duzentos e setenta e nove dias.

- Diga isso à Rainha dos Mortos-Vivos – respondeu Dunga.

Não sei o que me levou àquilo. Acho que estava mal -humorada. Tudo que tinha acontecido na noite anterior, desde acertar o Sr. Beaumont com um lápis até descobrir que ele era o homem errado o tempo todo - para não mencionar a descoberta de que meus sentimentos para com Jesse não eram exatamente o que eu gostaria de que fossem - me voltou.

E a próxima coisa que eu soube foi que me virei e enfiei o punho na barriga de Dunga.

Ele soltou um gemido e se dobrou para a frente, depo is se esparramou na grama, tentando respirar.

Certo, admito. Eu me senti mal. Não deveria ter feito isso.

Mas mesmo assim. Que pirralho. Puxa, sério. Ele é da turma de luta livre. O

que ensinam a esses lutadores, afinal? Sem dúvida não como levar um soco.

- Epa - disse Soneca ao notar Dunga no chão. - Que diabos aconteceu com você?

Dunga apontou para mim, tentando dizer meu nome. Mas só saíam sons ofegantes.

- Ah, meu Deus - disse Soneca, me olhando enojado.

- Ele me chamou de Rainha dos Mortos -Vivos - falei com toda a dignidade que pude juntar.

- Bem, o que você esperava que ele dissesse? - perguntou Soneca. Você está parecendo uma vagaba. A irmã Ernestine vai mandar você para casa, se vir você com essa saia.

Respirei fundo, ultrajada.

- Essa saia - falei - por acaso é da Betsey Johnson.

- Não me importa se é da Betsy Ross. E irmã Ernestine também não vai se importar. Anda, Brad, levanta. Nós vamos nos atrasar.

Brad se levantou com um cuidado enorme, como se cada movimento lhe causasse uma dor insuportável.

Soneca não pareceu sentir muita pena dele.

- Eu disse para você não mexer com ela, cara - foi só o que falou enquanto sentava atrás do volante.

- Ela me deu um raio de um soco, cara - gemeu Brad. - Isso não pode ficar assim.

- Na verdade pode - disse Mestre em tom agradável enquanto subia no banco de trás e prendia o cinto. – Ainda que as estatísticas sobre violência doméstica sejam difíceis de obter devido ao número baixo de denúncias, os incidentes em que a mulher bate em familiares do sexo masculino são ainda menos denunciados, já que quase sempre as vítimas ficam sem graça de dizer aos policiais que, na verdade, foram espancados por uma mulher.

- Bem, eu não estou sem graça - declarou Dunga. – Vou contar ao papai assim que a gente chegar em casa.

- Vá em frente - falei com acidez. Eu estava realmente mal-humorada. - Ele só vai colocar você de novo de castigo quando eu disser que você saiu escondido naquela noite da festa na piscina de Kelly Prescott.

- Eu não saí. - Ele praticamente gritou na minha cara.

- Então como é que eu vi você no vestiário da piscina dela dando uma lubrificada na língua de Debbie Mancuso?

Até Soneca uivou ao escutar isso.

Dunga ficou completamente vermelho de vergonha, parecia a ponto de chorar.

Eu lambi o dedo e fiz um pequeno mov imento de ataque no ar, como se estivesse marcando um gol. Suze, um. Dunga, zero.

Mas infelizmente foi Dunga quem riu por último.

Nós estávamos nos aproximando das filas - sério, eles fazem todas as turmas se formarem na frente da escola, em fileiras separ adas por sexo, garotos de um lado, garotas do outro, durante quinze minutos antes que as aulas comecem oficialmente, para fazer as chamadas e ler anúncios - quando a irmã Ernestine soprou seu apito para mim e sinalizou para que eu fosse até ela, que estava parada perto do mastro da bandeira.

Felizmente ela fez isso diante de toda a turma de segundo ano - para não mencionar a de primeiro - de modo que cada um dos meus colegas teve o privilégio de me ver levar bronca de uma freira, por estar usando minissaia na escola.

O ponto alto foi que a irmã Ernestine disse que eu tinha de ir para casa trocar de roupa.

Ah, eu argumentei. Insisti que a sociedade que valorizava seus membros apenas pela aparência externa era uma sociedade destinada à destruição, uma frase que eu tinha ouvido Mestre usar alguns dias antes quando ela lhe havia dado uma bronca por usar uma calça Levis - há uma norma rígida contra os jeans na Academia.

Mas a irmã Ernestine não engoliu. Informou que eu podia ir para casa e trocar de roupa ou poderia me

sentar em sua sala e ajudar a corrigir as provas de matemática da segunda série até minha mãe chegar com uma calça para mim.

Ah, isso não seria tão embaraçoso.

107

Dada a alternativa, optei por ir para casa e trocar de roupa - apesar de ter argumentado enfaticamente a favor da Sra. Johnson e suas criações. Mas uma saia com a bainha a mais de oito centímetros acima do joelho não é considerada roupa adequada para a Academia. E minha saia, infelizmente, ficava a mais de dez centímetros acima dos joelhos. Sei disso porque a irmã Ernestine pegou uma régua e me mostrou. E também ao resto da turma de segundo ano.

E então foi isso, com um aceno para Cee Cee e Adam, que estavam liderando os gritos de encorajamento da turma para mim - que felizmente abafaram as zombarias de Dunga e seus amigos - pus a mochila nos ombros e saí da escola. Claro que tinha de andar até em casa, já que não podia encarar a indignidade de ligar para Andy pedindo carona, e ainda não tinha deduzido se havia algum tipo de transporte público em Carmel.

Não me sentia muito frustrada. Afinal de contas, o que eu tinha pela frente? Ah, só o padre Dominic me dando uma bronca por não ter lhe contado sobre Jesse. Acho que eu poderia tê-lo distraído dizendo como ele estivera errado com relação ao pai de Tad ser um vampiro - ele só acha que é - e contando o que Cee Cee tinha descoberto sobre o irmão, Marcus. Isso certamente o teria tirado do meu pé... pelo menos durante um tempo.

Mas e daí? Então alguns ambientalistas tinham desaparecido? Isso não prova nada. Então uma defunta tinha me dito que um tal de Sr. Beaumont a havia matado?

Ah, é, isso é um bom argumento para o tribunal, certo.

Não era muito. Na verdade nós não tínhamos nada. Chongas. Zero.

E era isso que eu estava me sentindo enquanto andava. Um enorme zero de minissaia.

Como se a pessoa encarregada do clima concordasse comigo sobre meu status de fracassada, estava meio que chovendo. Todas as manhãs eram nevoentas ao longo da costa no norte da Califórnia. A névoa chegava do mar e se acomodav a na baía até o sol evaporá-la.

Mas nessa manhã, além da névoa, havia uma garoa caindo. A princípio não era tão ruim, mas eu não tinha ido além do portão da escola quando meu cabelo começou a encaracolar. Depois de todo o tempo que eu tinha passado de manhã alis ando. Claro que eu não tinha um guarda -chuva. Nem parecia ter muita opção. Ia virar uma doida encharcada e encaracolada depois de andar os três quilômetros - principalmente morro acima - até em casa, e era o fim.

Ou pelo menos eu pensava. Porque enquanto e stava chegando ao portão da escola um carro veio passando por ele e reduziu a velocidade.

Era um carro legal. Era um carro caro. Era um carro preto com vidro fumê.

Enquanto eu olhava, uma das janelas baixou e um rosto familiar me espiou do banco de trás.

- Srta. Simon - disse Marcus Beaumont em tom agradável. - Exatamente quem eu estava procurando.

Podemos trocar uma palavrinha?

108

E ele abriu a porta, me convidando, chamando para sair da chuva.

Cada um dos meus neurônios de mediadora disparou imediatamente. P erigo, gritaram eles. Corra com tudo, berraram.

Eu não podia acreditar. Tad tinha feito. Tad tinha perguntado ao tio o que eu quis dizer.

E Marcus, em vez de desconsiderar a coisa, tinha vindo à minha escola num carro com janelas de vidro fumê para "trocar uma palavrinha" comigo.

Eu estava ferrada.

Mas antes que tivesse a chance de girar e correr de volta para a escola, onde eu sabia que estaria em segurança, as portas do seda n de Marcus Beaumont se abriram e dois caras vieram para mim.

Deixe-me dizer em minha defesa que, no fundo, eu nunca pensei que Tad teria coragem de fazer aquilo. Puxa, Tad parecia um cara bem legal, e Deus sabia que ele era um beijador fantástico, mas não parecia ter muito recheio debaixo da cabeleira, se é que você me entende. E imagi no que é por isso que uma garota como Kelly Prescott o acha tão atraente: Kelly sempre foi esperta. Não gosta de competição nessa área.

Mas eu obviamente havia subestimado Tad. Não somente ele tinha procurado o tio como eu sugeri, mas evidentemente consegu iu levantar as suspeitas de Marcus de que eu sabia mais do que tinha dado a entender.

Muito mais, se é que os dois capangas que estavam me cercando, cortando qualquer possível fuga, serviam como indicação.

Com a opção de fuga praticamente anulada por aquel es dois palhaços, eu vi que teria de lutar. Não me considero uma incompetente no departamento de brigas.

Na verdade meio que gosto, se você ainda não percebeu. Claro, em geral eu luto contra fantasmas, e não com seres humanos vivos. Mas se você pensar bem, realmente não há muita diferença. Quero dizer, cartilagem nasal é cartilagem nasal.

Eu estava disposta a experimentar.

Isso pareceu meio surpresa para os capangas de Marcus. Dois rapazes fortões que pareciam mais acostumados a socar massa de pão do que ge nte, eles partiram para impressionar o chefe em grande estilo.

Pelo menos até eu largar minha bolsa de livros, puxar o pé por trás do joelho de um deles e jogá-lo no chão com um barulho de tremer o asfalto molhado.

Enquanto o Capanga n° 1 ficava olhando o céu nublado com cara surpresa, eu dei um chute excelente no

Capanga n° 2. Ele era alto demais para eu acertá -lo no nariz, mas tirei o fôlego do cara aplicando meu salto oito em sua costela. Deve ter doído, vou te contar. Ele saiu girando, perdeu o equilíbr io e caiu no chão.

Amador.

Então Marcus saiu do carro. Parou com a chuva batendo no cabelo louro e fofo e disse ao Capanga n° 2:

- Seu idiota.

Se você pensar bem, ele estava certo em se chatear. Puxa, ele tinha contratado os caras para me pegar e os caras estavam fazendo um péssimo serviço. Para mostrar como é difícil conseguir bons empregados hoje em dia.

Você pensaria que, com tudo isso acontecendo na frente de um belo ponto turístico como a Missão - para não mencionar a escola - alguém teria notado e ligado para a polícia. Você pensaria isso, não?

Mas se está pensando, obviamente não esteve na Califórnia quando chove. Não estou brincando, é que nem Nova York na véspera de ano novo: só os turistas se aventuram do lado de fora. Todo mundo fica em casa até q ue seja seguro sair.

Ah, uns dois carros zuniram a oitenta por hora numa área de velocidade máxima de quarenta. Eu esperava que um deles nos notasse e decidisse que dois caras contra uma garota não era jogo limpo - mesmo que a garota meio parecesse uma vagaba.

Mas nossa pequena escaramuça continuou por um tempo surpreendentemente longo até que Marcus - que aparentemente tinha percebido o que seus capangas não tinham: que eu não era exatamente uma típica estudante de colégio católico - cortou a coisa me dando um soco de direita no queixo, totalmente injusto.

Eu nem o vi chegando. Com a chuva e tudo, o cabelo estava grudando no rosto, obscurecendo a visão periférica. Eu estivera concentrada em aplicar um joelho na virilha do Capanga n° 1 - sua decisão de se levantar de novo tinha sido má idéia -

enquanto ficava de olho no Capanga n° 2, que estava tentando agarrar meu cabelo -

obviamente ele tinha cursado a escola Dunga de luta - e nem tinha notado que Marcus vinha na minha direção.

Mas de repente uma mão pesada pousou no meu ombro e me girou. Um segundo depois uma explosão soou na minha cabeça. O mundo balançou de modo enjoativo e eu senti cambalear. A próxima coisa que soube foi que estava dentro do carro e que os freios estavam guinchando.

- Ai - falei quando as estrelas recuaram o bastante. Levantei a mão e toquei o queixo. Nenhum dos dentes parecia frouxo, mas eu definitivamente teria um hematoma que não seria coberto nem mesmo por todo o Clinique do mundo. - Por que você teve de me acertar com tanta força?

Marcus simplesmente piscou para mim inexpressivamente, no banco ao lado. O

Capanga n° l dirigia e o Capanga n° 2 estava sentado ao lado dele no banco da frente.

A julgar por seus pescoços extremamente grossos, eles estavam infelizes. Não devia ser muito agradável ficar ali sentado com todas aquelas várias partes do corpo latejando de dor, com roupas molhadas e enlameadas. Felizmente minha jaqueta de couro havia me protegido do pior da chuva. Mas o cabelo

definitivamente era uma causa perdida.

Estávamos indo rápido pela estrada. A água escorria dos dois lados enquanto atravessávamos o que havia se tornado um aguaceiro firme. Não havia uma alma na 110

estrada além de nós. Vou lhe dizer, você nunca viu gente tão apavorada com um pouquinho de chuva quanto os californ ianos nativos. Terremotos? São fichinha. Mas basta uma sugestão de garoa e é hora de enfiar a cabeça entre os joelhos.

- Olha - falei. - Acho que você deveria saber de uma coisa. Minha mãe é repórter da WCAL em Monterey, e se alguma coisa acontecer comigo ela vai partir para cima de vocês como formigas em cima de um bolo açucarado.

Marcus, claramente entediado com minha pose, puxou a manga do paletó e olhou seu Rolex.

- Não vai - falou em voz chapada. - Ninguém sabe onde você está. Foi bem casual você ter saído da escola no momento em que nós estávamos chegando. Algum dos seus fantasmas - ele disse a palavra com um sarcasmo que eu imagino que ele tenha achado divertido - alertou você de que nós estávamos chegando? Com um muxoxo, murmurei:

- Não exatamente. - De jeito nenhum diria que tinha sido mandada para casa por violar o código de vestimenta da escola. Já era humilhação suficiente por um dia.

- E o que você estava fazendo ali? - perguntei irritada. - Quero dizer, você ia simplesmente entrar e me arrancar da aula com uma arma apontada na frente de todo mundo?

- Certamente não - disse Marcus com calma.

O que eu estivera esperando era que alguém - qualquer pessoa - tivesse visto Marcus me acertar e anotado o número de seu caríssimo carro Euro -lixo. A qualquer minuto sirenes poderiam começar a uivar atrás de nós. Os policiais não podiam estar com medo de uma chuvinha - se bem que, para dizer a verdade, eu não me lembro de ter visto os policiais Ponch e Jon, de Chi ps, saindo num aguaceiro.

Mantenha-o falando, pensei. Se ele estiver falando, não vai poder se concentrar em matar você.

- Então, qual é o plano?

- Se você quer saber, eu iria até o diretor para informar que as Indústrias Beaumont estavam interessadas em patrocinar a bolsa de um estudante neste ano, e que você era uma das nossas finalistas. - Marcus tirou um fiapo invisível da perna de sua calça. - Claro que nós exigiríamos uma entrevista pessoal, depois da qual pretendíamos levar você - a candidata - a um almoço de comemoração.

Revirei os olhos. A idéia de eu ganhar qualquer tipo de bolsa era risível. O cara obviamente não tinha visto minhas últimas notas de geometria.

O padre Dominic nunca teria me deixado sair com você. - Especialmente, pensei, depois de eu ter lhe dito o que havia acontecido chez Beau mont na véspera.

Ah, creio que deixaria. Eu estava planejando fazer uma doação considerável à sua pequena missão.

Tive de rir dessa. O cara obviamente não conhecia o padre D om - Não creio. E

mesmo que deixasse, você não acha que ele mencionaria que, na última vez em que 111

me viu, eu estava saindo de carro com você? Se os policiais por acaso o interrogassem, você sabe, depois de eu desaparecer.

- Ah, você não vai desaparecer, Srta. Simon.

Isso me surpreendeu.

- Não vou? - Então de que isso se tratava?

- Ah, não - garantiu Marcus em tom confidencial. – Não haverá a mínima dúvida sobre o que aconteceu com você.

- Seu cadáver vai ser achado bem depressa, imagino. 4

Capítulo 18

Isso era tudo que eu não queria ouvir. Nossa, você nem imagina como. - Olha -

falei rapidamente -, acho que você deve saber que eu deixei uma carta com uma amiga. Se alguma coisa acontecer comigo, ela vai procurar a polícia e entregar a carta.

Dei um sorriso ensolarado para ele. Claro que era tudo uma mentira enorme, mas ele não sabia. Ou talvez soubesse.

- Não creio - falou educadamente.

Dei de ombros, fingindo não me importar.

- O enterro é seu.

- Você realmente não deveria ter dado a dica ao garoto - disse Marcus, enquanto eu estava ocupada tentando ouvir sirenes. - Foi o seu primeiro erro, você sabe.

E não é que eu sabia mesmo?

- Bem, eu achei que ele tinha o direito de saber o que seu próprio pai estava armando.

Marcus me olhou um pouco desapontado.

- Não foi isso que eu quis falar - disse Marcus, e havia apenas um leve desprezo em sua voz.

- Então o quê? - Arregalei os olhos o máximo possível.

- A Pequena Srta. Inocente.

- Eu não tinha certeza de que você sabia sobre mim, claro - prosseguiu Marcus, quase amigavelmente. - Pelo menos até você tentar fugir ali na frente da escola. Esse, claro, foi seu segundo erro. Seu medo evidente de mim foi uma clara evidência.

Porque então não houve dúvida de que você sabia mais do que era bom para sua saúde.

- É, mas olha - falei em minha voz mais razoável. – O que foi que você disse ontem à noite? Quem vai acreditar na palavra de uma delinqüente juvenil de dezesseis anos como eu contra a de um empresário grande e importante como você?

Quero dizer, fala sério. Você é amigo do governador, imagine só.

- E sua mãe - lembrou Marcus - é uma repórter da WCAL, como você observou.

Eu e minha boca grande.

O carro, que não tinha dado sinais de diminuir a velocidade até aquele ponto, começou a fazer uma curva na estrada. Percebi de repente que estávamos na Seventeen Mile Drive.

113

Nem pensei no que eu estava fazendo. Simplesmente estendi a mão para a maçaneta e a próxima coisa que vi foi um parapeito vindo na minha direção, e água de chuva e cascalho batendo na minha cara.

Mas em vez de rolar para fora do carro, na direção daquele parapeito - abaixo do qual eu podia ver as ondas do Mar Inquieto se chocando contra pedras na base do penhasco - fiquei onde estava. Isso porque Marcus agarrou as costas do meu casaco de couro e não quis soltar.

- Não tão depressa - disse ele, tentando me puxar de volta para o banco.

Mas eu não ia desistir tão fácil. Girei - muito ágil em minha saia de Lycra - e tentei bater com o salto da bota em sua cara. Infelizmente os reflexos de Marcus eram tão bons quanto os meus, já que pegou meu pé e torceu muito dolorosamente.

- Ei - gritei. - Isso dói!

Mas Marcus apenas riu e me deu outro soco.

Vou te contar, a sensação não foi muito legal. Durante um ou dois minutos não pude ver muito bem. Foi durante esse tempo que demorou até minha visão se ajustar que Marcus fechou a porta do carro, que tinha cont inuado aberta, me puxou de volta para o lugar e prendeu o cinto de segurança. Quando meus globos oculares finalmente se ajustaram nas órbitas, olhei para baixo e vi que ele estava me segurando com força, principalmente agarrando um punhado do meu conjunto de suéter.

- Olá - falei debilmente. - Isso é caxemira, você sabe.

- Eu solto se você prometer que vai ser razoável.

- Acho que é perfeitamente razoável tentar fugir de um cara como você.

Marcus não pareceu muito impressionado com minha abordagem sensata.

- Você não pode imaginar que eu vou deixá -la ir – disse ele. - Eu tenho de me preocupar com o controle dos danos.

- Quero dizer, não posso deixar você sair contando às pessoas sobre minhas...

hum... técnicas especiais de solucionar problemas.

- Não há nada de especial no assassinato - informei.

Marcus continuou, como se eu não tivesse falado:

- Historicamente, você entende, sempre houve alguns poucos ignorantes que insistiram em ficar no caminho do progresso. Essas são as pessoas que eu fui obrigado a... realocar.

- É. Para a sepultura.

Marcus deu de ombros.

-Uma infelicidade, certamente, mas mesmo assim necessária. De qualquer modo, para avançarmos como civilização, ocasionalmente alguns poucos selecionados devem se sacrificar...

114

- Duvido que a Sra. Fiske concorde com quem você escolheu para ser sacrificado - interrompi.

- O que pode parecer uma melhoria para uns, para outros pode parecer uma orgia de destruição...

- Como a aniquilação de nosso litoral natural por parasitas loucos por dinheiro como você?

Bem, ele já tinha dito que ia me matar. Eu não achei que importaria se eu fosse educada ou não.

- E assim, para que o progresso aconteça – continuou ele como se não tivesse me ouvido - alguns simplesmente têm de ser privados.

- Privados da vida? - olhei-o irada. - Cara, vou lhe dizer uma coisa. Sabe seu irmão, o aspirante a vampiro? Você é tão doente quanto ele.

Exato naquele momento o carro virou na entrada da casa do Sr. Beaumont. O

guarda no portão acenou enquanto nós passávamos, ainda que não pudesse me ve r pela janela de vidro fumê. Provavelmente não tinha idéia de que dentro do carro de seu chefe havia uma adolescente em vias de ser executada. Ninguém - ninguém -

pensei, sabia onde eu estava: nem minha mãe, nem o padre Dominic, nem Jesse -

nem mesmo o meu pai. Eu não tinha idéia do que Marcus havia planejado para mim, mas o que quer que fosse, eu suspeitava de que não gostaria muito... especialmente se isso me levasse para onde tinha levado a Sra. Fiske.

O que eu estava começando a achar que provavelmente aconteceria.

O carro parou. Os dedos de Marcus apertaram a parte de cima do meu braço.

- Venha - disse ele, e começou a me arrastar pelo banco para o seu lado, onde a porta estava aberta.

- Espera um minuto - falei, num último esforço para convencê-lo de que poderia ser perfeitamente razoável se tivesse o incentivo correto. Por exemplo, ser morta. - E se eu prometesse não contar a ninguém?

- Você já contou a alguém - lembrou Marcus. - Meu sobrinho, Tad, lembra?

- Tad não vai contar a ninguém. Ele não pode. Ele é seu parente. Não tem permissão de testemunhar contra os próprios parentes no tribunal, ou sei lá. - Minha cabeça ainda estava tonta pelo soco de Marcus, por isso eu não me sentia muito lúcida. Mesmo assim tentei ao máximo ser razoável com ele. - Tad é um superguardador de segredo.

- Em geral os mortos são.

Se eu não estivesse apavorada antes - e definitivamente estava -, agora me sentia superapavorada. O que

ele quis dizer com isso? Quis dizer... quis dizer que Tad não falaria porque estaria morto? E sse cara ia matar o próprio sobrinho? Por causa do que eu tinha dito a ele?

115

Não podia deixar que isso acontecesse. Eu não tinha idéia do que Marcus pretendia fazer comigo, mas de uma coisa estava certa: Ele não ia pôr um dedo no meu namorado.

Ainda que naquele momento em particular eu não fizesse idéia de como ia impedi-lo.

Enquanto Marcus me puxava, falei com seus capangas:

- Só quero agradecer a vocês por terem me ajudado. Vocês sabem, considerando que eu sou uma garota indefesa e que esse cara é um assas sino a sangue-frio, e coisa e tal. Verdade, vocês foram fantásticos...

Marcus me deu um puxão e eu fui voando pelo carro até ele.

- Epa - falei quando achei os pés. - Para que pegar pesado?

- Não vou me arriscar - disse Marcus, mantendo o aperto de ferro n o meu braço enquanto me arrastava até a porta da frente da casa. - Você se mostrou um problema muito maior do que eu tinha previsto.

Antes que eu tivesse tempo para digerir o elogio, Marcus tinha me arrastado para casa enquanto atrás de nós os capangas saí am do carro e nos seguiam... só para o caso, imaginei, de que eu subitamente me soltasse e tentasse uma fuga tipo La Femme Nikita.

Dentro da casa dos Beaumont - pelo que eu podia ver, na velocidade com que Marcus me arrastava - as coisas estavam como da úl tima vez em que eu tinha ido ali.

Não havia sinal do Sr. Beaumont - provavelmente estava na cama se recuperando de meu ataque brutal na véspera. Coitado. Se eu soubesse que era Marcus o parasita sugador de sangue, e não o irmão, teria mostrado alguma compa ixão para com o velho.

O que me lembrou.

- E o Tad? - perguntei enquanto Marcus me arrastava pelo pátio, onde a chuva batia na piscina, fazendo centenas de pequenos borrifos e milhares de ondulações. –

Onde você trancou ele?

- Você vai ver - garantiu Marcus enquanto me puxava para o pequeno corredor onde ficava o elevador para a sala do Sr. Beaumont.

Ele abriu a porta do elevador e me empurrou para dentro, depois entrou também. Seus capangas assumiram posição no corredor, já que não havia espaço para eles e seus músculos. Fiquei feliz, porque o paletó de lã do Capanga n° 1 estava começando a feder a um pouco maduro demais.

De novo tive a sensação de movimento, mas não podia perceber se era para baixo ou para cima. Enquanto seguíamos, tive a chance de examina r Marcus de perto.

Era engraçado, mas ele realmente parecia um cara comum. Poderia ter sido qualquer pessoa, um agente

de viagens, um advogado, um médico.

Mas não. Era um assassino.

- Sua mãe devia sentir muito orgulho!

- Sabe - observei -, quando minha mãe descobrir sobre isso, as Indústrias Beaumont vão afundar. Muito.

- Ela não vai ligar sua morte às Indústrias Beaumont.

- Ah, é? Meu chapa, vou lhe dizer uma coisa. No minuto em que meu cadáver mutilado for encontrado, minha mãe vai virar aquela criatura do Aliens 2. Você sabe, aquele filme em que a Sigourney Weaver entra naquele negócio tipo uma empilhadeira. E aí... Você não vai ser mutilada. - Marcus obviamente não era fã de cinema. Abriu a porta do elevador e eu vi que estávamos de volta onde tudo iss o havia começado, na sala assustadora do Sr. Beaumont.

- Você vai se afogar - disse ele satisfeito.

117

Capítulo 19

- Aqui.

Aplicando uma pressão firme nas minhas costas, Marcus tinha me guiado para o meio da sala. Rodeou a mesa, enfiou a mão numa gaveta e tirou uma coisa vermelha e sedosa. Jogou para mim.

Com meus reflexos rápidos como o raio, eu peguei, larguei, depois peguei e olhei com atenção. A não ser pelas luzes no fundo do aquário, a sala estava escura.

- Vista - disse Marcus.

Era uma roupa de banho. Um maiô Speedo. Joguei -o em cima da mesa de Red Beaumont como se tivesse queimado meus dedos.

- Não, obrigada. Alças cruzadas não caem bem em mim. Marcus suspirou. Seu olhar se desviou para a parede à minha direita.

- Tad não foi tão difícil de ser per suadido como você.

Girei. Tad estava esticado num sofá de couro que eu não tinha notado antes.

Dormindo ou inconsciente. Meu voto era por inconsciente, já que a maioria das pessoas não dorme com roupa de banho.

Isso mesmo: Tad estava pelado, a não ser pelo calção de banho em que eu tinha tido a sorte de vê-lo antes.

Virei-me de novo para o seu tio Marcus.

- Ninguém vai acreditar - falei. - Quero dizer, está chovendo lá fora. Ninguém vai acreditar que a gente foi nadar num tempo assim.

- Vocês não vão nadar. - Marcus tinha ido até o aquário e bateu no vidro para atrair a atenção de um anjo -do-mar.

- Vocês vão pegar o iate do meu irmão e vão andar de jet-ski.

- Na chuva?

Marcus me olhou cheio de pena.

- Você nunca andou de jet-ski antes, andou?

- Na verdade, não. Prefiro manter os pés, sempre que possível, em terra seca.

De preferência calçados com Prada, mas aceito Nine West.

- A água fica particularmente agitada num tempo assim - explicou Marcus cheio de paciência. - Quem é bom em jet-ski, como o meu sobrinho, nunca se farta das ondas. É o tipo perfeito de atividade para um casal de adolescentes que buscam empolgação e mataram aula para desfrutar a companhia um do outro... e que, claro, nunca vão voltar à terra. Bem, pelo menos vivos.

Marcus suspirou e foi em frente:

- Veja bem, é lamentável, mas Tad se recusa a usar colete salva -vidas quando vai para a água. Atrapalha os movimentos. E acho que convenceu você a ir sem um também.

- Vocês dois vão se afastar muito do barco, uma onda particularmente forte vai derrubá-los e... Bem, as correntes provavelmente vão acabar jogando seus corpos sem vida em terra... - Ele puxou a manga e olhou de novo o relógio.

Eu tenho um almoço com um cavalheiro que quer me vender uma propriedade que seria perfeita para um Chuck E. Cheese.

- Você não pode matar seu próprio sobrinho. – Minha voz ficou esganiçada.

Estava me sentindo... bem, cheia de pavor. - Puxa, não acho que uma coisa dessas vá deixar você muito popular na festa de Natal na casa da vovó.

A boca de Marcus se firmou numa linha séria.

Talvez você não tenha entendido. Como acabei de me esforçar muito para explicar, Srta. Simon, sua morte, bem como a do meu sobrinho, vai parecer um trágico acidente.

- Foi assim que você se livrou da Sra. Fiske? Acidente com jet-ski?

- De jeito nenhum - disse ele revirando os olhos. – Eu não estava interessado em que o corpo dela fosse encontrado. Sem corpo não há p rova de que ocorreu um assassinato, correto? Agora seja uma boa menina e...

- É assim que você se diverte? - Olhei-o irritada. – Você é mesmo um doente. E, para sua informação, eu não vou tirar nada. Quem encontrar este corpo vai encontrá -

lo totalmente vestido, muito obrigada.

- Ah, desculpe - disse ele. Na verdade o sujeito parecia sincero. - Claro que você gostaria de um pouco de p rivacidade para trocar de roupa. Terá de me perdoar.

Faz muito tempo desde que eu fiquei na companhia de uma jovem tão recatada. - Seu olhar baixou vilmente até a minha minissaia.

Mais do que nunca, senti vontade de enfiar um polegar em seus olhos. Mas estava com a impressão de que ele poderia me deixar sozinha por um minuto. E era tentador demais para resistir. Por isso apenas fiquei ali, tentando invocar um rubor.

- Acho que posso lhe dar cinco minutos - disse ele com um suspiro. Depois voltou para o elevador. - Só lembre, Srta. Simon, que eu vou pôr você nesse maiô de um jeito ou de outro. Veja bem, claro, o que o pobre Tad escolheu.

- Ele assentiu para o sofá. - Seria mais simples e menos doloroso para você a longo prazo, se você

mesma o vestisse e me poupasse o trabalho.

Ele fechou a porta do elevador.

Realmente havia alguma coisa estranha com o sujeito, decidi. Quero dizer, ele tinha acabado de abrir mão da chance de ver uma gata como eu peladinha. O cara sem dúvida tinha um prato de macarrão no lugar d o cérebro.

Bem, pelo menos foi o que eu disse a mim mesma.

119

Sozinha na sala do Sr. Beaumont - a não ser por Tad e os peixes, nenhum dos quais parecia muito comunicativo no momento, comecei imediatamente a tentar descobrir um jeito de escapar. As janelas, eu sabia, eram inúteis. Mas havia um telefone na mesa do Sr. Beaumont. Peguei -o e comecei a digitar o número.

- Srta. Simon - a voz de Marcus, vindo pelo aparelho, pareceu divertida. - É um telefone interno. Você não imagina que deixaríamos o pai de Tad dar qualquer telefonema para fora em seu estado, imagina? Por favor, apresse -se e troque de roupa.

Ele desligou. Eu também.

Meio minuto desperdiçado.

A porta do elevador estava trancada. Assim como a porta do outro lado da sala.

Tentei chutá-la, mas ela era feita de algum tipo de madeira realmente grossa e não cedeu.

Decidi voltar a atenção para as janelas. Enrolando a ponta de uma cortina de veludo no punho, soquei alguns vidros, depois tentei bater o pé contra um dos postigos de madeira.

Não adiantou. Eles pareciam ter sido pregados.

Restavam três minutos.

Olhei em volta procurando uma arma. Decidi que meu plano, já que a fuga era impossível, era subir na estante atrás da porta do elevador. Quando Marcus viesse eu pularia em cima dele e encostaria um objeto po ntudo em sua garganta. Depois iria usá-lo como refém para passar pelos dois capangas.

Certo, era meio Xena, a princesa guerreira. Ei, mas era um plano, certo? Eu nunca disse que era um plano bom. Só era o melhor que eu pude inventar nas circunstâncias. Quero dizer, ninguém ia aparecer de repente para me resgatar. Eu não via como alguém poderia fazer isso - a não ser Jesse, talvez, que era perfeito para atravessar paredes e coisas do tipo.

Só que Jesse não sabia que eu precisava dele. Não sabia que eu estava encrencada. Nem sabia onde eu estava.

E eu não tinha como avisar.

Decidi que um pedaço de vidro seria uma arma excelente, muito ameaçadora, por isso procurei um de aparência particularmente letal em meio à bagunça que eu tinha feito sob as janelas do Sr. Beaumont.

Dois minutos.

Segurando o caco de vidro - desejando estar com minhas luvas de caça -

fantasma para não me cortar - subi na estante, o que não era fácil com sapatos de salto oito.

Um minuto e meio.

Olhei para Tad. Ele estava frouxo como uma boneca d e pano, o peito nu subindo e descendo num movimento vagaroso, rítmico. Na verdade era um peito bem 120

legal de se olhar. Não tão bonito, talvez, quanto o de Jesse. Mas mesmo assim, apesar de seu tio ser um assassino, e de seu pai ser o astro máximo do hospíci o - para não mencionar toda a coisa do basquete - eu não acharia ruim encostar a cabeça nele. No peito, quero dizer. Você sabe, em outras circunstâncias, sendo uma delas Tad estar consciente.

Mas nunca teria essa chance se não conseguisse que nós dois saís semos vivos.

Não havia qualquer som na sala, além da respiração constante de Tad e do borbulhar do aquário.

O aquário.

Olhei o aquário. Ele cobria a maior parte de uma parede da sala. Como aqueles peixes eram alimentados?, pensei. O tanque era embutido na parede. Eu não podia detectar nenhum alçapão conveniente pelo qual alguém pudesse botar comida. O

tanque tinha de ser acessado pela sala ao lado.

A sala em que eu não podia entrar porque a porta estava trancada.

A não ser que.

Trinta segundos.

Pulei da estante e comecei a ir para o aquário.

Pude ouvir o elevador começando a zumbir. Marcus, bem na hora, estava voltando. Não preciso dizer que eu não tinha posto o maiô como uma boa menina. Se bem que peguei-o - junto com a cadeira giratória que estivera atrás da mesa do Sr.

Beaumont - enquanto ia para o aquário.

O zumbido do elevador parou. Ouviu a maçaneta girar. Continuei andando. As rodinhas da cadeira faziam barulho no chão de parque.

A porta do elevador se abriu. Marcus, vendo que eu não tinha feito o que ele havia pedido, balançou a cabeça.

- Srta. Simon - disse ele, num tom desapontado. – Estamos sendo difíceis?

Posicionei a cadeira giratória na frente do aquário. Depois levantei um pé e o equilibrei em cima do assento. Num dos dedos segurei o maiô pendu rado.

- Desculpe - falei. - Mas cor de morto nunca foi a minha predileta.

Então peguei aquela cadeira e joguei com toda a força contra o aquário gigante.

121

Capítulo 20

A próxima coisa que percebi foi um estrondo tremendo. Depois uma parede de água, vidro e vida marinha exótica veio na minha direção.

Aquilo me jogou de costas. Um maremoto me acertou com o peso de um trem de carga, jogando-me no chão e depois me esmagando contra a parede mais distante da sala. Fiquei sem fôlego deitada por um segundo, ench arcada, tossindo água salobra, parte da qual engoli acidentalmente.

Quando abri os olhos tudo que podia ver eram peixes. Peixes grandes, peixes pequenos, tentando nadar nos seis centímetros de água no chão de madeira, abrindo e fechando a boca numa tentati va patética de agarrar mais alguns segundos de vida.

Um peixe em particular tinha parado perto de mim e me encarava com olhos quase tão vítreos e sem vida quando os de Marcus quando havia me explicado como pretendia me matar.

Então uma voz muito familiar a travessou meus pensamentos atordoados com os paradoxos da vida e da morte.

- Suzannah?

Levantei a cabeça e fiquei extremamente surpresa ao ver Jesse parado acima de mim, com uma expressão muito preocupada no rosto.

- Ah. Oi. Como chegou aqui?

- Você me chamou.

Como eu podia ter pensado que qualquer cara, até mesmo Tad, seria tão gato quanto Jesse, imaginei enquanto estava ali olhando-o. Tudo, desde a cicatriz minúscula na sobrancelha até o modo como o cabelo escuro se encaracolava na nuca, era perfeito, como se Jesse fosse o molde original para o arquétipo do gato.

E também era educado. Os modos do velho mundo eram os únicos que ele conhecia. Inclinou-se e me ofereceu a mão...sua mão esguia, morena, completamente livre de sumagre-venenoso.

Estendi a minha. Ele me ajudou a ficar de pé.

- Você está bem? - perguntou, provavelmente porque eu não estava falando bobagem como sempre.

- Estou - falei. Encharcada e fedendo a peixe, mas bem.

- Mas eu não chamei você.

Do canto oposto da sala veio um rosnado muito baixo. Marcus estava lutando para ficar de pé, mas ficava escorregando na água e nos peixes.

- Por que diabos você fez isso? - perguntou.

122

Na verdade eu não podia lembrar. Acho que talvez, quando a água me acertou, eu tenha batido a cabeça em alguma coisa. Uau, pensei. Amnésia. Legal. Com

certeza vou me livrar da prova de geometria de amanhã.

Então meu olhar caiu sobre Tad - ainda dormindo pacificamente no sofá, com um peixe exótico se sacudindo na agonia da morte em suas pernas nuas - e lembrei.

- Ah, é. O tio de Tad, Marcus, estava tentando nos matar. Iria nos matar, se eu não impedisse.

Não sei se estava pensando direito. Tudo que podia lembrar de antes que a água nos acertasse era que era importante, por algum motivo, que eu fosse para o outro lado daquele aquário.

Por isso atravessei toda aquela água - pensando comigo mesma: minhas botas estão totalmente arruinadas - e subi no que agora era apenas uma plataforma elevada, como um palco, diante de um mar de caudas de peixes se debatendo. As luzes do aquário, ainda enterradas no cascalho colorido do fundo, me iluminavam.

- Suzannah - ouvi Jesse dizer. Ele tinha me acompanhado e agora estava me olhando curiosamente. - O que você está fazendo?

Ignorei-o - e ignorei Marcus também, que ainda estava xingando enquanto tentava atravessar a sala sem arruinar seus Cole -Haans mais do que já estavam.

Parei dentro do aquário arruinado e olhei para cima. Como tinha suspeitado, os peixes eram alimentados de uma sala atrás do tanque... uma sala onde havia apenas equipamento de manutenção de aquário. A porta trancada da sala do Sr. Beaumont levava a esse cômodo. Não havia outra forma de sair.

Não que agora importasse, claro.

- Desça daí. - Marcus estava realmente furioso. – Desça daí, por Deus, ou eu subo e pesco você...

Me pesca. Isso pareceu meio engraçado nas circunstâncias. Comecei a rir.

- Suzannah - disse Jesse. - Eu acho... Veremos até quando você vai rir - berrou Marcus - quando eu acabar com você, sua vaca estúpida.

Parei de rir de repente.

- Suzannah - disse Jesse. Agora ele realmente parecia preocupado.

- Não se preocupe, Jesse - falei numa voz perfeitamente calma. - Eu tenho tudo sob controle.

- Jesse? - Marcus olhou em volta. Não vendo mais ninguém na sala, além de Tad, falou: - É Marcus. Eu sou Marcus, lembra? Agora desça daí. Nós não temos mais tempo para estes jogos infantis...

Curvei-me e peguei uma das luzes do aquário, acesa na areia do fundo. Na forma de um pequeno farol, estava muito quente quando a toquei.

123

Percebendo que eu não iria até ele por vontade própria, M arcus suspirou e enfiou a mão no bolso do paletó, que agora estava molhado e fedorento. Teria de trocar de roupa antes do encontro para o almoço.

- Certo, quer brincar? - Marcus sacou do bolso do peito alguma coisa feita de metal brilhante. Percebi que era uma arma minúscula. Uma vinte e dois, pela aparência. Eu sabia por ter visto muitos episódios de Nova York contra o crime.

- Está vendo isso? - Marcus apontou o cano para mim.

- E não quero ter de atirar em você. O legista costuma suspeitar quando as vítimas de afogamento têm ferimentos de bala. Mas nós sempre podemos deixar as hélices desmembrarem você, de modo que ninguém note. Talvez só a sua cabeça seja jogada em terra. Sua mãe não adoraria isso? Agora largue essa luminária e vamos.

Levantei-me, mas não larguei a luminária. Ela veio comigo, junto com o fio preto, emborrachado, que passava por baixo da areia.

- Isso mesmo - disse Marcus, parecendo satisfeito.

- Largue a luminária e vamos.

Parado na água ao lado do aspirante a meu assassino, Jesse parecia extremamente interessado no que estava acontecendo, e falou:

- Suzannah, isso que ele está segurando é uma arma.

- Você quer que eu...

- Não se preocupe, Jesse - falei me aproximando da beira do aquário, onde antes houvera uma parede de vidro, isto é, ant es de eu tê-la quebrado. - Está tudo sob controle.

- Quem, diabos, é Jesse? - Eu percebi que Marcus estava ficando irritado. - Não existe nenhum Jesse aqui. Agora largue a luminária e vamos...

Fiz o que ele disse. Bem, mais ou menos. Isto é, enrolei na mão esquerda o fio que estava preso à luminária. Depois, com a outra mão, puxei a luminária de modo que o fio saiu da parte de trás do soquete.

Depois fiquei ali segurando a luminária numa das mãos e o fio esgarçado na outra.

- Fantástico - disse Marcus. - Você quebrou a luminária.

Realmente me mostrou. Agora - sua voz subiu de volume -, desça aqui!

Fui até a beira do tanque.

- Eu não sou estúpida - informei a Marcus.

Ele sinalizou com a arma.

- Tanto faz. Só...

- E - acrescentei - não sou uma vaca.

Os olhos de Marcus se arregalaram. De repente ele percebeu o que eu ia fazer.

124

- Não! - gritou.

Mas era tarde demais. Eu já tinha jogado o fio na água salgada aos pés de Marcus.

Houve um brilhante clarão azul e um monte de estalos. Marcus gritou.

E então fomos jogados na escuridão impenetrável.

125

Capítulo 21

Bem, certo, não era realmente impenetrável. Eu ainda podia ver Jesse, brilhando daquele seu jeito.

- Isso foi muito impressionante, Suzannah - disse ele olhando para Marcus que gemia.

- Obrigada - falei, satisfeita por ter obtido sua aprovação.

Isso acontecia muito raramente. Fiquei feliz por ter ouvido Mestre durante uma de suas recentes palestras sobre segurança elétrica.

Agora você crê que pode me contar exatamente o que está acontecendo aqui? -

perguntou Jesse oferecendo-me a mão enquanto eu descia do aquário. - Aquele ali no sofá é o seu amigo Tad?

- Ahã. - Antes de descer eu me abaixei, procurando o fio no chão. - Venha aqui, certo, para eu poder... - O brilho de Jesse, por mais sutil que fosse, logo revelou o que eu estava procurando. - Não importa. - Puxei o fio de volta para o aquário. - Só para o caso de eles religarem o disjuntor antes de eu sair daqui - falei, levantando-me e saindo do aquário.

- Eles quem? Suzannah, o que está acontecendo aqui?

- É uma longa história. E não vou ficar aqui para contar. Quero estar longe quando ele tiver acordado – assenti para Marcus, que agora estava gemendo mais alto.

- Ele tem dois compadres de pescoço grosso esperando por mim, também, para o caso... - parei.

Jesse me olhou interrogativamente.

- O quê?

- Está sentindo esse cheiro?

Pergunta idiota. Quero dizer, afinal de contas, o cara está morto. Será que os fantasmas sentem cheiro? Aparentemente sim, porque ele disse:

- Fumaça.

Apenas uma palavra, mas ela fez um arrep io descer pela minha coluna. Ou isso ou um peixe tinha entrado no meu suéter.

Olhei para o aquário. Para além dele pude ver um brilho rosado emanando da sala contígua. Como eu havia suspeitado, ao dar um gigantesco choque elétrico em Marcus eu tinha conseguido provocar uma fagulha no painel de circuitos.

Aparentemente o fogo se espalhou para as paredes em volta. Dava para ver as primeiras línguas minúsculas de chamas laranja saltando de trás do lambri.

- Fantástico - falei. O elevador era inútil sem eletric idade. E, como eu sabia muito bem, não havia outra saída da sala.

Mas Jesse não era tão derrotista quanto eu.

- As janelas - disse ele, e correu para elas.

- Não adianta. - Eu me encostei na mesa do Sr. Beaumont e peguei o telefone interno. Desligado, como eu esperava. - Elas são pregadas.

Jesse olhou para mim por cima do ombro. Pareceu achar divertido.

- E daí? - perguntou.

- E daí - eu bati com o fone. - Pregadas, Jesse. Tipo impossível de abrir.

- Para você, talvez. - Ao mesmo tempo em que dizia, os postigos de madeira perto da janela mais próxima começaram a tremer malignamente como se sopradas por um vendaval invisível. - Mas não para mim.

Olhei impressionada.

- Que coisa, moço - falei. - Eu tinha esquecido dos seus super-poderes.

O olhar de Jesse passou de divertido para confuso.

- Meus o quê?

- Ah. - Parei com a imitação que eu estava fazendo de um garoto de um episódio do Superman.

- Não faz mal.

Acima do som de pregos gritando como se fossem apanhados na zona de sucção de um tornado classe 5, ouvi pe ssoas gritando. Olhei para o elevador. Os capangas, aparentemente preocupados com o bem - estar do patrão, estavam berrando o nome dele para dentro do poço.

Acho que não podia culpá-los. A fumaça ia enchendo constantemente a sala.

Eu pude ouvir pequenas erup ções agora enquanto substâncias químicas

-

provavelmente de natureza perigosa - usadas para manter o aquário do Sr. Beaumont explodiam em chamas no cômodo ao lado. Se não saíssemos logo, eu tinha a sensação de que estaríamos todos inalando alguns vapores b astante tóxicos.

Felizmente naquele momento os postigos voaram, primeiro numa e depois em outra janela, com toda a força como se um furacão as tivesse subitamente arrancado.

Blam! E depois blam de novo. Eu nunca tinha visto algo assim, nem mesmo no Discovery Channel.

A luz cinzenta entrou. Percebi que ainda estava chovendo lá fora.

Não importava. Acho que nunca fiquei tão feliz em ver o céu, mesmo estando com nuvens escuras daquele jeito. Corri para a janela mais próxima e olhei para fora, forçando a vista por causa da chuva.

Vi que estávamos no último andar da casa. Abaixo de nós ficava o pátio...

E a piscina.

127

Os gritos no poço do elevador estavam mais fortes. Parecia que quanto mais densa ficava a fumaça, mais frenéticos os capangas se tornavam. Que Deus n ão permitisse que um deles ligasse para o 911. Mas, considerando as escolhas profissionais que tinham feito, esse número provavelmente não tinha muito apelo para eles.

Medi a distância entre onde eu estava e a parte funda da piscina.

- Não pode ter mais de seis metros. - Observando meus cálculos, Jesse assentiu para Marcus. - Vá você. Eu cuido dele. - Seus olhos escuros se viraram para o poço do elevador. - E deles, se fizerem algum progresso.

Não perguntei o que ele queria dizer com "cuido". Não precisava. A luz perigosa em seus olhos dizia tudo.

Olhei para Tad. Jesse acompanhou meu olhar, depois revirou os olhos, onde a luz perigosa tinha se extinguido. Ele murmurou alguma coisa em espanhol.

- Bem, eu não posso simplesmente deixá -lo aqui - falei.

- Não.

E foi assim que, alguns segundos depois, apoiado por mim mas transportado pela ligação telecinética de Jesse, Tad terminou empoleirado no parapeito de uma das janelas que Jesse tinha arrombado para mim.

O único modo de colocar Tad na piscina - e em segurança - era jogá-lo da janela. Esse já era um empreendimento suficientemente arriscado sem ter um inferno chamejando na sala ao lado, e assassinos de aluguel descendo. Eu tinha de me concentrar. Não queria nada malfeito. E se eu errasse e ele batesse no pátio? Tad podia quebrar o pescoço cheio de erupção de sumagre venenoso.

Mas eu não tinha muita escolha. Era transformá -lo numa possível panqueca ou deixá-lo virar churrasco de verdade. Optei pela possível panqueca, pensando que era mais provável ele se curar de um crânio rachado do que de queima duras de terceiro grau a tempo para o baile de formatura e, depois de mirar do melhor modo possível, soltei-o. Ele caiu para trás, como um homem rã mergulhando da lateral de um barco, girando uma vez no céu e fazendo o que Dunga chamaria de um mortal invertido bem sinistro (Dunga é um ávido praticante de snowboard - ainda que sem talento).

Felizmente o mortal invertido sinistro de Tad terminou com ele flutuando de costas na parte funda da piscina de seu pai.

Claro, para garantir que ele não se afogasse - pessoas inconscientes não são os melhores nadadores - eu pulei em seguida... mas não antes de dar uma última olhada em volta.

Marcus finalmente ia começando a recuperar a consciência. Estava tossindo um pouco por causa da fu maça e espadanando na água dos peixes. Jesse estava acima dele, olhando sério.

- Vá, Suzannah - disse ele quando notou que eu tinha hesitado.

Assenti. Mas ainda havia uma coisa que eu precisava saber.

128

- Você não vai... - Eu não queria, mas tinha de pergunt ar. - Você não vai matá-

lo, vai?

Jesse pareceu tão incrédulo como se eu tivesse perguntado se ele ia servir uma fatia de torta de queijo a Marcus. Falou:

- Claro que não. Vá.

Fui.

A água estava quente. Era como pular numa banheira gigante. Quando nadei até a superfície - o que, por sinal, não era exatamente fácil com botas - fui rapidamente para perto de Tad.

E descobri que a água o havia reanimado. Ele estava espadanando, confuso e tomando grandes goles de água. Bati em suas costas algumas vezes e o guiei até a beira da piscina, à qual ele se agarrou agradecido.

S... Sue - engasgou ele, perplexo. - O que você está fazendo aqui? - Então notou minha jaqueta de couro. – E por que não está usando roupa de banho?

- É uma longa história.

Depois disso ele pareceu ainda mais confuso, mas tudo bem. Achei que, com tanta coisa com a qual ele teria de lidar - seu pai sendo candidato ao Prozac, o tio um assassino em série - ele não precisava de todos os detalhes gosmentos imediatamente.

Em vez disso guiei-o até a parte rasa. Só estávamos ali há um minuto quando o Sr.

Beaumont abriu a porta deslizante e saiu.

- Crianças - disse ele. Estava usando um roupão de seda e chinelos. Parecia muito empolgado. - O que estão fazendo nessa piscina? Há um incêndio! Saiam da casa imediatamente.

Ao mesmo tempo em que ele dizia isso eu pude ouvir, à distância, o uivo de uma sirene. O corpo de bombeiros estava a caminho. Alguém tinha telefonado para o 911.

- Eu avisei ao Marcus sobre as ligações elétricas na minha sala - disse o Sr.

Beaumont, enquanto estendia uma grande toalha fofa para Tad. - Eu tinha a sensação de que havia um defeito. Meu telefone nunca fazia ligações externas.

Ainda de pé na água que ia até a cintura, acompanhei o olhar do Sr. Beaumont e me vi olhando para a janela de o nde eu tinha pulado. A fumaça saía dela. O

incêndio parecia contido naquela parte da casa, mas mesmo assim parecia bastante ruim. Imaginei se

Marcus e seus capangas teriam saído a tempo.

E então alguém subiu na janela e olhou para mim.

Não era Marcus. E também não era Jesse, se bem que essa pessoa tivesse uma luminosidade reveladora.

Era alguém que acenava alegre para mim.

A Sra. Deirdre Fiske.

129

Capítulo 22

Nunca mais vi Marcus Beaumont. Ah, pare de se preocupar: ele não bateu as botas. Claro, os bombeiros procuraram por ele, Eu disse que achei que havia pelo menos uma pessoa presa naquela sala em chamas, e eles fizeram o máximo para chegar a tempo de salvá-lo.

Mas não acharam ninguém. E nenhum resto humano foi descoberto pelos investigadores que entraram depois que o incêndio foi finalmente apagado. Acharam um monte de peixes queimados, mas nada de Marcus Beaumont.

Marcus Beaumont foi declarado oficialmente desaparecido.

Mais ou menos do mesmo modo, pensei, como suas vítimas tinham desaparecido. Ele simplesmente sumiu, no ar.

Um monte de pessoas ficaram perplexas com o desaparecimento do empresário proeminente. Semanas depois ain da saíam matérias sobre isso nos jornais locais e até uma menção numa rede de notícias a cabo. De modo interessante, a pessoa que mais sabia sobre os últimos momentos de Marcus Beaumont antes de ele desaparecer nunca foi entrevistada - muito menos interrogada - sobre o que poderia ter levado a esse estranho desaparecimento.

O que é provavelmente bom, considerando o fato de que ela t inha coisas mais importantes com que se preocupar. Por exemplo, ficar de castigo.

Isso mesmo. De castigo.

Se você pensar bem, a única coisa que eu fiz de realmente errada no dia em questão foi me vestir de modo um pouco menos conservador do que deveria. Sé rio.

Se eu fosse de Banana Republic em vez de Betsey Johnson, talvez nada disso tivesse acontecido. Porque aí eu não seria mandada para casa trocar de roupa e Marcus nunca teria posto as garras em mim.

Por outro lado, ele provavelmente ainda estaria por aí , enfiando ambientalistas em botas de cimento e jogando por cima da amurada do iate do irmão... ou sei lá como ele se livrava de todas aquelas pessoas sem ser apanhado. Nunca realmente consegui saber toda a história sobre isso.

De qualquer modo, fiquei de castigo, o que era totalmente injusto, se bem que não estava exatamente em condições de me defender... não sem contar a verdade e claro que não poderia fazer isso.

Acho que você pode imaginar como deve ter sido para minha mãe e meu padrasto quando o carro da polícia parou na frente da nossa casa e o policial Green abriu a porta dos fundos revelando... bem, euzinha.

Eu parecia uma coisa saída de um filme sobre a América pós apocalíptica.

preocupar com a hipótese de eu aparecer de novo na escola vestida com roupas Betsey Johnson. A saia estava completamente arruinada, bem como o conjunto de suéter de caxemira. Minha fabulosa jaqueta de motoqueiro podia ficar bem, algum dia, se eu descobrisse um modo de tirar o cheiro de peixe dela. Mas as botas são uma causa perdida.

Vou te contar, mamãe ficou furiosa. E não por causa das minhas roupas.

O interessante é que Andy ficou ainda mais furioso. Interessante porque, claro, ele não era meu pai de verdade.

Mas você deveria ter visto o modo como ele partiu para cima de mim ali mesmo na sala de estar. Porque, claro, eu tive de explicar o que estava fazendo na casa dos Beaumont quando o incêndio começou, em vez de estar onde eu deveria: na escola.

E a única mentira em que pude pensar e que parecia um pouquinho acreditável foi a história da minha matéria do jornal.

Então falei que tinha matado aula para levantar mais detalhes da minha entrevista com o Sr. Beaumont.

Eles não acreditaram, claro. Por aca so sabiam que eu tinha sido mandada da escola para casa, para trocar de roupa. O padre Dominic, alarmado quando eu não voltei a tempo, tinha ligado imediatamente para minha mãe e meu padrasto em seus locais de trabalho para alertar sobre o fato de que eu e stava desaparecida.

- Bem - expliquei. - Eu vinha para casa trocar de roupa quando o irmão do Sr.

Beaumont passou e me ofereceu uma carona, por isso eu aceitei, e quando estava sentada na sala do Sr. Beaumont, comecei a sentir cheiro de fumaça, por isso pu lei a janela...

Certo, até eu tenho de admitir que a coisa toda parecia super suspeita. Mas era melhor do que contar a verdade, certo? Quero dizer, será que eles realmente iriam acreditar que o tio de Tad, Marcus, estava tentando me matar porque eu sabia d emais sobre alguns assassinatos que ele havia cometido em nome da expansão urbana?

Não era muito provável. Nem Tad tentou jogar esse papo para os canas que apareceram junto com os bombeiros, exigindo uma explicação para o motivo de ele estar em casa vestindo calção de banho num dia de aula. Acho que ele não queria encrencar o tio porque isso ficaria mal para o seu pai e coisa e tal. Ele começou a mentir feito um louco dizendo que estava com gripe, e que o médico recomendou que ele tentasse limpar o sínus fi cando longo tempo numa banheira quente (essa é boa: eu definitivamente teria de lembrar para referência futura - Andy estava falando em construir uma banheira de hidromassagem no deque dos fundos de casa).

O pai de Tad, que Deus o abençoe, negou completame nte nossas duas histórias, insistindo em que estivera na sala de estar esperando que o almoço fosse servido quando um dos empregados informou que seu escritório estava pegando fogo.

Ninguém dissera nada sobre Tad estar em casa com gripe, ou que havia uma g arota esperando para ter

uma entrevista com ele.

131

Mas felizmente ele também afirmou que, enquanto esperava o almoço, estava tirando um cochilo em seu caixão.

Isso mesmo: no caixão.

Isso provocou vários olhares desconfiados e por fim foi decidido que o Sr.

Beaumont deveria ser admitido na ala psiquiátrica do hospital local para ser observado durante alguns dias. Isso, como você pode entender, necessariamente cortou qualquer conversa que Tad e eu pudéssemos ter tido na ocasião e, enquanto ele partia com a ambulância e o pai, eu fui pouco cerimoniosamente posta numa rádio patrulha e, eventualmente, quando os policiais se lembraram de mim, fui levada para casa.

Onde, em vez de ser recebida no seio da família, levei a maior bronca da vida.

Não estou brincando. And y ficou furioso. Disse que eu deveria ter vindo direto para casa, trocado de roupa e voltado direto para a escola. Eu não tinha nada que aceitar carona de ninguém, particularmente de empresários ricos que eu mal conhecia.

Além disso, eu tinha matado aula e não importando quantas vezes eu observasse que: a) eu tinha sido chutada da escola; e b) estava fazendo um trabalho para a escola (pelo menos segundo a história que contei a ele), eu tinha essencialmente traído a confiança de todo mundo. Fiquei de castigo uma semana.

Vou te contar, isso quase bastou para que eu pensasse em dizer a verdade.

Quase. Mas não o suficiente.

Eu estava me preparando para subir para o quarto - com o objetivo de "pensar no que eu tinha feito" - quando Dunga entrou e anunciou casualm ente que, a propósito, além de todos os meus outros pecados, eu também lhe tinha dado um soco violento no estômago naquela manhã, sem motivo aparente.

Isso, claro, era uma mentira descarada, e eu fui rápida em lembrar isso a ele: eu tinha sido provocada, desnecessariamente. Mas Andy, que não admite violência por nenhum motivo, de imediato me pôs de castigo por mais uma semana. Como ele também tinha posto Dunga de castigo pelo que quer que tivesse me levado a lhe dar um soco, não me importei demais. Mas mesm o assim a coisa pareceu meio exagerada.

Tão exagerada que, depois de Andy ter saído da sala, meio tive de me sentar, exausta depois de sua fúria, que eu nunca tinha visto antes - bem, pelo menos lançada na minha direção.

- Você realmente deveria ter avisad o onde estava – disse minha mãe, sentando-se à minha frente e olhando meio preocupada para a capa do sofá em que eu estava sentada.

- O pobre do padre Dominic ficou morto de medo por você.

- Desculpe - falei tristonha, repuxando os restos da saia.

- Vou me lembrar da próxima vez.

- Mesmo assim. O policial Green nos disse que você ajudou muito durante o incêndio. Por isso eu acho...

132

Olhei-a.

- Acha o quê?

- Bem. Andy não quer que eu lhe diga, mas...

Ela na verdade se levantou - mamãe, que já entrevistou Yass er Arafat - saiu da sala, ostensivamente para verificar se Andy não poderia estar ouvindo.

Revirei os olhos. Amor. É uma coisa que pode transformar a gente numa tremenda otária.

Enquanto revirava os olhos, notei que minha mãe, que sempre fica com muita energia nervosa numa crise, tinha passado o tempo em que eu estivera desaparecida pendurando mais quadros na parede da sala. Havia alguns novos, que eu não tinha visto antes. Levantei-me para inspecioná-los mais de perto.

Havia um retrato dela com meu pai no dia do casamento. Eles estavam descendo a escada do tribunal onde tinham se casado e seus amigos jogavam arroz.

Pareciam impossivelmente jovens e felizes. Fiquei surpresa em ver uma foto de mamãe e papai junto com as de mamãe se casando com Andy.

Mas então notei que ao lado da foto de mamãe e papai havia uma foto do que devia ser o casamento de Andy com sua primeira mulher. Era mais um retrato de estúdio do que um instantâneo simples. Andy estava de pé, parecendo rígido e meio embaraçado, perto de uma garot a muito magra, meio riponga, de cabelos compridos e retos.

Uma garota riponga que parecia meio familiar.

- Claro que parece - disse uma voz junto ao meu ombro.

- Minha nossa, papai - sibilei, girando. - Quando vai parar com isso?

- Você está numa tremenda encrenca, mocinha – disse meu pai. Ele parecia sério. Bem, tão sério quanto um cara com calças de moletom pode parecer. - O que você estava pensando?

Sussurrei:

- Estava pensando em tornar seguro para as pessoas protestar contra a destruição dos recursos naturais da Califórnia sem ter de se preocuparem em ser lacradas num tambor de óleo e enterradas a sete palmos do chão.

- Não banque a espertinha comigo, Suzannah. Você sabe do que eu estou falando. Você poderia ter sido morta.

- Você está parecendo ele. - Revirei os olhos para a foto de Andy.

- Ele fez a coisa certa, colocando você de castigo – disse meu pai severamente.

- Ele está tentando lhe dar uma lição. Você se comportou de modo impensado e insensato. E não devia ter batido no filho dele.

- No Dunga? Você está brincando?

Mas dava para ver que ele estava falando sério. Também dava para ver que esta era uma discussão que eu não iria ganhar.

Então em vez disso olhei a foto de Andy e sua primeira mulher e falei, carrancuda:

- Você podia ter me falado sobre ela. Isso teria tornado minha vida muito mais simples.

- Eu também não sabia - disse meu pai, dando de ombros. - Não até que vi sua mãe pendurar a foto esta tarde.

- O que quer dizer, não sabia? - Olhei-a furiosa. – Então por que todos aqueles avisos cifrados?

- Bem, eu sabia que Beaumont não era o Red que você estava procurando. Eu lhe disse isso.

- Ah, grande ajuda.

- Olha. - Meu pai pareceu chateado. - Eu não sei tudo. Só estou morto.

Ouvi os passos de mamãe no piso de madeira.

- Mamãe está vindo. Dá o fora.

E papai, pela primeira vez, fez o que eu pedi, de modo que quando mamãe voltou à sala eu estava parada diante das fotos na parede, parecendo muito recatada -

bem, pelo menos para uma garota que praticamente fora queimada viva.

- Escute - sussurrou minha mãe.

Virei de costas para a foto. Mamãe estava segurando um envelope. Era um envelope cor-de-rosa, coberto com pequenos corações e arco -íris desenhados à mão.

O tipo de corações e arco-íris que Gina sempre põe nas cartas que manda de Nova York.

- Andy queria que eu esperasse para lhe contar isso - disse mamãe em voz baixa - até depois de terminar o castigo. Mas não posso. Quero que você saiba que falei com a mãe de Gina, e ela concordou em deixar Gina vir para cá fazer uma visita na semana de férias de primavera, no mês que vem.

Minha mãe desmoronou quando eu envolvi seu pescoço com os dois braços.

- Obrigada! - gritei.

- Ah, querida - disse mamãe me abraçando. Se bem que meio hesitante, notei, já que eu ainda fedia a peixe. - De nada. Eu sei como você s ente falta dela. E sei como tem sido difícil se ajustar a uma escola nova e a amigos novos.

- E a ter irmãos adotivos. Nós temos muito orgulho de como você está se saindo. - Ela se afastou de mim. Dava para ver que continuava querendo me abraçar, mas eu estava nojenta demais, até mesmo para minha mãe. - Bem, pelo menos até agora.

134

Olhei a carta de Gina, que mamãe tinha me entregue. Gina era uma missivista fantástica. Eu mal podia esperar para subir e ler. Só que... só que ainda havia uma coisa me incomodando.

Olhei para trás, por cima do ombro, para a foto de Andy com a primeira esposa.

Mamãe acompanhou meu olhar.

- Ah, sim. Bem, isso manteve minha cabeça ocupada enquanto nós esperávamos notícias suas. Porque não sobe e toma um banho? Andy está fazendo pizza para o jantar.

- A primeira mulher dele - falei, com os olhos ainda grudados na foto. - A mãe de Dunga... quero dizer, a mãe de Brad. Ela morreu, certo?

- Hã-hã. Há vários anos.

- De quê?

- Câncer no ovário. Querida, tenha cuidado com onde vai pôr essas roupas quando tirar. Elas estão cobertas de fuligem. Olha, tem uma gosma preta em cima da minha capa de sofá nova da Pottery Barn.

Olhei a foto.

- Ela... - Lutei para formular a pergunta correta. – Ela entrou em coma, ou alguma coisa do tipo?

- Acho que sim. É, perto do final.

- Andy teve de... - Fiquei revirando a carta de Gina. - Eles tiveram de desligar os aparelhos?

- Sim. - Mamãe tinha esquecido a capa de sofá. Agora estava me encarando, obviamente preocupada. - Sim, de fato eles tiveram de pedir que ela fosse retirada do suporte de vida num certo ponto, já que Andy acreditava que ela não gostaria de viver assim. Por quê?

- Não sei. - Olhei os corações e arco-íris no envelope de Gina. Red. Tinha sido tão idiota. Você me conhece, insistira a mãe de Mestre. Meu Deus, minha licença de mediadora deveria ser revogada. Se houvesse uma licença, coisa que obviamente não há.

- Qual era o nome dela? - perguntei, balançando a cabeça para a foto. - Da mãe de Brad.

- Cynthia.

Cynthia. Meu Deus, que panaca eu sou.

- Querida, venha me ajudar, está bem? - Mamãe ainda estava mexendo na poltrona em que eu tinha me sentado.

- Não consigo soltar esta almofada...

Enfiei o envelope de Gina no bolso e fui ajudar mamãe.

135

- Onde está Mestre? Quero dizer, David?

Mamãe me olhou curiosamente.

- Lá em cima no quarto dele, acho, fazendo o dever de casa. Por quê?

- Ah, eu só tenho de contar uma coisa a ele. Uma coisa que deveria ter contado há muito tempo.

136

Capítulo 23

E então? - perguntou Jesse. - Como ele recebeu a coisa? - Não quero falar nisso.

Eu estava esticada na cama, totalmente sem maquiagem, vestida com meu agasalho de corrida mais antigo. Tinha um novo plano: decidi que iria tratar Jesse exatamente como tratava meus irmãos adotivos. Desse modo teria a garantia de não me apaixonar por ele. Estava folheando um exemplar da Vogue em vez de fazer meu dever de geometria como deveria. Jesse estava na sentadeira da janela - claro -

acariciando Spike.

Jesse balançou a cabeça.

- Qual é? - Eu sempre achava estranho quando Jesse dizia co isas como Qual é.

Parecia muito esquisito vindo de um cara que usava camisa com amarrados em vez de botões. - Conte o que ele disse.

Virei uma página da revista.

- Conte o que vocês fizeram com Marcus.

Jesse pareceu meio surpreso com a pergunta.

- Nós não fizemos nada com ele.

- Besteira. Então para onde ele foi?

Jesse deu de ombros e coçou Spike debaixo do queixo. O gato estúpido estava ronronando tão alto que dava para ouvir do outro lado do quarto.

- Acho que ele decidiu viajar por um tempo. - O tom de Jesse era de uma inocência enganadora.

- Sem dinheiro? Sem os cartões de crédito? Uma das coisas que os bombeiros tinham achado no quarto era a carteira de Marcus... e a arma dele.

- Há uma coisa a ser dita com relação a conhecer este seu grande país a pé -

Jesse deu um tapinha nas costas de Spike quando o gato lhe deu uma patada preguiçosa. –Talvez ele passe a apreciar melhor a beleza natural.

Funguei e virei uma página da revista.

- Ele vai voltar em uma semana.

- Acho que não.

Jesse falou isso com tanta ce rteza que eu senti suspeitas instantaneamente.

- Por quê?

Ele hesitou. Não queria contar, dava para ver.

- O quê? - falei. - Contar a mim, um mero ser vivo, vai violar algum código espectral?

- Não - disse Jesse com um sorriso. - Ele não vai voltar, Suzannah, porque as almas das pessoas que ele matou não vão deixar.

Levantei as sobrancelhas.

- O que você quer dizer?

- Na minha época diriam que ele está atormentado. Não sei como chamam agora. Mas sua intervenção teve um grande efeito na Sra. Fiske e nos outr os três cuja vida Marcus tirou. Eles se juntaram e não vão descansar enquanto ele não for suficientemente punido pelos crimes. Ele pode correr de uma ponta da terra à outra, mas nunca vai escapar deles. Pelo menos até morrer. E quando isso acontecer – a voz de Jesse estava dura - ele será apenas uma sombra do que foi.

Não falei nada. Não podia. Como mediadora, sabia que não deveria aprovar esse tipo de comportamento. Quero dizer, os fantasmas não deveriam ter permissão de tomar a lei nas próprias mãos, tant o quanto qualquer ser vivo.

Mas eu não gostava particularmente de Marcus e nem tinha como provar que ele havia matado aquelas pessoas. Eu sabia que ele nunca seria punido pelos habitantes deste mundo. Então o que havia de tão errado em ser punido pelos que viviam no outro?

Olhei para Jesse pelo canto dos olhos, lembrando que, pelo que eu tinha lido, ninguém jamais fora condenado pelo crime contra ele, também.

- Então - falei - acho que você fez a mesma coisa, hein, com as... é ... pessoas que mataram você, certo?

Mas Jesse não engoliu a pergunta marota. Apenas sorriu e disse:

- Diga o que aconteceu com seu irmão.

- Irmão adotivo - lembrei.

E não ia contar a Jesse sobre minha conversa com Mestre, assim como Jesse não contaria chongas sobre como tinha morrido. Só que no meu caso era porque o que tinha acontecido com Mestre era simplesmente embaraçoso demais para contar.

Jesse não queria falar sobre como tinha morrido por que... bem, não sei. Mas duvido de que fosse porque se sentia sem graça com isso.

Eu tinha encontrado Mestre exatamente onde mamãe disse que ele estaria, em seu quarto fazendo o dever de casa, um trabalho que só deveria ser entregado no mês seguinte. Mas assim era o Mestre: por que deixar para amanhã um dever de casa que você podia fazer hoje?

Seu "entra", quando eu bati na porta foi casual. Ele não havia suspeitado que era eu. Eu nunca entrava nos

quartos dos meus irmãos adotivos, se pudesse evitar. O

cheiro de meias sujas era simplesmente avassalador demais.

Só que como eu também não estava che irando a frescor de margaridas naquele momento em particular, achei que suportaria.

Mestre ficou chocado ao me ver, com o rosto quase tão vermelho quanto os cabelos. Pulou e tentou esconder a pilha de cuecas sujas debaixo do edredom da cama desfeita. Mandei relaxar. E então me sentei naquela cama desarrumada e disse que tinha uma coisa para lhe contar.

Como ele recebeu? Bem, para começar, ele não fez um monte de perguntas estúpidas tipo como você sabe? Ele sabia como eu sabia. Sabia um pouco sobre o negócio de mediação. Não muito, mas o bastante para saber que eu me comunico, numa base um tanto regular, com os mortos.

Acho que foi o fato de que era com sua mãe que eu estivera me comunicando dessa vez que lhe trouxe lágrimas aos olhos azuis... e me deixou mei o chocada. Eu nunca tinha visto Mestre chorar.

- Ei - falei cheia de alarme. - Ei, tudo bem...

- Como... - Mestre estava contendo um soluço. Dava para ver totalmente. -

Como era sua aparência?

- Como era sua aparência? - repeti, sem ter certeza de que tinha ouvido direito.

Mas diante de sua vigorosa confirmação com a cabeça falei, com cuidado: - Bem, ela estava... ela estava bem bonita.

Os olhos cheios de lágrimas de Mestre se arregalaram.

- Mesmo?

- É. Foi por isso que eu reconheci, você sabe. Por causa da foto dela com seu pai, lá embaixo. Ela estava daquele jeito. Só com o cabelo mais curto.

O esforço que Mestre estava fazendo para não chorar fez com que sua voz tremesse.

- Eu queria poder... eu queria poder vê -la assim. Na última vez em que a vi, ela estava terrível. Não como naquela foto. Você não teria reconhecido. Ela estava em c -

coma.

- Os olhos dela estavam fundos. E havia um monte de tubos saindo dela...

Mesmo eu estando sentada a uns trinta centímetros dele, senti o tremor que o atravessou. Falei gentilmente:

- David, o que vocês fizeram, quando tomaram a decisão de deixar que ela fosse embora... foi a coisa certa. Foi o que ela queria. É isso que ela precisa garantir que você entenda. Você sabe que foi a coisa

certa, não sabe?

Os olhos dele estavam tão profundamente cravados nos meus que eu mal podia ver suas íris. Enquanto eu olhava, uma lágrima escapou e escorreu pela bochecha, seguida rapidamente por outra do lado oposto do rosto.

I-intelectualmente - disse ele. - Acho que sim. M-mas... Foi a coisa certa -

repeti com firmeza. - Você tem de acreditar. Ela acredita. Então pare de se censurar.

Ela ama você demais...

Isso foi a conta. Agora as lágrimas escorriam com força total.

- Ela disse isso? - perguntou ele numa voz embargada que me lembrou de que, afinal de contas, ele ainda era um garotinho bem pequeno e não o computador sobre -

humano que finge ser algumas vezes.

- Claro que disse.

Ela não tinha dito, claro, mas tenho certeza de que teria, se não estivesse tão enojada com minha incompetência tota l.

Então Mestre fez uma coisa que me chocou por completo: envolveu meu pescoço com os dois braços.

Esse tipo de demonstração passional era tão pouco estilo Mestre que eu não soube o que fazer. Fiquei ali sentada por um momento incômodo, sem me mexer, com medo de que, se fizesse isso, poderia cortar seu rosto com algum dos rebites da minha jaqueta. Mas, finalmente, quando ele não me soltou, levantei a mão e lhe dei um tapinha inseguro no ombro.

- Tudo bem - falei debilmente. - Vai ficar tudo bem.

Ele chorou por uns dois minutos. O fato de ter se agarrado a mim, chorando daquele jeito, me deu uma sensação estranha. Era uma espécie de sentimento protetor.

Então ele finalmente se inclinou para trás, e, sem graça, enxugou os olhos de novo e disse:

- Desculpe.

- Bobagem - falei. Embora, claro, não fosse.

- Suze. Posso perguntar uma coisa?

Esperando mais perguntas sobre sua mãe, falei:

- Claro.

- Por que você está fedendo a peixe?

Voltei ao quarto pouco depois, abalada não somente pela reação emocional de Mestre ao recado mas também por outra coisa. Uma coisa que eu não tinha contado a Mestre, e que também não tinha intenção

de mencionar a Jesse.

Foi que enquanto eu estava abraçada a Mestre sua mãe tinha se materializado do lado oposto da cama e olhado para mim.

- Obrigada - disse ela. Vi que ela estava chorando quase tanto quanto o filho.

Só que suas lágrimas, tive uma consciência desconfortável, eram de gratidão e amor.

Com toda aquela gente chorando em volta de mim, teria sido realmente um espanto que meus olhos ta mbém se enchessem? Puxa, qual é. Eu sou apenas humana.

Mas realmente odeio quando choro. Prefiro sangrar, vomitar ou sei lá o quê.

Chorar é simplesmente...

Bem, é o pior.

Dá para ver por que eu não podia contar nada disso a Jesse. Era simplesmente...

pessoal demais. Era entre Mestre, a mãe dele e eu, e nem cavalos selvagens - ou fantasmas excessivamente bonitos que por acaso morassem no meu quarto - iriam arrancar isso de mim.

Jesse, eu vi quando levantei o olhar da matéria que eu estava espiando sem ver (Como saber se ele a ama em segredo. É, certo. Um problema que eu não tenho de jeito nenhum), estava rindo para mim.

- Mesmo assim - disse ele. - Você deve estar se sentindo bem. Não é todo mediador que pega um assassino sozinho.

Grunhi e virei outra folha.

- É uma honra sem a qual definitivamente eu poderia viver. E não fiz isso sozinha. Você ajudou. - Depois lembrei que, na verdade, eu estava com a situação bastante resolvida quando Jesse apareceu. Por isso acrescentei: - Bem, mais ou menos.

Mas isso pareceu indelicado. Por isso falei, de má vontade:

- Obrigada por você ter aparecido daquele jeito.

- Como eu poderia não aparecer? Você me chamou. - Ele tinha achado um pedaço de barbante em algum lugar e agora balançava-o na frente de Spike, que o olhou com uma expressão que parecia dizer "O que você acha, que eu sou estúpido?”

- Hmm. Eu não chamei você, certo? Não sei de onde você tirou isso.

Ele me olhou, com os olhos mais escuros do que nunca à luz do sol poente que jorrava sem misericórdia no meu quarto tod o dia no fim de tarde.

- Eu ouvi você claramente, Suzannah.

Franzi a testa. Isso estava ficando um pouco esquisito demais para mim.

Primeiro a Sra. Fiske tinha aparecido quando tudo que eu fiz foi pensar nela. E depois Jesse fez a mesma coisa. Só que, pelo que eu sabia, eu não tinha chamado nenhum dos dois. Tinha pensado neles, certo.

Nossa. Havia mais coisas nesse negócio de mediação do que eu havia suspeitado.

- Bem, já que estamos no assunto - falei -, por que você não me contou que Red era o apelido que a mãe

de Mestre deu a ele?

Jesse me olhou perplexo.

- Como é que eu ia saber?

Certo. Eu não tinha pensado nisso. Andy e minha mãe tinham comprado a casa

- a casa de Jesse - só no verão passado. Jesse não poderia saber quem era Cynthia. E

no entanto...

Bem, ele devia saber alguma coisa sobre ela.

Fantasmas. Será que algum dia eu iria entendê -los?

- O que o padre disse? - perguntou Jesse, numa óbvia tentativa de mudar de assunto. - Quero dizer, quando você contou a eles sobre os Beaumont.

- Não muita coisa. Ele ficou bem chateado comigo porque não contei imediatamente sobre Marcus e seus negócios. - Tive o cuidado de não acrescentar que o padre Dom também estava pirado com o negócio do Jesse. Isso, ele me garantiu, era um assunto que iríamos discutir longamen te na manhã seguinte, na escola. Eu mal podia esperar. Não era de espantar que estivesse me ferrando tanto em geometria, dado o tempo que passava na sala do diretor.

O telefone tocou. Atendi, agradecida por uma desculpa para não ter de continuar mentindo a Jesse.

- Alô?

Jesse me lançou um olhar azedo. O telefone é uma conveniência moderna sem a qual Jesse insiste em que viveria feliz. A tevê é outra. Mas ele parece não se incomodar com Madonna.

- Sue?

Surpresa, surpresa. Era Tad.

- Ah, oi.

- Hmm. Sou eu, Tad.

Não me pergunte como esse cara e o cara que tinha cometido tantos assassinatos sem ser preso compartilhavam dos mesmos genes. Realmente não entendo.

Revirei os olhos e, jogando o exemplar da Vogue no chão, peguei a carta de Gina e reli.

- Eu sei que é você, Tad. Como seu pai está?

- Hmm. Muito melhor, na verdade. Parece que alguém estava dando alguma coisa a ele, uma coisa que meu pai achava que era remédio e que podia estar tendo algum tipo de efeito alucinógeno nele. Os médicos acham que isso podia est ar fazendo com que ele pensasse que era... bem, o que ele acha que é.

- Verdade?

Cara, escreveu Gina em sua letra grande e cheia de curvas. *Parece que eu vou ao oeste ver você! Sua mãe é um barato! E também esse seu pai adotivo. Mal posso esperar para conhecer a galera nova. Eles não podem ser tão ruins como você diz.*

Quer apostar?

- É. Então eles vão tentar, você sabe, desintoxicá -lo durante um tempo e a esperança é de que, assim que esse negócio, o que quer que seja, saia do sangue dele, ele volte a ser o que era.

- Uau, Tad. Isso é ótimo.

- É. Mas vai demorar um tempo, já que acho que ele vem tomando esse negócio desde logo depois da morte da minha mãe. Eu acho... bem, eu não contei a ninguém, mas estou imaginando se o tio Marcus podia estar dando esse ne gócio ao meu pai. Não para fazer mal a ele nem nada...

É, certo. Ele não estava tentando fazer mal. Estava tentando controlar as Indústrias Beaumont, só isso. E tinha conseguido.

- Acho que ele podia ter pensado que estava ajudando ao meu pai. Logo depois da morte da minha mãe, papai ficou muito abalado. O tio Marcus só estava tentando ajudar, tenho certeza.

Como estava tentando ajudar a você, Tad, quando lhe deu uma cacetada com o revólver e trocou sua Levis por um short de banho. Percebi que Tad estava nu m tremendo processo de negação.

- De qualquer modo - continuou ele. - Eu só queria dizer... é... obrigado. Quero dizer, por não ter contado nada aos canas sobre o meu tio. Quero dizer, a gente provavelmente deveria ter dito, certo? Mas parece que ele sumiu , e, você sabe, seria meio ruim para os negócios do meu pai...

Essa conversa estava ficando esquisita demais para mim. Voltei ao conforto da carta de Gina.

E o que eu devo levar? Quero dizer, para vestir? Comprei uma calça Miu Miu chiquerésima por vinte pratas, numa promoção na Filene's, mas aí não está fazendo um tempo tipo SOS Malibu? A calça é de lã. Além do mais, é melhor você conseguir que a gente seja convidada a umas festas maneiras enquanto eu estiver aí, porque mandei fazer trancinhas novas, e, gar ota, vou te contar, estou um ARRASO. Foi Shauna quem fez, e ela só me cobrou um dólar por cada. Claro que eu tive de tomar conta do irmãozinho fedorento dela no sábado, mas quem se importa? Valeu a pena.

- Bem, de qualquer modo, eu só liguei para agradecer por você ter sido, você sabe, tão legal com tudo.

Além disso, escreveu Gina, *acho que você deveria saber, eu estou pensando seriamente em fazer uma tatuagem enquanto estiver aí. Eu sei, eu sei. Mamãe não ficou exatamente empolgada com o piercing na língua . Mas estou achando que não tem motivo para ela ver a tatuagem, se eu fizer onde estou pensando. Se é que você me entende! UM BEIJÃO - G*

Além disso, acho que devo dizer, já que meu tio foi embora e meu pai está...

você sabe, no hospital... parece que eu tenho de ficar com minha tia um tempo, em São Francisco. Por isso não vou estar por aqui durante umas semanas. Ou pelo menos até meu pai melhorar.

Percebi que nunca mais ia ver Tad de novo. Para ele eu acabaria me tornando só uma lembrança incômoda do que ti nha acontecido. E por que ele iria querer ficar com alguém que o faz se lembrar do tempo doloroso em que seu pai andava por aí fingindo ser o conde Drácula?

Achei isso meio triste, mas podia entender.

P.S.: Saca isso! Eu achei num brechó. Lembra daquela pa ranormal pirada que a gente foi ver uma vez? A que chamou você de... como foi mesmo? Ah, é, de mediadora. Condutora de almas? Bem, olha só! Bela roupa. Sério. Muito Cynthia Rowley.

Enfiada no envelope junto com a carta de Gina estava uma velha carta do tar ô.

Parecia ser de um baralho de iniciante, porque havia uma explicação impressa sob a ilustração, que era de um velho de barba branca e comprida segurando uma lanterna.

O Arcano Nove - dizia a explicação. O eremita, a nona carta do tarô, guia as almas dos mortos para além da tentação das fogueiras ilusórias ao lado da estrada, de modo que possam ir direto ao seu objetivo mais elevado.

Gina tinha desenhado um balão saindo da boca do eremita, com as seguintes palavras: Oi, eu sou Suze, serei sua guia espiritu al na outra vida. Certo, qual de vocês, seus sacanas, pegou meu brilho labial?

- Sue? - Tad pareceu preocupado. - Sue, você ainda está aí?

- Estou. Estou aqui. Que pena, Tad. Vou sentir falta de você.

- É. Eu também. É uma pena você nunca ter me visto jogar.

- É. É uma pena mesmo.

Tad murmurou um último adeus em sua voz sensual e sedosa e depois desligou.

Eu fiz o mesmo, tendo o cuidado de não olhar na direção de Jesse.

- Então - disse Jesse sem ao menos um "desculpe por ter ouvido sua conversa particular". - Você e Tad? Acabaram?

Olhei-o furiosa.

- Não que seja da sua conta - falei rigidamente. – Mas é, parece que Tad vai se mudar para São Francisco.

Jesse nem teve a decência de tentar esconder o riso.

Em vez de deixar que ele pegasse no meu pé, peguei a ca rta do tarô que Gina tinha me mandado. É curioso, mas parecia a mesma que Pru, a tia de Cee Cee ficava virando quando nós estivemos em sua casa. Será que eu tinha feito com que aquilo acontecesse? Fiquei pensando. Teria sido por minha causa?

Mas certamente eu não era grande coisa como condutora de almas. Quero dizer, veja só a confusão que eu fiz com a mãe de Mestre.

Por outro lado, eu acabei deduzindo. E no meio tempo ajudei a parar com as atividades de um assassino...

Talvez eu não fosse tão ruim nesse ne gócio de mediação quanto pensava.

Estava ali sentada no meio da minha cama, tentando deduzir o que faria com a carta - pregar na porta? Ou isso geraria muitas perguntas curiosas? Grudar dentro do meu armário da escola? - quando alguém bateu na porta do qua rto.





- Entra - falei.

A porta se abriu e Dunga ficou ali parado.

- Ei - disse ele. - O jantar está pronto. Papai disse para você descer. - Ei. - Sua expressão normalmente idiota se transformou num riso de deleite malicioso. - Isso é um gato?

Olhei para Spike. E engoli em seco.

- Hmm. É. Mas escuta, Dun... quero dizer, Brad. Por favor, não conte ao seu...

- Você está... totalmente... ferrada - disse Dunga.

Criação de PDF: / Roberta Mix

Dowloads Mix